

**UNIVERSIDADE DE PERNAMBUCO *CAMPUS* PETROLINA
CURSO DE ENFERMAGEM**

PROJETO PEDAGÓGICO DO CURSO DE ENFERMAGEM

**PETROLINA
2011**

REITOR

Professor Carlos Fernando de Araújo Calado

VICE-REITOR

Professor Rivaldo Mendes de Albuquerque

PRÓ-REITORA DE GRADUAÇÃO

Professora Izabel Christina Avelar Silva

DIRETORA

Professora Maria do Socorro Ribeiro Nunes

VICE-DIRETORA

Professora Leilyane Conceição Souza Coelho

COORDENAÇÃO SETORIAL DE GRADUAÇÃO

Professor Carlos Eduardo Romeiro Pinho

COORDENAÇÃO DO CURSO DE ENFERMAGEM

Professora Marta Solange Albuquerque Guimarães

VICE - COORDENAÇÃO DO CURSO DE ENFERMAGEM

Professora Marismar Fernandes do Nascimento

Elaboração do Projeto Pedagógico do Curso de Enfermagem

DOCENTES:

Alda Maria Justo

Fábio Sergio Barbosa da Silva

Maryluce A da Silva Campos

Maria Antonieta Albuquerque de Souza

Maria Elda Alves de Lacerda Campos

Marismar Fernandes do Nascimento

Marta Solange Albuquerque Guimarães

Thereza Christina da Cunha Lima Gama

Wolmir Ercides Péres

DISCENTES:

Ediane de Queiroz Andrade

Jordana Fernandes Nonato

Marina Alves da Silva

Wyara da Silva do Espírito Santo

SUMÁRIO

1	APRESENTAÇÃO.....	4
1.1	Condições de oferta do curso	5
2	JUSTIFICATIVA.....	5
3	OBJETIVOS.....	6
3.1	Geral.....	6
3.2	Específicos.....	6
4	PERFIL DO EGRESSO	6
5	COMPETÊNCIAS E HABILIDADES A SEREM DESENVOLVIDAS PELO ALUNO .6	
5.1	Habilidades Específicas	7
6	CONCEPÇÃO METODOLÓGICA.....	7
6.1	Organização Didático-Pedagógica.....	8
6.1.1	Orientação pedagógica sistemática aos docentes	8
6.1.2	Inclusão de temas transversais no planejamento semestral de ensino.....	8
6.1.3	Integração do tronco comum e tronco profissional	9
6.1.4	Contato precoce da atuação profissional	9
6.1.5	Conhecendo a UPE e o Curso de Enfermagem.....	9
6.1.6	Atendimento ao aluno.....	9
6.1.7	Organização das aulas práticas	9
7	ORGANIZAÇÃO CURRICULAR	10
7.1	Estrutura Curricular	10
7.2	Perfil Curricular	11
7.3	ESTÁGIO CURRICULAR.....	12
7.4	TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO (TCC).....	13
7.4.1	Orientação/Co-orientação do TCC	13
7.4.2	Redação do TCC.....	13
7.4.3	Avaliação do TCC.....	13
7.5	ATIVIDADES COMPLEMENTARES DO CURSO (ACC)	14
8	AVALIAÇÃO	14
8.1	Avaliação Institucional	14
8.2	Avaliação Externa	15
8.3	Avaliação Abrangente.....	15
8.4	Avaliação do Ensino e Aprendizagem.....	15
8.5	Acompanhamento dos Egressos como Indicador da Avaliação.....	16
9	INFRAESTUTURA DE APOIO AO CURSO	16
9.1	Aspectos Físicos Utilizados no Desenvolvimento do Curso.....	16
9.1.1	O <i>Campus</i> UPE Petrolina dispõe:.....	16
9.2	Biblioteca.....	17
10	CORPO DOCENTE	17
10.1	Colegiado de Enfermagem	17
10.2	Núcleo Docente Estruturante.....	18
11	EMENTÁRIO E REFERÊNCIAS	20
	REFERÊNCIAS	40
	APÊNDICES.....	41

1 APRESENTAÇÃO

O município de Petrolina localiza-se na região semiárida do Vale do São Francisco, distante 776 km do Recife e 500 km de Salvador. Situa-se em um cruzamento rodoviário que o liga a diferentes regiões do país, o que reforça a sua posição como pólo de desenvolvimento sócio-econômico. A população do município é de 287.233 habitantes e densidade demográfica de 60,4 hab. /km² (IBGE, 2010). Na zona urbana existem trinta e quatro bairros, que se apresentam de forma heterogênea quanto à densidade demográfica e são marcados por grandes desigualdades sociais. Na área rural a população está estimada em 30.000 habitantes. Existem distritos, fazendas e povoados com 14 agrovilas que formam o perímetro irrigado Projeto Senador Nilo Coelho, implantado na década de 60. É importante ressaltar que a fruticultura irrigada é uma das principais atividades econômicas da região, sendo reconhecida mundialmente pela qualidade de seus produtos. Petrolina destaca-se na relevância econômica e política regional e tem despontado como importante pólo nas áreas de saúde e educação.

Este projeto está adequado às diretrizes curriculares do Curso de Enfermagem e à realidade local, como finalidade ampliar o conhecimento do aluno para compreender e intervir no processo saúde-doença da população regional, e para atuar na prática enquanto enfermeiro (a). Desse modo, o conhecimento e a apreensão surgem como elementos essenciais para o desenvolvimento do pensamento crítico, necessários à compreensão do saber atualizado e na aplicabilidade contextual da sociedade, pela competência científica, política e social para transformar a realidade regional.

O Curso de Enfermagem na UPE *Campus* Petrolina foi criado em 27 de junho de 2002, através da Resolução do Conselho Universitário – CONSUN - 10/2002, tendo o início de funcionamento em 18 de outubro de 2006. Muitas dificuldades aconteceram neste período, desde as condições mínimas exigidas pelo processo de ensino e aprendizagem perpassando pelas instalações inadequadas e falta de material de consumo para o suprimento dos laboratórios, provisão do acervo bibliográfico para a área de ensino proposta, corpo docente efetivo específico insuficiente em quantitativo, prédio inacabado com deslocamento dos cursos para prédios fora do *Campus* da UPE, falta de pessoal administrativo para assegurar o serviço de apoio, dentre outros que foram contributivos para declarar fragilidades do processo de implantação do curso. Essa situação crítica resultou em um movimento de paralisação por parte dos discentes em 08 de dezembro de 2006, cujo objetivo era a melhoria das condições de oferta do curso. O retorno às aulas ocorreu em 04 de abril de 2007, após oitenta dias de paralisação, durante a visita do Magnífico Reitor e da Pró-Reitora de Graduação, que iniciaram sua gestão em janeiro de 2007, no cumprimento da agenda “UPE Itinerante”. Naquela etapa aconteceu uma grande evasão de alunos, que reduziu à metade as duas primeiras turmas. A partir dessa situação, houve a fusão das duas primeiras turmas: 2006.2, turma do vestibular especial e 2007.1, turma do vestibular tradicional.

Os primeiros docentes foram contratados em 2006, mediante seleção pública simplificada, seguido de concurso público para docentes efetivos. No período inicial, editais de concurso público para seleção dos docentes efetivos contemplou quinze professores de áreas afins do curso para as disciplinas do tronco comum e quatro enfermeiras para disciplinas específicas de Enfermagem. O processo de seleção pública para professor efetivo foi ocorrendo à conveniência das vagas disponibilizadas pelo Governo Estadual de Pernambuco e, conseqüentemente dos editais públicos, como no caso de 2010, que foram admitidos onze (11) docentes enfermeiros para atender às disciplinas contempladas até aquele momento do curso e um (01) biólogo, que na mesma seleção foi admitido como professor de Anatomia Humana, caracterizando nova fase no processo de implantação do curso, vivenciado nos anos anteriores com apenas 04 (quatro) docentes-enfermeiras efetivas, 02 (dois) docentes substitutos e a colaboração de professores “horistas” que não se envolviam na gestão, pesquisa e extensão.

O Colegiado do curso de Enfermagem do *Campus* Petrolina apresenta ao Conselho de Extensão e Pesquisa (CEPE) da Universidade de Pernambuco, o Projeto Pedagógico do Curso e

solicita viabilizar a autorização para o reconhecimento.

1.1 Condições de oferta do curso

Denominação: Bacharelado em Enfermagem			
Realização: Universidade de Pernambuco <i>Campus</i> Petrolina			
Tempo de Integralização Curricular e Carga Horária			
Perfil	Tempo de Integralização Curricular		Carga Horária de Integralização Curricular (h)
	Mínimo	Máximo	
2007	9 semestres (quatro anos e meio)	16 semestres (oito anos);	4.100
2009	10 semestres (cinco anos)	18 semestres (nove anos)	4.190
Regime Escolar: semestral			
Modalidade: presencial			
Turnos de Funcionamento: manhã e tarde			
Número de vagas: 40 ao ano			
Forma de Ingresso do Aluno: processo seletivo por vestibular e por transferências (sob edital): externa, interna e <i>ex-offício</i> .			

Quadro 1 - Condições de oferta do curso de Enfermagem, *Campus* Petrolina, 2011

2 JUSTIFICATIVA

O município de Petrolina é sede da VIII Gerência Regional de Saúde do Estado de Pernambuco e integra a Macrorregião Interestadual Pernambuco/Bahia, posição que permitirá a expansão de seu já desenvolvido pólo médico. O município recebe usuários que buscam atendimento especializado de alta densidade tecnológica tanto da macrorregional de saúde (conformada pelas microrregiões representadas pelos municípios pernambucanos do Salgueiro, Petrolina e Ouricuri) quanto dos Estados da Bahia e do Piauí. Possui atualmente seis hospitais, sendo quatro privados (Imaculada Conceição, Hospital Geral de Urgências, Hospitais Neurocárdio e Memorial) e dois públicos (Hospital Dom Malan/IMIP e Hospital de Urgências e Traumas - HUT), contando ainda com mais de vinte clínicas privadas especializadas, destacando-se as de cirurgias em geral, hemodiálise, captação e transplante de órgãos (DATASUS/CNES, 2010).

A cobertura da atenção primária em saúde é de 81% da população. Possui atualmente 48 Equipes de Saúde da Família e 17 Equipes do Programa de Agentes Comunitários de saúde que desenvolvem os principais programas da atenção básica nas áreas de saúde da criança, da mulher e do adulto.

A ampliação de oportunidades de trabalho no setor saúde, em resposta à evolução em suas diversas áreas, tem impulsionado a proposição de projetos de formação em graduação para atender aos reclamos da sociedade na formação de um potencial humano na área, com visão pluralista, com competências e habilidades para intervir sobre essa realidade particular. Os processos de trabalho em saúde, especialmente com a implantação do Sistema Único de Saúde, exigem a efetiva participação do enfermeiro (a) na organização dos serviços e na atuação em ações nos diversos níveis de atenção, evidenciando a importância desse profissional para o desempenho de funções essenciais na área de saúde.

As potencialidades de desenvolvimento do município e a resolubilidade de problemas de saúde advinda da organização da macrorregião interestadual Pernambuco-Bahia justificam a oferta do Curso de Enfermagem no município de Petrolina para consolidar a interiorização do ensino de graduação nas regiões mais afastadas da capital. A disponibilização do curso colaborará para a efetiva interiorização do profissional, contribuindo para melhoria da qualidade de vida da população e o fortalecimento das políticas públicas de saúde.

O curso possibilitará o desenvolvimento de projetos de pesquisa e extensão junto à comunidade, podendo fornecer logística acadêmica para posterior especialização de profissionais atuantes na área de saúde.

3 OBJETIVOS

3.1 Geral

Formar profissionais enfermeiros (as) aptos a cuidar do ser humano, família, grupos e comunidade em situações de saúde e doença, no âmbito da gestão, gerência, supervisão e avaliação no Sistema Único de Saúde.

3.2 Específicos

Propiciar ao estudante a construção de conhecimentos e experiências diversificadas inerentes à profissão vinculados à realidade social;

Possibilitar desenvolvimento de prática pedagógica interativa, contextualizada produtora de conhecimentos e intervenções;

Integrar ensino- trabalho- comunidade, implicando em uma imediata contribuição para a sociedade.

4 PERFIL DO EGRESSO

Enfermeiro (a) com formação generalista, humanista, crítica e reflexiva qualificada para o exercício da Enfermagem pautada em princípios científicos e éticos; Capacitado (a) para conhecer e intervir sobre os problemas sociais mais prevalentes no perfil epidemiológico nacional, com ênfase regional, identificando as dimensões biopsicossociais dos seus determinantes; Capacitado (a) a atuar, com senso de responsabilidade social e compromisso com a cidadania, como promotor da saúde integral do ser humano.

5 COMPETÊNCIAS E HABILIDADES A SEREM DESENVOLVIDAS PELO ALUNO

Conforme artigo 4º da Resolução CNE/CES Nº. 3, de sete de novembro de 2001, a formação do enfermeiro tem por objetivo dotar o profissional dos conhecimentos requeridos para o exercício das seguintes competências e habilidades gerais:

- Atenção à saúde: apto a desenvolver ações de prevenção, promoção e reabilitação da saúde, tanto em nível individual quanto coletivo; realizar serviço dentro do mais alto padrão de qualidade e dos princípios da ética/bioética, tendo em conta que a responsabilidade da atenção à saúde não se encerra com o ato técnico, mas sim, com a resolução do problema de saúde, tanto em nível individual como coletivo;
- Tomada de decisões: capacitado a tomar decisões visando o uso apropriado, eficácia e custo efetividade, da força de trabalho, de medicamentos, de equipamentos, de procedimentos e de práticas;
- Comunicação: ser acessível e manter a confidencialidade das informações a eles confiadas, na interação com outros profissionais de saúde e o público em geral;

- Liderança: apto a assumir posições de liderança, sempre tendo em vista o bem-estar da comunidade. A liderança envolve compromisso, responsabilidade, empatia, habilidade para tomada de decisões, comunicação e gerenciamento de forma efetiva e eficaz;
- Administração e gerenciamento: apto a iniciativas, fazer o gerenciamento e administração tanto da força de trabalho quanto dos recursos físicos e materiais e de informação; deve estar apto a ser empreendedor, gestor, empregado ou líder da equipe de saúde;
- Educação permanente: aprender continuamente, tanto na sua formação quanto na sua prática.

5.1 Habilidades Específicas

- Intervir no processo saúde-doença, visando à qualidade da assistência, identificando as necessidades individuais e coletivas de saúde da população;
 - Promover estilos de vida saudáveis;
 - Assumir o compromisso ético, humanístico e social nas suas ações;
 - Responder às especificidades regionais e setoriais de saúde, intervindo estrategicamente nos níveis de educação, prevenção, promoção, reabilitação e atenção (cuidar);
 - Integrar ações de enfermagem com outros componentes da equipe multidisciplinar; Programar, planejar, propor e participar de Programas de Educação Permanente;
 - Gerenciar o processo do cuidar em Enfermagem atentando para os princípios éticos, com caráter de minimizar problemas em nível individual e coletivo;
 - Estar apto a utilizar novas tecnologias no campo da informação;
- Interagir na comunicação e terapêutica para o “Cuidar em Enfermagem”.

6 CONCEPÇÃO METODOLÓGICA

Implementar metodologia no processo “ensinar e aprender” que estimule o aluno a refletir sobre a realidade social e “aprenda a aprender”, em oposição à formação que prioriza o conhecimento técnico em detrimento do conhecimento sócio valorativo. Em relação a aprender a aprender, considera-se que o formando egresso/profissional deve desenvolver a capacidade de pensar criticamente, sistematizar, avaliar e decidir. Neste tema verificam-se aspectos extremamente relevantes na Enfermagem que abordam o “empoderamento” do (a) enfermeiro (a) que passa a se reconhecer e a exercer papel social e se tornar capaz de transformar o contexto onde atua.

Priorizar a utilização de metodologias ativas de ensino e aprendizagem, que considerem o trabalho em saúde como eixo estruturante das atividades, na integração entre o ensino e os serviços de saúde e no aperfeiçoamento da atenção integral à saúde da população. (NETO, L.D. *et al.* 2007)

Aliados aos recursos tecnológicos como exposição didática, estudos práticos, estudos dirigidos, estudos independentes, seminários, inclusão de visitas técnicas, enquetes, acesso à internet, encenações, discussão de casos clínicos e situações-problema pautados no cotidiano da profissão, assegurar a inclusão de procedimentos metodológicos que vinculam a vida acadêmica à realidade social através da articulação da Pesquisa com a Extensão. A utilização de instrumentos facilitadores do processo de construção e assimilação do conhecimento desenvolve no aluno a cultura investigativa e uma postura criativa que lhe permite avançar frente ao desconhecido.

Incorporar, no processo de formação a abordagem integral do processo saúde-doença e da promoção de saúde. Nessa perspectiva a interação ativa do aluno com a população e profissionais de saúde deverá ocorrer desde o início do processo de formação, proporcionando ao estudante trabalhar sobre problemas reais, assumindo responsabilidades crescentes como agente prestador de cuidados compatíveis com seu grau de autonomia.

A inserção precoce do aluno em atividades de enfermagem na Atenção Básica é estratégica, substituindo o modelo tradicional de organização do cuidado em saúde - historicamente centrado na doença e no atendimento hospitalar, na medida em que se busca, por meio desta atenção, concretizar a universalidade do acesso, a equidade e a integralidade da linha de cuidado.

Para tanto, na implementação da proposta metodológica na formação do (a) enfermeiro (a), o corpo docente deve estar atento à rapidez da evolução do conhecimento, à mudança do processo de trabalho em saúde, às transformações nos aspectos demográficos e epidemiológicos, tendo como perspectiva, o equilíbrio entre excelência técnica e relevância social.

6.1 Organização Didático-Pedagógica

A consolidação da proposta metodológica do curso exige o desencadear de ações imprescindíveis, tais como:

6.1.1 Orientação pedagógica sistemática aos docentes

Para que haja adequação da metodologia de ensino à concepção do curso e à interrelação das disciplinas na concepção e execução do currículo se faz necessário a realização de encontros pedagógicos para discussão da construção do planejamento de ensino em reunião com os docentes por área de ensino; discussões de temas pedagógicos com periodicidade mensal para instrumentalizar os docentes iniciantes. O apoio pedagógico regular aos docentes tem caráter contínuo condicionado à dinamicidade e funcionalidade do corpo docente para garantir o eixo metodológico do curso em processo de implantação.

A baixa experiência no magistério superior e alta experiência profissional, perfil dos docentes ingressantes no curso, “associada ao apoio pedagógico pode propiciar uma abertura a aprendizagens mais contemporâneas que incluem metodologias ativas e que são fundamentais para promover a aderência às DCN/ENF, com repercussão na realidade sanitária.” (BRASIL, 2006)

6.1.2 Inclusão de temas transversais no planejamento semestral de ensino

Os temas transversais ou “seivas” devem permear os conhecimentos específicos teóricos e práticos ao longo do curso. Pretende-se com essa articulação, a formação de profissionais com competência técnica e humanística, comprometidos na solução das necessidades e problemas de saúde da população Os temas transversais trabalhados no curso variam por disciplina, dentre as temáticas, destacam-se: Sistema Único de Saúde; integração ensino/serviço/comunidade; educação em saúde; comunicação; trabalho em equipe; investigação científica; cidadania; bioética; gestão em saúde e empoderamento do(a) enfermeiro(a).(DELLAROZA, M.S.G.; VANNUCHI, M.T.O.,2005)

6.1.3 Integração do tronco comum e tronco profissional

O currículo do Curso de Enfermagem é desenvolvido por eixos temáticos em disciplinas, trazendo dificuldades na integração dos conhecimentos visto que são construídos na maioria das vezes, isoladamente. Para minimizar esses efeitos, docentes do tronco profissional discutem com os professores do tronco comum os conteúdos necessários para a fundamentação dos conhecimentos na formação profissional por área de conhecimento. Esses docentes enfermeiros (as) participam de aulas em disciplinas do tronco comum no início do semestre com o objetivo de fazer a inter-relação exemplificando situações e demonstrando a importância dos conhecimentos na vida acadêmica e profissional, bem como sua aplicabilidade.

6.1.4 Contato precoce da atuação profissional

Ao início do curso, os alunos ingressantes têm contato precoce com os serviços de saúde para conhecer a atuação/atribuição do (a) enfermeiro (a) na Rede de Atenção Básica. Em outro momento, os alunos participam de discussão sobre entidades de classe e atuação dos enfermeiros nas associações, sindicatos e Conselho.

6.1.5 Conhecendo a UPE e o Curso de Enfermagem

Os alunos ingressantes participam de oficinas com os temas: “a UPE e sua organização”; “pilares da universidade”; “direitos e deveres do aluno da UPE”; “movimento estudantil”; “Projeto Pedagógico do Curso de Enfermagem”.

6.1.6 Atendimento ao aluno

O atendimento ao aluno visa consolidar conhecimentos face às diferenças individuais em relação às dificuldades pessoais e de aprendizagem, esclarecimento de dúvidas ou caso de retorno de licenças médicas dos estudantes, com inclusão de horas semanais na carga horária dos docentes.

6.1.7 Organização das aulas práticas

Nos cenários de prática e orientação teórica na construção dos conhecimentos no “processo do cuidar” é utilizado a Sistematização da Assistência de Enfermagem (SAE), bem como as orientações da formação dos recursos humanos para o SUS. Dessa forma, os cenários de aprendizagem não se constituem apenas em salas de aula e laboratórios, mas na comunidade e rede de serviços do SUS. A diversidade de cenários de aprendizagem é essencial para superar a formação centrada no conhecimento fisiopatológico e desagregada da realidade sócio-sanitária e da prestação do cuidado na rede. (BRASIL, 2006)

Os estudantes entram em contato com o objeto de estudo de cada disciplina precocemente com aulas práticas na primeira semana do semestre. As disciplinas que não apresentam carga horária prática e as que incluem práticas de laboratório devem realizar pelo menos uma atividade de contato com a comunidade para aproximação com a realidade social e com a profissão.

Quanto ao acompanhamento de desempenho discente e docentes das aulas práticas são realizadas, a cada sessenta horas ministradas reuniões como apoio pedagógico aos docentes e discussões das condições oferecidas pelos serviços.

Na avaliação é utilizado um único instrumento por aluno possibilitando aos docentes o acompanhamento da evolução discente pelo acesso à avaliação quantitativa e qualitativa dos docentes das demais disciplinas do semestre. Além da avaliação diária da vivência, antes do encerramento de cada grupo da prática de cada disciplina realizar momento avaliativo com cada aluno, sendo atribuída sua nota, dado ciência e, assinado abaixo da avaliação escrita, com recomendações de aspectos do seu rendimento individual para o seu crescimento e evolução.

Relativo à distribuição do quantitativo de alunos nos campos de prática, está relacionado à singularidade da atenção prestada e da infraestrutura local dos cenários de prática.

Outro fator é sensibilização para o desenvolvimento de Pesquisa e Extensão voltadas às necessidades da população da Região do Médio do Sertão do São Francisco com o propósito de articular o ensino-serviço no contexto metodológico do curso nos cenários de prática.

Ao término do semestre, realizar súmula das avaliações dos discentes e dos docentes, que são discutidas em reunião pedagógica para serem trabalhadas as questões levantadas para melhoria da funcionalidade do curso.

7 ORGANIZAÇÃO CURRICULAR

7.1 Estrutura Curricular

O eixo curricular do Curso de Enfermagem está centrado no “cuidar” integral do ser humano, em todos os ciclos de vida, expressando e direcionando as ações educativas que coordenam as diferentes possibilidades para o desenvolvimento de competências e habilidades que concorrem para a concretização do perfil profissional do (a) enfermeiro (a)

A proposta do currículo está fundamentada em alguns pressupostos que a norteiam: Priorização do processo de integração disciplinar, a relação de teoria e prática desde o início da formação; a graduação como processo formativo inicial, capacitando o aluno para educação permanente; a educação em saúde como pressuposto do cuidado ao indivíduo em todas as fases do desenvolvimento humano e do processo saúde-doença.

Com essa organização do currículo busca-se a formação do enfermeiro com competência e habilidade para prestar cuidados ao indivíduo na família e comunidade, estabelecer relações profissionais humanizadas e éticas, gerenciar assistência de enfermagem e ser um efetivo integrante e defensor do Sistema Único de Saúde no seu aspecto social, político, ideológico e de cuidados.

Devido à estruturação do currículo em grade, a existência de pré-requisitos, hierarquização dos conhecimentos e pela entrada de vestibular anual, o curso adota medida como oferecimento de turmas extras a depender da disponibilidade de carga horária docente no semestre, que minimizam os prejuízos do aluno como o aumento do tempo de integralização curricular no caso de trancamentos e reprovações.

Os conhecimentos abrangem as áreas temáticas, segundo quadro abaixo.

Área temática - Enfoque	%
1. Ciências Biológicas e Ciências Sociais da Saúde	
a) Biológicas: Conhecimentos (teóricos e práticos) de bases moleculares e celulares dos processos normais e alterados da estrutura e função dos tecidos, órgãos, sistemas e aparelhos aplicados às situações decorrentes do processo saúde-doença no desenvolvimento da prática assistencial de Enfermagem.	24,3
b) Humana e sociais: Incluem-se os conteúdos referentes às diversas dimensões da relação indivíduo/sociedade, contribuindo para a compreensão dos determinantes sociais, culturais, comportamentais, psicológicos, ecológicos, éticos e legais, nos níveis individual e coletivo do processo saúde doença.	15,2
3. Ciências da Enfermagem	
a) Fundamentos da Enfermagem: Os conhecimentos técnicos, metodológicos e os meios e instrumentos inerentes ao trabalho do Enfermeiro e da Enfermagem em nível individual e coletivo.	8,4
b) Processo do Cuidar em Enfermagem: conhecimentos (teóricos e práticos) que compõem o cuidar em Enfermagem em nível individual e coletivo prestado à criança, ao adolescente, ao adulto, à mulher, ao homem e ao idoso, considerando os determinantes sócio-culturais, econômicos e ecológicos do processo saúde-doença, bem como os princípios éticos, legais e humanísticos inerentes ao cuidado de Enfermagem.	21,6
c) Gestão de Saúde em Enfermagem: Processo de trabalho e da assistência de Enfermagem.	24,4
d) Educação em Saúde e Pesquisa: Conhecimentos pertinentes à capacitação pedagógica do enfermeiro e à investigação científica.	6,1

Quadro 2 – Distribuição percentual dos conhecimentos construídos no Curso de Enfermagem segundo área temática. Campus Petrolina, 2011

7.2 Perfil Curricular

O Curso operacionaliza dois perfis: o primeiro referente ao ano de implantação que teve o perfil curricular inicial (apêndice A) adequado para as mudanças que reorienta e dá ênfase à Atenção Básica em Saúde, atendendo o perfil do profissional a ser formado para atuar na região de inserção da universidade. O perfil referente ao ano 2009 atende exigências para cursos de Enfermagem de integralização em cinco anos (Apêndice B).

As disciplinas e carga horária são iguais nos dois perfis, apenas com redistribuição dos componentes curriculares. O perfil 2009 acrescenta um semestre para ampliar o tempo de estudo do aluno em pesquisa, extensão e atividades complementares do curso em 180 horas. Foram instituídos pré e co-requisitos para assegurar o embasamento do aluno relacionado ao conhecimento científico para as disciplinas subsequentes.

A equivalência das disciplinas do perfil curricular anterior para o atual foi realizada quando a primeira turma estava cursando o terceiro período e a segunda turma estava no segundo período (Apêndice C).

No perfil curricular atual estão disponibilizadas disciplinas eletivas que estão sendo oferecidas e outras a serem implantadas como Terapêutica Farmacológica Aplicada à Enfermagem e Bioquímica Clínica. Os discentes só terão obrigatoriedade de cumprir duas delas, totalizando setenta e cinco horas (75h). Serão aproveitadas como eletivas ou para atividade complementar do curso componentes curriculares cursados, não aproveitadas na equivalência. Quanto ao aproveitamento de disciplinas cursadas em outras IES como eletivas, estará na dependência de equivalência de conhecimentos.

No período de 2012.2, será inserida a disciplina de “Educação e Problemas Contemporâneos” na modalidade à distância com carga horária teórica de trinta horas (30h) a ser ministrada no tronco profissional do curso.

7.3 ESTÁGIO CURRICULAR

Conforme o Projeto Pedagógico Institucional da UPE (PPI), o estágio curricular tem papel mais abrangente na formação profissional, estando além da simples oportunidade de “aplicação de teorias” ou de “vivências do que estudou”. Nessa etapa é imprescindível a inserção do graduado no mundo do trabalho, devendo integrar competências adquiridas ao longo do curso, aproximando o acadêmico às situações concretas com as quais se defrontará na atuação profissional. Os benefícios do estágio são recíprocos, onde há a interação ensino-trabalho-comunidade, contribuindo com a gestão municipal.

O Curso de Enfermagem da UPE *Campus* Petrolina por desenvolver uma metodologia interativa e interdisciplinar, concebe o estágio como um espaço e um tempo curricular integrador de competências e de habilidades (profissionais).

O Estágio Curricular perfaz carga horária de 430 horas, cumpridas no 8º período na Atenção Primária / Básica do Sistema Único de Saúde e 430 horas, cumpridas no 9º período na média e alta densidade tecnológica do Sistema Único de Saúde, respectivamente, no perfil 2007. No perfil 2009 os estágios serão no 9º período e 10º período do curso na mesma lógica. A carga horária semanal poderá ser de até 40 horas dependendo da distribuição das atividades acadêmicas.

Para a matrícula nos componentes curriculares Estágio Supervisionado I e II, no curso de Enfermagem, necessariamente, os alunos devem ter cursado e terem sido aprovados em todas as disciplinas compreendidas entre o 1º e o 7º período do curso (perfil 2007) e entre o 1º e o 8º períodos (perfil 2009). Na organização do oferecimento dos estágios se faz necessária assinatura de termo de convênio entre a universidade e a instituição concedente. Deverá constar ainda plano de trabalho e termo de compromisso. No final do semestre que antecede o estágio é realizada reunião com os preceptores de ensino para apresentação da missão/visão da UPE, objetivos do curso de Enfermagem, perfil do profissional a ser formado, do regulamento do Estágio Curricular, acompanhamento e avaliação do estagiário, instrumentos que serão utilizados e atribuições/competências dos atores envolvidos.

O acompanhamento direto e a avaliação do desempenho dos alunos nos estágios são feitos pelo Preceptor de Ensino (enfermeiro (a) do serviço); pelo (a) professor (a) orientador(a) (docente do curso). O orientador realiza supervisão semanal para identificar e solucionar problemas relacionados ao estagiário relatados pelos preceptores de ensino como também avalia o plano de ação de estágio do acadêmico e o relatório final. No organograma da Unidade de Educação *Campus* Petrolina não dispõe de coordenação de estágios, nem professores concursados só para esse fim, são destinadas oito horas semanais de dois docentes do curso com aprovação do CGA (Conselho de Gestão Acadêmica e Administrativa) para organização e acompanhamento do Estágio Curricular I e para o Estágio Curricular II. Esses docentes são responsáveis pela celebração dos termos de convênios, planejamentos, organizações e condução das atividades dos docentes orientadores, além de realizar periodicamente encontros com os estagiários.

A avaliação é realizada por meio dos seguintes instrumentos: ficha de frequência do estagiário com verificação do cumprimento mínimo de 100% da carga horária; ficha de avaliação de desempenho; planejamento das atividades do estágio pelo acadêmico; elaboração de relatório final do estágio de acordo com as normas contidas no manual de Estágio Curricular; auto-avaliação e avaliação do estágio pelo aluno que permitirá um diagnóstico para o (re) direcionamento do planejamento da disciplina e condução do curso.

7.4 TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO (TCC)

O projeto do TCC será elaborado durante a disciplina de Metodologia da Pesquisa I, em seguida, apresentado à banca examinadora e enviado ao Comitê de Ética em Pesquisa para análise. O TCC da graduação em Enfermagem poderá ser desenvolvido individualmente ou em dupla sobre um tema particular de livre escolha que disponha de orientador na área/linha pretendida. Apesar de ser elaborado no penúltimo semestre do curso, o aluno tem aproximação com a construção desse conhecimento em vários momentos durante a formação.

O ensino da investigação científica não se restringe aos docentes das disciplinas específicas. É desenvolvido como tema transversal durante o curso em desempenhos crescentes desde o primeiro ano da graduação em atividades como: elaboração de fichas de leitura; resumos das ideias principais do texto; pesquisa bibliográfica; relatório de atividades acadêmicas; apresentação de dados em tabelas e gráficos; elaboração de pôster para apresentação de trabalhos acadêmicos; discussão de contribuições de artigos científicos; elaboração de roteiro para entrevista/formulários e utilização de recursos estatísticos na análise de resultados.

7.4.1 Orientação/Co-orientação do TCC

O graduando será orientado por um professor do quadro de docentes da Unidade de Educação e Saúde do *Campus* Petrolina. Necessariamente deverá ser supervisionado por um professor orientador, que atua na área de conhecimento do curso em questão. Compete a este professor orientador auxiliar o graduando na escolha do tema, na elaboração do Projeto, no desenvolvimento da metodologia, na redação, fornecendo ao mesmo, subsídios para a execução e melhor concretização do trabalho de pesquisa/extensão.

Excepcionalmente, em qualquer tempo, mediante justificativa apresentada por escrito, poderá ocorrer a transferência do graduando para outro professor orientador. Existe ainda a possibilidade de um co-orientador (considerando que os trabalhos podem ser desenvolvidos em ambientes da prática) profissional do campo pesquisado ou de outra Unidade da Universidade de Pernambuco.

7.4.2 Redação do TCC

O TCC deverá ser redigido pelo graduando e obedecer a uma sequência lógica, seguindo as normas estabelecidas pela disciplina. Após sua conclusão, o artigo científico deverá ser encaminhado em três (3) vias impressas e em via eletrônica ao orientador na data prevista no cronograma da disciplina Metodologia da Pesquisa II.

7.4.3 Avaliação do TCC

O projeto de TCC será submetido à avaliação de uma banca examinadora de composição restrita aos docentes da UPE para sua aprovação antes do envio ao Comitê de Ética. O TCC na forma de artigo científico será apresentado na modalidade oral no último semestre do curso na disciplina Metodologia da Pesquisa II como um dos requisitos para obtenção do grau de Bacharel em Enfermagem.

Na apresentação do artigo científico, a banca examinadora será composta pelo orientador do graduando (Presidente da sessão) e por mais dois membros, preferencialmente qualificados na área de estudo do trabalho, indicados pelo orientador. Poderão fazer parte, profissionais dos Serviços de Saúde, a critério do orientador. A apresentação será em evento

aberto ao público com convite às unidades/setores do município onde se desenvolveu a pesquisa para que ocorra a devolutiva dos resultados. A atribuição das notas obedecerá a critérios de avaliação elaborados pela disciplina, considerando o trabalho escrito e a apresentação oral.

O graduando que cumprir a carga horária mínima regimental e obtiver nota superior a 7,0 (sete) será considerado aprovado. Se a nota obtida estiver entre 5,0 e 6,9, o graduando terá a oportunidade de corrigir o material e proceder a uma nova apresentação oral. Nesta nova avaliação é exigida também a nota mínima 7,0 (sete). No caso de não atendimento às exigências citadas, o graduando não será aprovado. Nessa situação, não haverá recuperação e o graduando deverá cursar novamente a disciplina.

No caso de aprovação, o graduando deverá efetuar possíveis correções no trabalho, por sugestão da banca examinadora, sob a supervisão do orientador. A versão final revisada e devidamente assinada deverá ser entregue ao Coordenador do Curso em uma cópia impressa e outra em via eletrônica, em prazo previsto no cronograma da disciplina Metodologia da Pesquisa II. A Coordenação do Curso fará a junção anual dos TCC na apresentação de anais destinados ao acervo bibliográfico.

7.5 ATIVIDADES COMPLEMENTARES DO CURSO (ACC)

As Atividades Complementares podem ser desenvolvidas nas modalidades de Ensino, Pesquisa, Extensão e Gestão: monitorias; cursos de atualização/aperfeiçoamento; iniciação à pesquisa; publicações e/ou apresentação de trabalho científico; participação em seminários, congressos, simpósios, conferências; ações em projetos comunitários e/ou institucionais; estágios não obrigatórios e gestão de órgão (s) de representação estudantil, junto a colegas, entre outras atividades avaliadas pela Coordenação de Curso, oportunas à formação do estudante.

As atividades complementares são de livre escolha do estudante, desde que propiciadoras de sua formação, considerando a Resolução CEPE, Nº. 019/2009, os alunos matriculados regularmente podem aproveitar os conhecimentos adquiridos “através de estudos e práticas optativas, presenciais e/ou à distância, inclusive adquiridos fora da UPE”. (UPE, 2009)

O perfil curricular 2009 estabelece o cumprimento de 180 horas em atividades complementares durante o curso e o perfil 2007, 90h horas. O acadêmico deve cumprir a carga horária em atividades diversificadas. Cada atividade exigirá uma comprovação específica e será lançada no histórico escolar. Somente serão validadas as atividades desenvolvidas ao longo do curso de graduação. Estas devem atender aos pilares da Universidade: Ensino, Pesquisa, Extensão e Cultura, e Gestão. Será destinado a cada semestre docentes com carga horária semanal para recebimento dos certificados, declarações, registros ou outro documento comprobatório das atividades científicas e culturais para lançamento no sistema acadêmico.

8 AVALIAÇÃO

8.1 Avaliação Institucional

A avaliação e monitoramento de cursos são realizados pela Comissão Própria de Avaliação (CPA) que objetiva avaliar internamente a UPE, dando ênfase aos processos de Ensino, Pesquisa, Extensão e Gestão, além da infraestrutura institucional.

8.2 Avaliação Externa

Realizada em 2007, pelo Ministério da Educação, através do Exame Nacional de Cursos - ENADE com participação de 40 alunos ingressantes com os seguintes resultados: Média Formação Geral (FG) 5,5; Média de Conhecimentos Específicos (CE), 29,9 e Média Geral 36,2. Em 2010 participaram do ENADE alunos ingressantes, não foram habilitados concluintes por não se enquadrar na orientação de cumprimento de um mínimo de 80% da grade curricular em agosto de 2010.

8.3 Avaliação Abrangente

Uma proposta pedagógica que almeja a transformação não poderá se restringir apenas à avaliação do estudante. Avaliar somente o desempenho do estudante torna-se insuficiente para identificar os avanços e dificuldades do processo de ensino e aprendizagem. O princípio de abrangência visa também, avaliação da estrutura organizacional, o processo pedagógico, os recursos materiais e humanos envolvidos e os resultados obtidos. Nesta forma de avaliação o aluno faz comentários sobre os avanços e dificuldades quanto à estrutura organizacional do curso, recursos materiais, recursos humanos (pessoal administrativo, professores, coordenação do curso e diretoria).

8.4 Avaliação do Ensino e Aprendizagem

A avaliação da aprendizagem no curso é entendida como um processo contínuo, sistemático e integral de acompanhamento e julgamento do nível no qual alunos e professores se encontra em relação ao alcance dos objetivos e competências desejados na formação do profissional.

Assim, na verificação da aprendizagem o que se pretende avaliar não é a quantidade de conhecimentos adquiridos, mas a capacidade de estabelecer relações entre esses e de buscar outros para realizar o que é proposto. Portanto, os instrumentos de avaliação só cumprem com sua finalidade se puderem diagnosticar o uso funcional e contextualizado dos conhecimentos.

A verificação do aproveitamento é feita por componente curricular e por período, compreendendo avaliações parciais para acompanhamento rendimento do aluno nos trabalhos acadêmicos: exercícios escritos, provas práticas, e orais, relatórios de estágio, seminários, debates, resenhas críticas de livros, artigos ou filmes, projetos e outros conforme programação prevista no Plano de Ensino para a avaliação ao longo do semestre letivo, indicando o peso atribuído a cada momento e como procederá ao cálculo do rendimento final.

A quantidade de avaliações, a forma, as alternativas e as modalidades de trabalhos acadêmicos são fixadas pelo professor no Plano de Ensino e divulgado aos alunos no início de cada período e devem ser diversificadas, planejadas várias modalidades num mesmo componente curricular. A avaliação final ou prova final é realizada no final do período letivo, destinado a avaliação da capacidade de domínio dos conhecimentos para os alunos que não obtiverem o rendimento normatizado pelo Regimento Geral da UPE

Mesmo na forma de verificação de aprendizagem mais tradicional, frequentemente utilizada, através de exercícios escritos, esses devem ser vistos apenas como instrumentos. A avaliação deve ser procedida considerando alguns aspectos que oportunizem ao docente refletir

sua prática, após a realização, como: percentual do rendimento geral satisfatório/esperado e maior percentual de erros por questão do exercício. Sendo importante discutir em sala de aula os resultados, as dúvidas que ficaram e/ou agendamento para atendimento aos alunos com menor rendimento. A reflexão dos resultados desses indicadores mínimos levará o docente/discente a identificar as fragilidades no processo, desde as ligadas à formulação, entendimento pelo aluno, método que foi trabalhado conhecimento.

Como aponta Hoffmann (2003), ao tratar da avaliação como um processo de verificação constante, contínuo; o que propicia as interferências do educador e os reajustes por parte do aluno e do professor para o desenvolvimento adequado de suas competências e habilidades.

8.5 Acompanhamento dos Egressos como Indicador de Avaliação

O egresso da graduação enfrenta no seu cotidiano, situações complexas que o levam a confrontar as competências desenvolvidas durante o curso com as requeridas no exercício profissional. Tal vivência permite avaliar a adequação da estrutura pedagógica do curso e resgatar aspectos intervenientes desse processo.

Esse curso de Enfermagem terá as duas primeiras turmas formadas no primeiro e segundo semestre de 2011. Após dois anos desse evento poderá ser iniciado o acompanhamento dos egressos para contribuir com a avaliação do curso, sendo posteriormente efetuados a cada quatro anos.

A política de acompanhamento dos egressos adotada para esse curso será instituída com apoio das Coordenações Setoriais, proporcionando a reintegração profissional, através de eventos como reencontro dos ex-colegas de turma, participação dos docentes e discentes em eventos culturais e científicos na Universidade, dentre outros. O diagnóstico poderá ser feito por meio de construção do perfil profissiográfico através de aplicação de questionários composto por variáveis como contexto relativo à sua atuação profissional, inserção no mundo do trabalho, percepção quanto ao processo de sua formação e sugestões para a melhoria do curso de enfermagem. (MEIRA, M.D.D.; KURCGANT, P, 2009)

9 INFRAESTUTURA DE APOIO AO CURSO

9.1 Aspectos Físicos Utilizados no Desenvolvimento do Curso

9.1.1 O *Campus* UPE Petrolina dispõe:

Quantidade	Espaço Físico
33	Salas de aulas
10	Laboratórios específicos do tronco básico dos cursos
4	Laboratórios de informática
1	Auditório com 700 lugares
1	Sala de vídeo-conferência
1	Sala - setor de diploma
1	Sala-setor de controle acadêmico
1	Secretaria

1	Tesouraria
1	Sala de diretoria
1	Apoio técnico-pedagógico
1	Biblioteca
1	Sala para a coordenação de graduação
1	Sala coordenação de pós-graduação e pesquisa
1	Lanchonete terceirizada
1	Sala de reprografia
1	Stand para venda de livros terceirizada
1	Quadra poliesportiva
1	Sala dos professores
1	Sala da coordenação do curso

9.2 Biblioteca

O espaço é climatizado tem iluminação natural e artificial. Área física ampla que acomoda 12 mesas com seis (6) lugares (cada), linha telefônica, sete (7) computadores ligados à *internet* e mais três (3) cabos de rede banda larga para *Laptop*. Estão lotados sete (7) funcionários: bibliotecária (1), auxiliares administrativos efetivos (2); prestadores de serviço

(2) e estagiários (2). O horário de funcionamento e atendimento é de 7 às 22 horas. A Biblioteca não possui o serviço do acervo de informatizado. Está sendo providenciada a compra do *software* de gerenciamento, através do Núcleo de Gestão de Bibliotecas e Documentação-UPE. Os títulos estão distribuídos por área e serão organizados também por subárea do conhecimento. O quantitativo de livros ainda não atende à proporção de títulos e exemplares necessários ao curso. Os periódicos são consultados eletronicamente por docentes e discentes. Aguarda-se a remessa das publicações solicitadas ao Departamento de Atenção Básica do Ministério da Saúde.

10 CORPO DOCENTE

10.1 Colegiado de Enfermagem

O corpo docente do curso totaliza vinte e um professores no Colegiado e mais dez docentes do tronco comum dos cursos de Enfermagem, Fisioterapia e Nutrição. Os docentes possuem experiência profissional em frentes de trabalho fora da docência e parte deles já tem experiência anterior no Magistério Superior.

A Universidade publicou três (3) editais consecutivos de concurso para Professores Assistente e Adjunto, que teve inscrita apenas uma candidata enfermeira-mestre. Vale salientar que passados dez meses da implantação do curso, o Colegiado contava apenas com uma (1) docente-enfermeira efetiva, o que gerou o quarto edital exclusivo para enfermeiro especialistas, em virtude da indisponibilidade de candidatos com titulações *Stricto sensu* na região, sendo aprovadas três enfermeiras, duas na subárea de Saúde Coletiva e uma na de Concepções Teóricas Fundamentais de Enfermagem. Na transição do tronco comum para o profissional, surgiu a necessidade de aumentar o quadro de professores (as) enfermeiro (as), então aberto seleção pública simplificada para suprimento, em caráter de emergência, das disciplinas em curso com a contratação de três (3) professores especialistas.

Em decorrência da admissão de onze docentes com especialização em agosto de 2010 a UPE vem estudando providencias para qualificação desse contingente nos próximos anos.

10.2 Núcleo Docente Estruturante

O Núcleo Docente Estruturante (NDE) do Curso de Graduação em Enfermagem constitui-se de um grupo de docentes do Colegiado, com atribuições acadêmicas de acompanhamento, atuante no processo de concepção, consolidação e contínua atualização do projeto pedagógico do curso. Baseado na Resolução CONAES N°. 01 de 17 de junho de 2010 foi criado o NDE e o Regulamento com atribuições e funcionamento, aprovado em reunião do Colegiado para integrar a estrutura de gestão acadêmica.

Professor	Área de formação	Área de atuação	Titulação	Regime de trabalho (h)
Alda Maria Justo	Enfermagem	Saúde Coletiva	Mestrado	40
Diego Pires Rocha	Ciências Biológicas	Morfologia	Especialização	40
Fábio Sergio Barbosa da Silva	Ciências Biológicas	Microbiologia	Doutorado	40
Flávia Bezerra de Souza Melo	Enfermagem	Imunologia	Doutorado	40
Flávia Emilia Cavalcante Valença Fernandes	Enfermagem	Saúde Coletiva	Especialização	40
Luíza Taciana Rodrigues de Moura	Enfermagem	Enfermagem médico cirúrgica	Especialização	40
Lusineide Carmo Andrade de Lacerda	Enfermagem	Enfermagem médico cirúrgica	Especialização	40
Inalda Maria de Oliveira	Enfermagem	Enfermagem médico cirúrgica	Especialização	40
Maryluce A da Silva Campos	Ciências Biológicas	Histologia/Embriologia	Doutorado	40
Maria Antonieta Albuquerque de Souza	Ciências Sociais	Sociologia da Saúde	Doutorado	40
Maria Elda Alves de Lacerda Campos	Enfermagem	Epidemiologia	Mestrado	40
Marismar Fernandes do Nascimento	Enfermagem	Enfermagem médico cirúrgica	Especialização	40
Marta Solange Albuquerque Guimarães	Enfermagem	Saúde Coletiva	Especialização	40
Nadja Maria dos Santos	Enfermagem	Saúde Coletiva	Especialização	40
Paulo Emílio Macedo Pinto	Psicologia	Psicologia	Mestrado	40
Priscylla Helena Alencar Falcão Sobral	Enfermagem	Saúde da Mulher e Criança	Especialização	40
Rachel Mola de Matos	Enfermagem	Enfermagem médico cirúrgica	Especialização	40
Rosa de Cássia Miguelino Silva	Enfermagem	Saúde da Mulher e Criança	Especialização	40
Rosana Alves de Melo	Enfermagem	Saúde da Criança	Especialização	40
Thereza Christina da Cunha Lima Gama	Enfermagem	Gestão em Saúde	Mestrado	40
Wolmir Ercides Péres	Enfermagem	Gestão em saúde/ Enfermagem médico cirúrgica	Especialização	40

Quadro 3 - Caracterização dos docentes do Colegiado de Enfermagem *Campus Petrolina*, 2011

Professor	Colegiado de Origem	Área de atuação	Área de qualificação	Titulação	Regime de trabalho (h)
Leilyane Conceição de Souza Coelho	Fisioterapia	Farmacologia	Ciências Farmacêuticas	Mestrado	40
Rita de Cássia Maria Neves	Fisioterapia	Antropologia	Antropologia	Doutorado	40
Regina Lúcia Félix Aguiar Lima	Fisioterapia	Bioquímica	Tecnologias Energéticas Nucleares	Doutorado	40
Ricardo Kenji Shiosaki	Fisioterapia	Parasitologia/Citologia	Ciências Biológicas	Doutorado	40
Adauto Almeida Neto	Fisioterapia	Patologia	Patologia	Mestrado	40
Ricardo Freitas Dias	Fisioterapia	Fisiologia	Ciência da Motricidade Humana	Mestrado	40
Helker Albuquerque da Silva	Nutrição	Ciências Básicas	Biologia Celular e Molecular Aplicada	Mestrado	40
Paulo Adriano Schwingel	Nutrição	Bioestatística/Metodologia da Pesquisa	Medicina e Saúde	Mestrado	40
Ticiano Parente Aragão	Nutrição	Farmacologia	Ciências Farmacêuticas	Mestrado	40
Edivaldo Xavier da Silva Júnior	Fisioterapia	Morfologia	Análises clínicas	Especialização	40

Quadro 4 – Caracterização dos docentes do tronco comum aos cursos de Enfermagem, Fisioterapia e Nutrição. Campus Petrolina, 2011

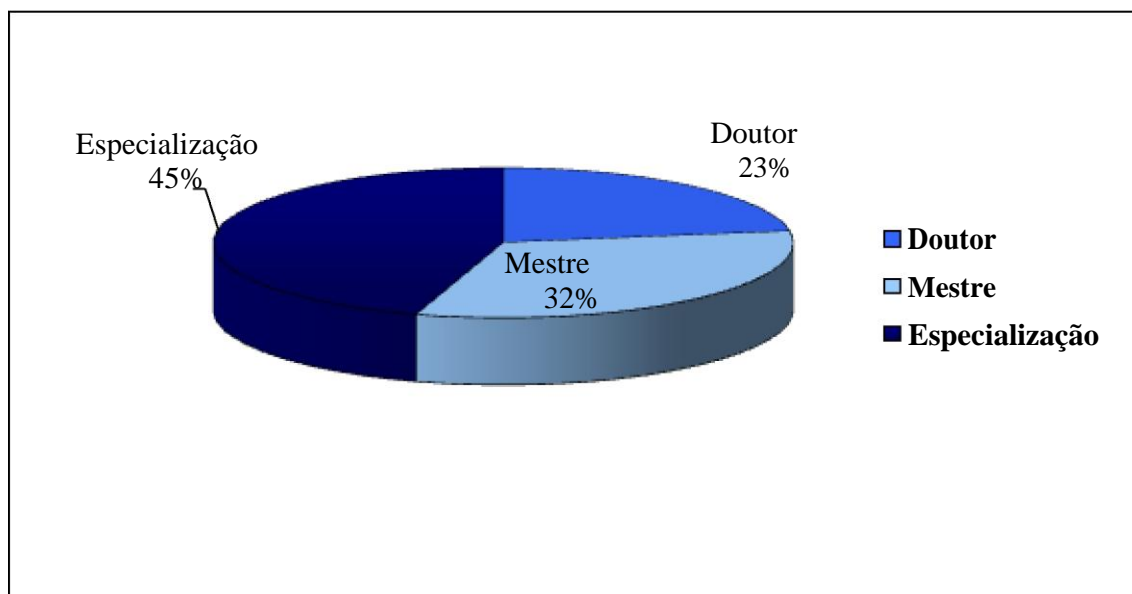


Figura 1 – Proporção dos docentes que ministram aulas no curso de Enfermagem segundo titulação. Campus Petrolina, 2011

11 EMENTÁRIO E REFERÊNCIAS

As ementas e referências dos troncos comum e profissional do Curso de Enfermagem *Campus* Petrolina, após equivalência do perfil curricular, bem como as eletivas estão dispostas no quadro 5.

Anatomia Humana I	
Ementa	Referência
Principais estruturas anatômicas; introdução à anatomia (conhecimento dos termos anatômicos); osteologia; artrologia; miologia; sistemas cardiovascular e respiratório; noções de forma e relações entre estruturas aplicadas às situações decorrentes do processo saúde-doença para o desenvolvimento da prática de Enfermagem.	D ^o ÂNGELO, J.G. Anatomia humana sistêmica e segmentar . Rio de Janeiro: Atheneu, 2000. MACHADO, A.B.M. Neuroanatomia Funcional . 2.ed. São Paulo: Atheneu, 1999. MOORE, K.L; DALLEY, A.F. Anatomia orientada para a clínica . 5. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan 2007. NETTER, F.H. Atlas de Anatomia Humana . Porto Alegre: Artes Médicas, 1996. SOBOTTA, J. Atlas de anatomia humana . 22.ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006.
Biofísica	
Ementa	Referência
Conhecimento básico acerca dos fenômenos biológicos através das leis e princípios da física. Estudo das membranas, funcionamento dos sistemas e fundamentos de radiobiologia. Abordagem física de temas relacionados à prática cotidiana do profissional de enfermagem.	ALBERTS, B. <i>et al.</i> Fundamentos da Biologia Celular . Porto Alegre: Artes Médicas, 1999. ALBERTS, B. <i>et al.</i> Biologia Molecular da Célula . 3. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997. DÚRAN, J.E.R. Biofísica - Fundamentos e Aplicações . São Paulo: Prentice Hall, 2003. GARCIA, E.A.C. Biofísica . São Paulo: Savier, 1998. OKUNO, E; CALDAS, I.L. & CHOW, C. Física para Ciências Biológicas e Biomédicas . São Paulo: Harbra, 1986.
Bioquímica	
Ementa	Referência
Química da água e equilíbrio ácido-base. Bioenergética. Vitaminas e Sais Minerais. Química de carboidratos, lipídios e proteínas, com correlações clínicas. Metabolismo de carboidratos, lipídios e proteínas. Integração Metabólica. Metabolismo do grupo Heme. Distúrbios do metabolismo	CHAMPE, P.C; HARVEY, R.A. Bioquímica Ilustrada . 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 1997. DEVLIN, T.M. Manual de bioquímica: com correlações clínicas . 6. ed. São Paulo: Edgard Blücher, 2007. LEHNINGER, A.L; NELSON, D.L; COX, M.M. Princípios de bioquímica . 4. ed. São Paulo: Sarvier, 1995. MARZZOCO, A. & TORRES, B.B. Bioquímica básica . 3. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2007. PRATT, C.W; CORNELLY, K. Bioquímica essencial . Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006. 750 p.

Quadro 5 – Ementário e referência. *Campus* Petrolina, 2011

Citologia	
Ementa	Referência
Estrutura geral da célula e dos seus componentes. Função, localização e morfologia dos diferentes tipos de células e de seus elementos integrantes. Processos de diferenciação celular e das modificações ocorridas nas diferentes fases do ciclo celular. Estrutura geral da célula e dos seus componentes. Função, localização e morfologia dos diferentes tipos de células e de seus elementos integrantes. Processos de diferenciação celular e das modificações ocorridas nas diferentes fases do ciclo celular.	<p>DI FIORE, M.S.H. Atlas de histologia. Traduzido por Bruno Alipio Lobo. 7. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2001.</p> <p>GARTNER, L.P. Tratado de histologia em cores. Colaboração de James L Hiatt. Traduzido por Ithamar Vugman. 2. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2003.</p> <p>GITIRANA, L.B. Histologia – Conceitos Básicos dos Tecidos. São Paulo: Editora Atheneu, 2004.</p> <p>JUNQUEIRA, L.C; CARNEIRO, J. Histologia básica. 10. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2004.</p> <p>ROSS, M.H. & ROWRELL, L. Histologia: texto e atlas. 2. ed. São Paulo: Panamericana, 1993.</p>
Fundamentos Históricos e Sociais da Enfermagem	
Ementa	Referência
Histórico das práticas de saúde e da enfermagem no contexto social e na perspectiva de gênero. Conceitos de enfermagem e suas funções. Organizações de classe. Histórico do ensino de enfermagem no Brasil. Papel do Enfermeiro e seus campos de atuação. Reflexão sobre a prática profissional, poder e cidadania.	<p>GEOVANINI, T. <i>et al.</i> História da enfermagem - versões e interpretações. Rio de Janeiro: Revinter, 1995</p> <p>GUISSO T. (org.). Trajetória histórica e legal da enfermagem. Ed 2, Barueri – São Paulo: Manole, 2007.</p> <p>GERMANO, R.M. Educação e ideologia da Enfermagem no Brasil. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 1985.</p> <p>LOYOLA, C.M.D. Os Dóceis Corpos do hospital. 2. ed. Rio de Janeiro: UFRJ.1987.</p> <p>NAKAMAE, D.D. Novos Caminhos da Enfermagem. São Paulo: Cortez. 1987.</p>
Introdução à Filosofia	
Ementa	Referência
O que é filosofia. O sentido do filosofar. Atitude filosófica. O surgimento da Filosofia Grega. O período Socrático. Características da modernidade. Racionalismo. Iluminismo. Empirismo. Filosofia Contemporânea: Materialismo Dialético e Hermenêutica. Filosofia médica. Ética e Moral. Filosofia e questões do mundo de hoje: Inteligência emocional, Inteligência artificial, Engenharia genética, Clonagem.	<p>CANGUILHEM, G. Escritos sobre a medicina. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.</p> <p>CASSIRER, E. Ensaio sobre o homem. São Paulo: Martins Fontes, 2005.</p> <p>HRYNIEWICZ, S. Para filosofar. Rio de Janeiro: Lumen Júris, 2006.</p> <p>REALE, G. Corpo, alma e saúde. O conceito de homem de Homero a Platão. São Paulo: Palulus, 2002.</p>

Quadro 5 – Ementário e referência. Campus Petrolina, 2011

Metodologia Científica	
Ementa	Referência
<p>O problema do conhecimento. Fundamentos da metodologia científica. Ética na pesquisa. A relação entre ensino, pesquisa e extensão. Distinção entre abordagem qualitativa e quantitativa. Definição de tipos de pesquisa. Técnicas de estudo e planejamento do trabalho científico. Resumos. Desenvolvimento do tema, problema, problemática, objetivos. Normas da ABNT</p>	<p>CERVO, A.L; BERVIAN, P.A; SILVA, R. Metodologia científica. 6. ed. São Paulo: PEARSON Prentice Hall, 2007.</p> <p>VÍCTORA, C.G.; KNAUTH, D.R; HASSEN, M.N. Pesquisa qualitativa em saúde: uma introdução ao tema. Porto Alegre: Tomo Editorial, 2000.</p> <p>VIEIRA, S.; HOSSNE, W.S. Metodologia científica para a área de saúde. 8. Ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2001.</p> <p>MATHEUS, M.C.C; FUSTIONI, S.M. Pesquisa qualitativa em enfermagem. São Paulo: Livraria Médica Paulista, 2006.</p> <p>MARTINS JUNIOR, J. Como escrever trabalhos de conclusão de curso. Rio de Janeiro: Vozes, 2008.</p>
Saúde Coletiva I	
Ementa	Referência
<p>Família e Comunidade. Política de Saúde no Brasil e Movimentos Sociais. Determinantes e Condicionantes do Processo Saúde - Doença. Principais Problemas de Saúde. Sistemas de Informações em Saúde. Atenção Primária à Saúde. Estratégia de Saúde da Família e Risco Familiar. Territorialização: Conceitos, Componentes e Estratégia de Delimitação. Atividades Desenvolvidas em Unidades Básicas de Saúde. Educação em Saúde</p>	<p>ROUQUAYROL, M.Z. Epidemiologia & Saúde. 6. ed. Rio de Janeiro: Medsi, 2003.</p> <p>SOUZA C.G.W. <i>et al.</i> Tratado de Saúde Coletiva. São Paulo: Editora Hucitec; Rio de Janeiro: Ed. Fiocruz, 2006. 871p.</p> <p>BRASIL. Manual de estrutura física das unidades básicas de saúde: saúde da família. Brasília: Ministério da Saúde, 2006. 72 p. Disponível em: <http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/manual_estrutura_ub_s.pdf>. Acesso em: 28 dez. 2010.</p> <p>BRASIL, Ministério da Saúde. Portaria nº 648. Disponível em: <http://dtr2001.saude.gov.br/sas/PORTARIAS/Port2006/GM/GM-648.htm>. Acesso em: 28 dez. 2010.</p> <p>BRASIL. Portaria Nº. 399/GM, de 22 de fevereiro de 2006. Divulga o pacto pela saúde em 2006. Consolidação do SUS e aprovada as diretrizes operacionais do pacto. Disponível em <http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/prtGM399_20060222.pdf>. Acessado em 11 de janeiro de 2011.</p>
Histologia	
Ementa	Referência
<p>Estudo da estrutura e inter-relação dos constituintes teciduais (células e material extracelular) do organismo humano.</p>	<p>GARTNER, L.P.; HIATT, J.L. Atlas colorido de histologia. 4. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2007.</p> <p>JUNQUEIRA, L.C.; CARNEIRO, J. Histologia básica. 11. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2008.</p> <p>KUHNEL, W. Citologia, Histologia e Anatomia Microscópica: Texto e Atlas. 11 ed. Porto Alegre: Artmed, 2005.</p> <p>GARTNER, L.P; HIATT, J.L. Tratado de histologia em cores. 3. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2007.</p>

Quadro 5 – Ementário e referência. Campus Petrolina, 2011

Embriologia Humana	
Ementa	Referência
Embriologia humana: principais ocorrências do desenvolvimento humano intra-uterino.	<p>DUMM, C.G. Embriologia humana – Atlas e texto. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006.</p> <p>MOORE, K.L. Atlas colorido de Embriologia de Embriologia clínica. 2. ed. Rio de Janeiro, 2002;</p> <p>MOORE, K.L.; PERSAUD, T.V.N. Embriologia clínica. 8. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2008.</p> <p>MOORE, K.L. Embriologia Básica. 7.ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2008;</p> <p>SADLER, T.W. Langman – Embriologia médica. 9. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005</p>
Genética	
Ementa	Referência
Estudo da hereditariedade e dos mecanismos básicos aplicados à área da saúde. Investigação das bases cromossômicas e moleculares da genética. O mendelismo e os erros inatos do metabolismo. Conhecimento das técnicas moleculares de investigação em genética. Entendimento e diagnóstico das principais patologias genéticas. Compreensão da base genética do câncer.	<p>VOGEL, F.; MOSTULSKY, A.G. Genética Humana - Problemas e Abordagens. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1997.</p> <p>THOMPSON e THOMPSON. Genética Médica. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan S.A, 2002.</p> <p>JORGE, L.B.; CAREY, J.C; WHITE, R.L. Genética Médica. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1982.</p> <p>SUZUKI, D.J. <i>et al.</i> Introdução Genética. 8. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1996.</p> <p>BEIGUELMAN, B. Citogenética Humana. Local: Rio de Janeiro: Guanabara Koogan S.A, 1982.</p>
Fisiologia Humana I	
Ementa	Referência
Tecido muscular, tegumentar e neurofisiologia com aspectos fisiológicos aplicáveis aos conceitos básicos e fundamentais na prática da enfermagem.	<p>GUYTON, A.C. Tratado de Fisiologia Médica. 11. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2006.</p> <p>AYRES, M.M. Fisiologia Humana. 2. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1999.</p> <p>CURI, R; PROCOPIO, J; FERNANDES, L.C. Praticando Fisiologia. 1. ed. Manole. São Paulo, 2005.</p> <p>GUYTON, A.C. Fisiologia médica. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1988.</p> <p>SILVERTHORN, D.U. Fisiologia Humana - Uma Abordagem Integrada. Manole, 2003.</p>

Quadro 5 – Ementário e referência. Campus Petrolina, 2011

Sociologia da Saúde	
Ementa	Referência
<p>Perspectivas e conceitos da ciência sociológica e da “sociologia da saúde”. Cultura e diversidade social. Processos articulatórios entre saúde, cultura e poder. Interpretações sociológicas das categorias: saúde, doença, cura, cuidado em saúde. Saúde, corpo, cultura e desigualdades sociais. O lugar do hospital e da medicina. Medicalização das relações sociais.</p>	<p>ADAM, F.P.; HERZLICH, C. Sociologia da Doença e da Medicina. São Paulo: EDUSC, 2001.</p> <p>BRYM, R. <i>et. al.</i> Sociologia. Uma bússola para um novo mundo. São Paulo: Thomson Learning, 2006.</p> <p>CANGUILHEM, G. Escritos sobre a medicina. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.</p> <p>FOUCAULT, M. Microfísica do poder. Rio de Janeiro: Graal, 2007.</p> <p>MELUCCI, A. O Jogo do eu. São Leopoldo, Rio Grande do Sul: UNISINOS, 2004.</p>
Psicologia do Desenvolvimento	
Ementa	Referência
<p>Fundamentos epistemológicos do desenvolvimento humano. Teorias e Fases evolutivas do processo de desenvolvimento humano e suas relações com os fatores e aspectos influenciadores. As contribuições da Psicologia do Desenvolvimento para a formação e o cuidar em enfermagem.</p>	<p>RAPPAPORT, C.R.; FIORI, W.R. da; DAVIS, C. Psicologia do desenvolvimento: o bebê e sua mãe. São Paulo: E.P.U, 2008.</p> <p>GERRIG, R. & ZIMBARDO, P.G. A Psicologia e a Vida. Porto Alegre: Artmed Editora, 2005.</p> <p>KOVÁCS, Maria Júlia. A Morte e o Desenvolvimento Humano. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1992.</p> <p>COLE, Michael; COLE, Sheila R. <i>O desenvolvimento da criança e do adolescente</i>. 4. ed. Porto Alegre: Artmed, 2003</p>
Antropologia da Saúde	
Ementa	Referência
<p>Cultura. Alteridade e Relativismo Cultural. Etnocentrismo. Antropologia da Saúde. Corpo. Saúde-Doença. Eficácia ritual. Biomedicina. Sistemas de Saúde. Saúde Reprodutiva. Itinerário Terapêutico. Cura.</p>	<p>FERREIRA, J. O corpo sógnico. In: ALVES, Paulo César & MINAYO, Maria Cecília de Souza (orgs.) Saúde e Doença: um olhar antropológico. Rio de Janeiro: ed. Fiocruz. 1994. p. 101-112</p> <p>GEERTZ, C. A Interpretação das Culturas. Rio de Janeiro: Zahar editores. 1978.</p> <p>LANGDON, E.J. Cultura e os processos de saúde e doença. In: <i>Anais do Seminário Cultura, saúde e doença</i>.</p> <p>JEOLÁ, L.S. & OLIVEIRA, M. de (org.). Ministério da Saúde. Universidade Estadual de Londrina. 2003. p. 91-107.</p> <p>LAPLANTINE, F. Aprender Antropologia. São Paulo: Brasiliense. 2005. 205p.</p> <p>ROCHA, Everardo. O que é etnocentrismo. São Paulo: Brasiliense. 2004. (Coleção Primeiros Passos, 124)</p>

Quadro 5 – Ementário e referência. Campus Petrolina, 2011

Anatomia Humana II	
<p>Ementa: Principais estruturas anatômicas: sistema digestório, urinário, reprodutor masculino e feminino, e nervoso, explorando fundamentalmente as noções de forma e relações entre estruturas, aplicadas às situações decorrentes do processo saúde-doença para o desenvolvimento da prática de Enfermagem.</p>	<p>Referências: D'ÂNGELO, J.G. Anatomia humana sistêmica e segmentar. Rio de Janeiro: Atheneu, 2000.</p> <p>GRAY, F.R.S.H; GOSS, A.B. Anatomia. 29. ed. Rio de Janeiro. Guanabara Koogan, 1988.</p> <p>MACHADO, A.B.M. Neuroanatomia Funcional. 2.ed. São Paulo: Atheneu, 1999.</p> <p>MOORE, K.L.; DALLEY, A.F. Anatomia orientada para a clínica. 5. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2007.</p> <p>NETTER, F.H. Atlas de Anatomia Humana. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.</p> <p>SOBOTTA, J. Atlas de anatomia humana. 22. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006.</p>
Microbiologia	
Ementa	Referência
<p>Aspectos relacionados com a morfologia, coloração, isolamento, identificação e patologia de bactérias, fungos e vírus causadores de patologias humanas.</p>	<p>JAWETZ, E.; LELNICK, J.L.; ADELBERG, E.A. Microbiologia Médica. 21. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2000.</p> <p>MURRAY, P.R. Microbiologia Médica. 3. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006.</p> <p>STROHL, W.A; ROUSE, H.; FISHER, B.D. Microbiologia Ilustrada. Porto Alegre: Artmed, 2008.</p> <p>TORTORA, G.J.; FUNKE, B.R.; CASE, C.L. Microbiologia. 8. ed. Porto Alegre: Artmed, 2005.</p> <p>TRABULSI, L.R. Microbiologia. 4. ed. São Paulo: Atheneu, 2005.</p>
Parasitologia	
Ementa	Referência
<p>Identificação, morfologia, biologia dos agentes agressores, mecanismos reacionais desenvolvidos pelos hospedeiros. Epidemiologia e prevenção das doenças parasitárias.</p>	<p>MURRAY, P.R; ROSENTHAL, K.S.; PFALLER, M.A. Microbiologia médica. Rio de Janeiro: Elsevier, 2006.</p> <p>NEVES, D.P. & BITTENCOURT N.J.B. Atlas didático de Parasitologia. São Paulo: Atheneu, 2006.</p> <p>NEVES, D.P. Parasitologia humana. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005.</p> <p>NEVES, D.P. Parasitologia humana. 11. ed. São Paulo, 2010.</p> <p>REY, L. Bases da Parasitologia Médica. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2002.</p>

Quadro 5 – Ementário e referência. Campus Petrolina, 2011

Fisiologia Humana II	
Ementa	Referências
Órgão e sistemas humanos funcionais normais com aspectos fisiológicos aplicáveis à prática da enfermagem.	<p>GUYTON, A.R.C; HALL, J.E. Tratado de Fisiologia Médica. 11. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004.</p> <p>SILVERTORN. A Fisiologia Humana: uma abordagem integrada. 2. ed. São Paulo: Manole, 2003.</p> <p>AYRES, M.M. Fisiologia. 2. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1999.</p> <p>KENDEL, E.R. Fundamentos da neurociência e do comportamento. Prentice-hall, 2001.</p> <p>COSTANZO, L.S. Fisiologia. 4. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2000.</p>
Processos Patológicos Gerais	
Ementa	Referência
Estudo das causas, natureza e evolução das doenças. Alterações anatômicas e funcionais resultantes da interação entre hospedeiro e os agentes agressores. Patogenia e morfopatologias, tanto sob o ponto de vista microscópico e macroscópico. Análise de tópicos das patologias especiais, a fim de correlacionar os aspectos patológicos gerais com a fisiopatologia.	<p>BRASILEIRO FILHO, G. B. Patologia Geral. 6ª. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2009.</p> <p>CASTRO, J.F.L. Oncologia Oral. 1. Ed. Recife: Editora Universitária da UFPE, 2005.</p> <p>FERREIRA, C.G; ROCHA, J.C. Oncologia Molecular. São Paulo, Editora Atheneu, 2004.</p> <p>MONTENEGRO, M.R. & FRANCO, M. Patologia: Bases Gerais, 4. ed. São Paulo: Atheneu, 1999.</p> <p>ROBBINS E COTRAN. PATOLOGIA – Bases Patológicas das Doenças. 7. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2006.</p>
Farmacologia	
Ementa	Referência
Princípios gerais de ação e vias de administração dos fármacos. Farmacocinética. Farmacodinâmica. Atuação das drogas nos diversos sistemas do organismo humano	<p>ASPERHEIM, M.K. Farmacologia para Enfermagem. 9.ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2003.</p> <p>HOWLAND, R.D. & MYCEK, M.J. Farmacologia Ilustrada. 3. ed. São Paulo: Artmed, 2006.</p> <p>RANG, H.P. & DALE M.M. Farmacologia. 6. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2007.</p> <p>KATZUNG, B.G. Farmacologia Básica & Clínica. 10. ed. Rio de Janeiro: MacGraw Hill, 2007.</p> <p>LAZO, J.S. As Bases Farmacológicas da Terapêutica. 11. ed. São Paulo: Artmed.</p>

Quadro 5 – Ementário e referência. Campus Petrolina, 2011

Imunologia	
Ementa	Referência
<p>Estudo dos conhecimentos básicos da imunologia: seus princípios, estrutura, organização, funções e interações com as respostas imunes na saúde e na doença.</p>	<p>ABBAS, A.K. Imunologia Celular e Molecular. Rio de Janeiro: 5. ed. El SERVIER, 2005.</p> <p>JANEWAY, C.A; TRAVERS, P.; WALPORT, M.; SHLOMCHIK, M. Imunobiologia: o sistema imunológico na saúde e na doença. 5. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 2003.</p> <p>MALE, D.; ROITT, I.; BRASTOFF, J. Imunologia. 6.ed. São Paulo: Manole, 2002.</p> <p>ROITT, I.M; RABSON, A. Imunologia Básica. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2003.</p> <p>ROITT, I.M; DELVES, P.J. Fundamentos da Imunologia. 10. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan.</p> <p>STITES, D.; TERR, A.I. Imunologia Médica. 9. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2000.</p>
Ética e Legislação da Enfermagem	
Ementa	Referência
<p>Importância da questão ética na formação do cidadão e do profissional de saúde. Ética, nos campos da ciência e tecnologia, do direito e da política. História da legislação de enfermagem. Regulamentação do exercício profissional. Princípios de liberdade, consciência e valor. Bioética. Direitos e deveres do usuário e do profissional e dilemas éticos.</p>	<p>ZOBOLI, E.L.C.P; OGUISSO, T. Ética e Bioética : Desafios para a Enfermagem e a Saúde – Série Enfermagem. Editora Manole, 2006.</p> <p>OLIVEIRA, F. Bioética: Uma Face da Cidadania. 8. Ed. Editora Moderna, 2004.</p> <p>GERMANO, R.M. A ética e o ensino da ética na enfermagem do Brasil. São Paulo: Cortez, 1993.</p> <p>Mello, M. E.V. O debate sobre a descriminalização do aborto no Brasil. Revista eletrônica IPAS Brasil. ed 32 nov 2007. Disponível em < http://www.ipas.org.br/revista/nov07.html> Acesso em 20 jan. 2010.</p> <p>Código de Ética dos Profissionais de Enfermagem - RESOLUÇÃO COFEN Nº 311/2007: Disponível em < http://www.coren-pe.com.br/> Acesso em 20 jan. 2010.</p> <p>MENEZHINI, R. Prática profissional e ética no contexto das políticas de saúde. Disponível em: < http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-> Acesso em 22 jun. 2010.</p>

Quadro 5 – Ementário e referência. Campus Petrolina, 2011

Semiologia e Semiotécnica de Enfermagem	
Ementa	Referência
<p>O cuidar do ser humano. Estudo e desenvolvimento de habilidades à capacidade do cuidar. Considerações éticas e de humanização no cuidado. Métodos propedêuticos, instrumentos e procedimentos para o cuidar.</p>	<p>POTTER, P.A. Fundamentos de Enfermagem. 7. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2009.</p> <p>PORTO, C.C. Exame Clínico: Bases Para a Prática Médica. 6. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2008.</p> <p>CARPENITO-MOYET, L.J. Diagnóstico de enfermagem: aplicação a prática clínica. 10. ed. Porto Alegre: Artmed, 2005.</p> <p>BENSENOR, I.M; ATTA, J.A; MARTINS, M.A. Semiologia clínica. São Paulo: Sarvier, 2002.</p> <p>KAWAMOTO, E.E. Fundamentos de Enfermagem. 2. ed. São Paulo: EPU Editora, 1997.</p>
Educação Alimentar e Nutricional	
Ementa	Referência
<p>Conceito de alimentação e nutrição. Fisiologia da Digestão. Carências nutricionais mais prevalentes. Estudo nutricional de indivíduos e populações. Educação alimentar nas diferentes etapas da vida: lactentes, criança, escolar, gestante, nutrízes, trabalhador e idosos. Segurança Alimentar e Política de Alimentação e Nutrição. Sistema de Vigilância Alimentar e Nutricional.</p>	<p>KAC, G. <i>et al.</i> Epidemiologia nutricional. Rio de Janeiro: Fiocruz/Atheneu, 2007.</p> <p>MAHAN, L.K. Alimentos, Nutrição e Dietoterapia. 11 ed. Editora Rocca: São Paulo, 2005.</p> <p>BRASIL. Ministério da Saúde. Política nacional de alimentação e nutrição. Brasília, 2008. Disponível em: <http://drt2001.saude.gov.br/editora/produtos/livros/popup/politica_nacional_alimentacao_nutricao_2ed.htm></p> <p>BRASIL. VIGILÂNCIA ALIMENTAR E NUTRICIONAL - SISVAN: orientações básicas para a coleta, processamento, análise de dados e informação em serviços de saúde / [Andressa Araújo Fagundes et al.]. – Brasília: Ministério da Saúde, 2004. Disponível em: <http://200.214.130.35/nutricao/docs/geral/orientacoes_basicas_sisvan.pdf>_Acesso em 21 ago. 2010.</p> <p>BRASIL. Ministério da Saúde. <i>Indicadores de Vigilância Alimentar e Nutricional : Brasil 2006</i> / Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Atenção Básica. Brasília : Ministério da Saúde, 2009. Disponível em: <http://200.214.130.35/nutricao/docs/geral/indicadores_vigilancia_alimentar_nutricional.pdf>_Acesso em 11 out. 2010.</p> <p>BRASIL. MINISTERIO DA SAUDE. Guia Alimentar para a população Brasileira: promovendo a alimentação saudável. Brasília .2006. Disponível em: <http://dtr2001.saude.gov.br/editora/produtos/livros/pdf/05_1109_M.pdf>_Acesso em 19 ago. 2010.</p>

Quadro 5 – Ementário e referência. Campus Petrolina, 2011

Epidemiologia I	
Ementa	Referência
Utilização dos sistemas de informação de racionalidade epidemiológica (SIM, SINASC e SINAN) para descrição dos eventos vitais segundo as variáveis de tempo, lugar e pessoa através de indicadores como taxas e coeficientes.	<p>CAMPOS, G.W.S. <i>et al.</i> Tratado de Saúde Coletiva. 2. ed. São Paulo: HUCITEC, Rio de Janeiro: Fiocruz, 2009.</p> <p>PEREIRA, M.G. Epidemiologia Teoria e Prática. Rio de Janeiro: Guanabara, 1995.</p> <p>ROUQUAYROL, M.Z. Epidemiologia & Saúde. 6. ed. Rio de Janeiro: Medsi, 2003.</p> <p>BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Curso Básico de Vigilância Epidemiológica. Brasília, 2005. Disponível em: <http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/Curso_vigilancia_epidemio.pdf>. Acesso em: jan. 2010.</p> <p>BRASIL, Ministério da Saúde. Guia de Vigilância Epidemiológica. 6. ed. Brasília, 2007. Disponível em: <http://dtr2001.saude.gov.br/editora/producao/livros/genero/livros.htm>. Acesso em: jun. 2010.</p>
Metodologia do Cuidar em Enfermagem	
Ementa	Referência
O cuidar do ser humano. Teorias de enfermagem e a aplicação no cuidado ao indivíduo, família e comunidade. O processo de enfermagem como metodologia do cuidar. Considerações éticas e de humanização no cuidado.	<p>POTTER, P.A. Fundamentos de Enfermagem. 7. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2009.</p> <p>CARPENITO-MOYET, L.J. Diagnóstico de enfermagem: aplicação a prática clínica. 10ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2005.</p> <p>WESTPHALEN, M.E.A; CARRARO, T.E. Metodologias para assistência de enfermagem: teorizações, modelos e subsídios para a prática. Goiania: AB, 2001.</p> <p>TANNURE, M.C; GONÇALVES, A.M.P. <i>SAE - Sistematização da Assistência de Enfermagem - Guia Prático</i>. 1ª Ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2008.</p>
Psicologia da Personalidade	
Ementa	Referência
Definições, medidas e dinâmica da personalidade. Variáveis biológicas, ambientais e sociais que afetam o desenvolvimento da personalidade. Teorias da personalidade. Aplicação dos conhecimentos psicológicos no cuidar em enfermagem.	<p>BOCK, A.M; FURTADO, O.; TEIXEIRA, M.L. <i>Psicologias</i>. São Paulo: Saraiva, 1999.</p> <p>HALL, C.S.; LINDZEY, G; CAMPBELL, J.B. <i>Teorias da Personalidade</i>. 4ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2000.</p> <p>FADIMAN, J. & FRAGER, R. <i>Teorias da Personalidade</i>. São Paulo: Harbra, 1986.</p> <p>HALL, C.S.; LINDZEY, G. <i>Teorias da Personalidade (vol1)</i>. São Paulo: EPU, 2000.</p> <p>WORDEN, W. J. <i>Terapia do luto. Um manual para o profissional de saúde mental</i>. Porto Alegre: Artes médicas, 1998.</p>

Quadro 5 – Ementário e referência. Campus Petrolina, 2011

Práticas Educativas em Enfermagem	
Ementa	Referência
<p>A ação pedagógica concepções e tendências. Aspectos do processo de ensinar e aprender. Formas de planejar, executar e avaliar a ação pedagógica em situação escolar, comunitária nos programas de educação em saúde no contexto do Sistema Único de Saúde/SUS.</p>	<p>FREIRE, P. Pedagogia da autonomia. Saberes necessários à prática educativa. 36. ed. Rio de Janeiro: Paz e terra, 2004.</p> <p>FREIRE, P. Pedagogia do oprimido. 46. ed. Rio de Janeiro: Paz e terra, 2005.</p> <p>HOFFMANN, J.M.L. Avaliação Mediadora: Uma Relação Dialógica na Construção do Conhecimento. Publicação: Série Idéias n. 22. São Paulo: FDE, 1994. Pág: 51-59. Disponível em: <http://www.crmariocovas.sp.gov.br/pdf/ideias_22_p051-059_c.pdf>.</p> <p>BRASIL. Ministério da Saúde. Gabinete do Ministro. Portaria n. 1996/GM/MS de 20 de agosto de 2007. Dispõe sobre as diretrizes para a implementação da Política Nacional de Educação Permanente em Saúde e dá outras providências. Brasília: Ministério da Saúde, 2007. Disponível em: <http://dtr2001.saude.gov.br/sas/PORTARIAS/Port2007/GM/GM-1996.htm>.</p> <p>BRASI. Ministério da Saúde. Os novos espaços da educação permanente. Revista Brasileira Saúde da Família. Brasília, ano VII, n. 10, 2006. Disponível em: <http://dtr2004.saude.gov.br/dab/docs/publicacoes/revistas/revista_saude_familia10.pdf>.</p>
Central de Material e Esterilização	
Ementa	Referência
<p>Área física, organização e funcionamento da Central de Material e Esterilização (CME). Descontaminação e limpeza; preparo; desinfecção e esterilização; armazenamento e distribuição dos materiais desinfetados e esterilizados.</p>	<p>POSSARI, J.F. Centro de Material e Esterilização (Planejamento e Gestão). 3ª Ed. Iatria. SP. 2003.</p> <p>PADOVESE, M.C. <i>et al.</i> Esterilização de artigos em unidades de saúde. 2. ed. revisada e ampliada. São Paulo. Associação Paulista de estudos e controle de infecção hospitalar, 2003. POSSARI, J.F. Esterilização por vapor de baixa temperatura e formaldeído. São Paulo: editora Iátria. 2003.</p> <p>SOCIEDADE BRASILEIRA DE ENFERMEIROS DE CENTRO CIRURGICO, Recuperação Anestésica e Centro de Material e Esterilização. (SOBECC). Práticas recomendadas da SOBECC. 3. ed. Sao Paulo: SOBECC, 2009.</p> <p>REVISTA BRASILEIRA DE ENFERMEIROS DE CENTRO CIRÚRGICO. Anais do II Congresso de Enfermagem em Centro Cirúrgico. São Paulo, 1995.</p> <p>FERRAZ, E.M. Infecção em Cirurgia. Rio de Janeiro: MEDSI, 1997.</p>

Quadro 5 – Ementário e referência. *Campus Petrolina, 2011*

Bioestatística	
Ementa	Referência
<p>Noções básicas ou conceitos básicos. Variáveis: quantitativa, qualitativa, independente e dependente. População e amostra. Escalas de medida. Medidas de tendência central e de dispersão. Nível de significância estatística, valor de p. Intervalo de confiança. Tabelas e representação gráfica. Construção de distribuição de frequência.</p>	<p>AZEVEDO, A.G. Estatística básica. Rio de Janeiro: LTC, 1987.</p> <p>BERQUÓ, E.S.; SOUZA, J.M.P.; GOTLIEB, S.L.D. Bioestatística. São Paulo: EPU, 1981.</p> <p>FONSECA, J.S.; MARTINS, G.A. de. Curso de estatística. São Paulo: Atlas, 1996.</p> <p>JEKEL, J.F.; KATZ, D.L.; ELMORE, J.G. Epidemiologia, bioestatística e medicina preventiva. 2. ed. Porto Alegre: ARTMED, 2005.</p> <p>PAGANO, M.; GAUVREAU, K. Princípios de bioestatística. São Paulo: Thomson, 2004.</p> <p>VIEIRA, S. Bioestatística: tópicos avançados. 2. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004.</p>
Cuidar de Enfermagem na Saúde do Adulto	
Ementa	Referência
<p>Política Nacional da Saúde do homem. Vigilância das doenças e agravos não transmissíveis, Política Nacional de Saúde do Trabalhador e agravos ocupacionais de importância regional. O cuidar de enfermagem nas patologias clínicas de maior prevalência na região. Sistematização da assistência de enfermagem nos diferentes níveis de atenção.</p>	<p>PORTO, C.C. Exame Clínico: Bases Para a Prática Médica. 6. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2008.</p> <p>GOLDMAN, L.; AUSIELLO, D.C. Tratado de Medicina Interna. 22. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004.</p> <p>BRASIL. Ministério da Saúde. Departamento de Atenção Básica. Área Técnica de Diabetes e Hipertensão Arterial. Hipertensão Arterial Sistêmica (HAS) e Diabetes mellitus (DM): protocolo / Ministério da Saúde. Departamento de Atenção Básica. Área Técnica de Diabetes e Hipertensão Arterial. – Brasília: Ministério da Saúde, 2001. 96p. il. (Cadernos de atenção básica, 7).</p> <p>BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. Política Nacional de Atenção Integral à Saúde do Homem: Princípios e Diretrizes / Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Atenção Básica. – Brasília: Ministério da Saúde, 2008.</p>
Cuidar de Enfermagem no Perioperatório	
Ementa	Referência
<p>História da cirurgia. Aspectos estruturais e organizacionais em cirurgia. Gestão em clínica cirúrgica e centro cirúrgico. Princípios básicos em cirurgia. Sistematização da Assistência de Enfermagem Perioperatória (SAEP) no âmbito hospitalar e domiciliar. Segurança do paciente no perioperatório. Procedimentos e exames diagnósticos/ complementares. Principais cirurgias incidentes na Região do Médio do São Francisco.</p>	<p>SMELTZER, S.C.; BARE, B.G. Tratado de Enfermagem Médico-Cirúrgica. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2008.</p> <p>BRASIL. Ministério da Saúde. Agência Nacional de Vigilância Sanitária. Resolução RDC n. 50/2002. Dispõe sobre normas destinadas ao exame e aprovação dos projetos físicos de estabelecimentos assistenciais de saúde. Disponível em: http:// www.anvisa.gov.br; acessado em: 26/11/2010.</p>

Quadro 5 – Ementário e referência. Campus Petrolina, 2011

Cuidar de Enfermagem no Perioperatório	
Ementa	Referência
História da cirurgia. Aspectos estruturais e organizacionais em cirurgia. Gestão em clínica cirúrgica e centro cirúrgico. Princípios básicos em cirurgia. Sistematização da Assistência de Enfermagem Perioperatória (SAEP) no âmbito hospitalar e domiciliar. Segurança do paciente no perioperatório. Procedimentos e exames diagnósticos/complementares. Principais cirurgias incidentes na Região do Médio do São Francisco.	SOCIEDADE BRASILEIRA DE ENFERMEIROS DE CENTRO CIRURGICO. Recuperação Anestésica e Centro de Material e Esterilização. (SOBECC). Práticas recomendadas da SOBECC. 3. ed. Sao Paulo: SOBECC, 2009. FERNANDES, A.T. Infecção Hospitalar e suas Interfaces na Área da Saúde . São Paulo. Editora Athheu, 2000. MARTINS, M.A <i>et al.</i> Manual de Infecção Hospitalar-Epidemiologia, Prevenção e Controle . 2ª edição. Minas Gerais: MEDSI. 2001.
Saúde Coletiva II	
Ementa	Referência
Vigilância epidemiológica das principais doenças infecciosas e parasitárias prevalentes na região com discussão sobre os aspectos epidemiológicos, clínicos, diagnósticos e terapêuticos das doenças infecciosas e parasitárias utilizando o programa nacional de imunização e uma rede do frio de qualidade como uma das medidas de controle.	HINRICHSEN, S. L. <i>et. al.</i> DIP Doenças infecciosas e parasitárias . Rio de janeiro: Guanabara Koogan, 2005. ROUQUAYROL, M.Z. Epidemiologia & Saúde . 6. d. Rio de Janeiro: Medsi, 2003. BRASIL, Ministério da Saúde. Guia de vigilância epidemiológica . 6. ed. Brasília, 2007. Disponível em: < http://dtr2001.saude.gov.br/editora/produtos/livros/genero/livros.htm >. Acesso em: junho, 2010. BRASIL, Ministério da Saúde. Manual de normas de vacinação . 3. ed. Brasília, 2001. Disponível em: < http://portal.saude.gov.br/portal/arquivos/pdf/manu_normas_vac1.pdf >. Acesso em: 10 nov. 2010. BRASIL, Ministério da Saúde. Manual de rede de Frio . Brasília, 2001. Disponível em: < http://portal.saude.gov.br/portal/arquivos/pdf/manu_rede_frio.pdf >. Acesso em: 22 de outubro, 2010.
Saúde, Ambiente e Qualidade de Vida	
Ementa	Referência
Influência das condições ambientais, sociais e econômicas sobre a saúde do indivíduo e da coletividade. Utilização de indicadores epidemiológicos. Ambiente global e desenvolvimento sustentável. Agentes ameaçadores do meio ambiente. Vigilância ambiental e Vigilância sanitária.	FORATTINI, O.P. Ecologia, epidemiologia e sociedade . 2. ed. São Paulo: Artes Médicas, 2004. 720 p. MEDRONHO, R.A. <i>et. al.</i> Epidemiologia . 2. ed. São Paulo: Atheneu, 2009. 685 p. ROUQUAYROL, M.Z. Epidemiologia & Saúde . 6. ed. Rio de Janeiro: Medsi, 2003. ROUQUAYROL, M.Z. ALMEIDA FILHO, N. Introdução à Epidemiologia . 4. ed. Rio de Janeiro: Medsi, 2006. BUSS, P.M. Promoção da saúde e qualidade de vida . Ciênc. saúde coletiva, Rio de Janeiro, v. 5, n. 1, 2000

Quadro 5 – Ementário e referência. Campus Petrolina, 2011

Cuidar da Enfermagem na Saúde da Criança e do Adolescente	
Ementa	Referência
Política Nacional de Saúde da Criança e do Adolescente; processo de trabalho de enfermagem na promoção, recuperação, proteção e reabilitação da saúde individual e coletiva da criança e do adolescente no contexto familiar.	MARCONDES, E.; COSTA, F.A; RAMOS, J.L.A. Pediatria Geral e Neonatal . 9 ed. Sarvier, 2003. MELO, A.C.; FERREIRA, C.; RAMOS, J.R. Manual de Perinatologia da Soperj . 1ª ed. RJ.2006. TAMEZ, R.N.; SILVA, M.J.P. Enfermagem na UTI Neonatal – Assistência ao Recém Nascido de Alto Risco . 4. Ed. Guanabara Koogan, 2009. HALEY, L.F.; WONG, D.L. Enfermagem Pediátrica (Elementos Essenciais à Intervenção Efetiva) 4. ed. Guanabara Koogan, 199 p. BRASIL. Estatuto da Criança e do Adolescente . São Paulo: Cortez, 1990. 181p.
Cuidar de Enfermagem na Saúde da Mulher	
Ementa	Referência
Política Nacional de Saúde da Mulher. Saúde sexual e reprodutiva na perspectiva de gênero e da integralidade. Intervenções de enfermagem no processo saúde-doença. Indicadores de morbi-mortalidade. Ciclo evolutivo da mulher, necessidades individuais e coletivas para o cuidado integral e humanizado no pré- natal, parto e puerpério, menarca, ciclo menstrual e climatério. Patologias do aparelho reprodutor feminino. O binômio mãe e filho, cuidados com o neonato. A mulher vítima de violência. Sistemas de informação.	NEME, B. Obstetrícia Básica . São Paulo: Savier, 2006. PIATO, S. Diagnóstico e Terapêutica das patologias Obstétricas . Rio de Janeiro Atheneu, 2009. REZENDE, J. de. Obstetrícia Fundamental . 11. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2008. BRASIL. Ministério da Saúde. Política nacional de atenção integral à saúde da mulher: princípios e diretrizes . Brasília: Editora do Ministério da Saúde, 2009. disponível em: http://dtr2001.saude.gov.br/editora/produtos/livros/genero/livros.htm#p >. BRASIL. Ministério da Saúde. Pré-natal e Puerpério: atenção qualificada e humanizada . Brasília, 2005. Disponível em < http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/manual_pre_natal_puerperio_3ed.pdf >.
Cuidar de Enfermagem em Saúde Mental	
Ementa	Referência
Saúde Mental do indivíduo, família e Comunidade nas diversas fases e condições de vida. Risco de adoecer. Papel e ações do Enfermeiro na prevenção das doenças mentais. Assistência de Enfermagem às pessoas portadoras de distúrbios mentais agudos e crônicos. Estudo das doenças mentais de maior prevalência. Intervenção da enfermagem junto ao doente mental. Prevenção da cronicidade. Readaptação sócio-familiar do doente mental. Políticas de Saúde Mental e trabalho em equipe.	DALGALARRONDO, P. Psicopatologia e Semiologia dos Transtornos Mentais . 2.ed. Porto Alegre: Artmed, 2008. MACKINNON, Roger. A., MICHELS, Robert., BUCKLEY, Peter J. A Entrevista Psiquiátrica na Prática Clínica . 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2007. TOWNSEND, M.C. Enfermagem Psiquiátrica – Conceitos e Cuidados . 3. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan S.A, 2002. Lei 10.216 de 06 de abril de 2001. Disponível em: < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/leis_2001/110216.htm > . Acesso em: 31 out. 2010. SADOCK, B.J. Compêndio de Psiquiatria: ciências do Comportamento e psiquiatria clínica . Benjamin James Sadock, Virginia Alcott; Tradução Claudia Bucley Dornelles.[et al]. 9.ed. Porto Alegre: Artmed, 2007.

Quadro 5 – Ementário e referência. Campus Petrolina, 2011

Cuidar de Enfermagem na Saúde do Idoso	
Ementa	Referência
<p>Introdução ao estudo da gerontologia. Fundamentos Biológicos, Processos Patológicos, Psicológicos e aspectos sócio-culturais do envelhecimento. Teorias do envelhecimento e transição demográfica. O cuidado Gerontológico. Gestão da Atenção ao idoso, políticas e programas de Saúde do Idoso.</p>	<p>SMELTZER, S.C.; BARE, B.G. Tratado de Enfermagem Médico-Cirúrgica. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2008.</p> <p>FREITAS, E.V. Tratado de geriatria e gerontologia. Guanabara koogan, 2002.</p> <p>MINISTÉRIO DA SAÚDE, Brasil. Caderno de Atenção Básica n19 Envelhecimento e saúde da Pessoa Idosa Brasília: MS, 2006.</p> <p>MINISTÉRIO DA SAÚDE, Brasil. Envelhecimento ativo, uma política de saúde. MS, 2005.</p> <p>LITVOC, J.; BRITO, F.C. Envelhecimento prevenção e promoção da saúde. Athneu. São Paulo, 2004.</p>
Cuidar de Enfermagem em Emergências e Traumas	
Ementa	Referência
<p>Política Nacional de Urgência e Emergência vigente no país e indicadores de mortalidade. Legislação, estruturação, organização e gerenciamento dos serviços da rede de emergência no âmbito do SUS. Sistematização da Assistência de Enfermagem ao indivíduo em situações de emergências e urgências pré e intra hospitalar e em Terapia Intensiva.</p>	<p>BRASIL. Ministério da Saúde. Política Nacional de Atenção às Urgências. 2 ed. Brasília, 2006 . Disponível em: http://www.portal.saude.gov.br.</p> <p>POTTER, P.A. Fundamentos de Enfermagem. 7. ed. Rio de Janeiro, Elsevier, 2009.</p> <p>CARPENITO, L.J. Diagnósticos de Enfermagem: Aplicação à prática clínica. 8. ed. Porto Alegre: Artmed, 2002.</p> <p>P. G. <i>et al.</i> Cuidados críticos de enfermagem. 8 ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2007.</p> <p>CINTRA, E.A.; NISHIDE, V.M; NUNES, W.A. Assistência de enfermagem ao paciente gravemente enfermo. 2 ed. São Paulo: Atheneu, 2003, p. 351-366.</p>

Quadro 5 – Ementário e referência. Campus Petrolina, 2011

Gestão de Serviços de Saúde e de Enfermagem

Ementa	Referência
Teoria e Princípios das organizações e as práticas gerenciais em saúde e em enfermagem. Política de recursos humanos voltadas para o SUS; Utilização de conhecimento teórico-prático para o desenvolvimento do Planejamento, organização e gestão de serviços de saúde e de enfermagem em unidade hospitalar e saúde pública; Gestão e qualidade de serviços de saúde; Aplicação de conceitos teóricos-prático para o desenvolvimento de habilidades como liderança e tomada de decisões; Auditoria em enfermagem.	BRASIL Ministério da Saúde. NORMA OPERACIONAL BÁSICA DE RECURSOS HUMANOS DO SUAS NOB-RH/SUAS.2006 Disponível em:< http://www.google.com.br/search?hl=pt-BR&rlz_1W1ADRA_pt-BR&q+Os+Princ%C3%A1sica+de+Recursos+humanos+para=o+SUS+%28NOB%2FRH-SUS%292003&meta+&aq+&aq+f&oq > BRASIL. Decreto nº 94.406 de 08 de Junho de 1987. Regulamenta a Lei nº 7.498 de 25 de junho de 1986, que dispõe sobre o exercício da enfermagem, e dá outras providências. Diário Oficial da União , Brasília, 09 de Junho de 1987. BRASIL. Ministério da Saúde. POLÍTICA NACIONAL DE RECURSOS HUMANOS PARA O SUS. Disponível em: http://www.observearh.org.br/observearh/repertorio/Repertorio_ObservaRH/NESP-UnB/Arvore_Logica/cd/pdfs/nobrhsus.pdf . http://www.datasus.gov.br/cns/11Conferencia/relatorio/RECURSOS%20HUMANOS.htm KURCGANT, P. <i>et al</i> Administração em Enfermagem . São Paulo: EPU, 1991. MINISTÉRIO DA SAÚDE. Normas e Padrões de Construções e Instalações de Serviços de Saúde . 3a Edição, Brasília, 1995.
Epidemiologia II	
Ementa	Referência
Discussão de vigilância em saúde, da transição epidemiológica e demográfica e dos principais tipos de estudos epidemiológicos.	PEREIRA, M.G. Epidemiologia Teoria e Prática . Rio de Janeiro. Guanabara Koogan, 1995. ROUQUAYROL, M.Z. Epidemiologia & Saúde . 6. ed. Rio de Janeiro: Medsi, 2003. TEIXEIRA, C. <i>et al</i> . SUS modelos assistenciais e vigilância da saúde. IESUS , VII(2), Abr/Jun, 1998. Disponível em: < http://portal.saude.gov.br/portal/arquivos/pdf/iesus_vol7_2_sus.pdf >. Acesso em: 12 jul. 2010. WALDMAN, E.A. Usos da vigilância e da monitorização em saúde pública. São Paulo, IESUS , VII(3), Jul/Set, 1998. Disponível em: < http://portal.saude.gov.br/portal/arquivos/pdf/iesus_vol7_3_usos.pdf >. Acesso em: 10 jul 2010.
Metodologia da pesquisa I	
Ementa	Referência
Fundamentos da abordagem e a cientificidade na pesquisa qualitativa e quantitativa. Desenho de estudos e desenhos amostrais de projeto de pesquisa qualitativa. Delineamento de estudos experimentais: estabelecimento de fatores e níveis na pesquisa clínica. Elaboração de projeto. A Ética na pesquisa científica. Pesquisa em bibliotecas virtuais. Regras ABNT.	CERVO, A.L.; BERVIAN, P.A. Metodologia científica . 5. ed. São Paulo: Prentice Hall, 2002. LAKATOS, E.M.; MARCONI, M.A. Técnicas de pesquisa . 6. ed. São Paulo: Atlas, 2007. MATHEUS, M.C.C.; FUSTIONI, S.M. Pesquisa qualitativa em enfermagem . São Paulo: LMP, 2006. TURATO, E.R. Tratado de metodologia da pesquisa clínico-qualitativa: construção teórico-epistemológica, discussão comparada e aplicação nas áreas de saúde e humanas . Petrópolis: Vozes, 2003. VIEIRA, S; HOSSNE, W.S. Metodologia científica para a área de saúde . Rio de Janeiro: Elsevier, 2002.

Quadro 5 – Ementário e referência. Campus Petrolina, 2011

Saúde Coletiva	
Ementa	Referência
Avaliação da gestão do sistema municipal de saúde com ênfase na atenção primária.	<p>BRASIL. Ministério da Saúde. Portaria MS/GM nº 648, de 28/03/2006: Política nacional de atenção básica, publicada no Diário Oficial da União, Brasília, 29 março 2006, nº 61, Seção 1.</p> <p>BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. Avaliação para Melhoria da Qualidade da Estratégia Saúde da Família. Brasília, 2008. Disponível em: <http://dtr2002.saude.gov.br/proesf/autoavaliacaoesf/paginas/Apresemtacoes.asp>. Acesso em: jan. 2010.</p> <p>CAMPOS, G. W. S., <i>et al.</i> Tratado de Saúde Coletiva. 2. ed. São Paulo: HUCITEC, Rio de Janeiro: Fiocruz, 2009.</p> <p>COELHO, F.L. G.; SAVASSI, L.C.M. Aplicação da Escala de Risco Familiar como instrumento de priorização das visitas domiciliares. Revista Brasileira de Medicina de Família e Comunidade, Brasil, v. 1, n. 2, p. 19-26, 2004. Disponível em: <http://www.slideshare.net/leosavassi/escala-de-risco-familiar-escala-de-coelho>. Acesso em: jul. 2010.</p> <p>GIOVANELLA, L. <i>et al.</i> Sistemas municipais de saúde e a diretriz da integralidade da atenção: critérios para avaliação. In: Saúde em Debate – Revista do Centro Brasileiro de Estudos de Saúde. Rio de Janeiro: CEBES, 2002, v. 26, n. 60, p. 37-61. Disponível em: <http://www.cebes.org.br/media/File/publicacoes/Rev%20Saude%20Debate/Saude%20em%20Debate_n60.pdf>. Acesso em: jan. 2010.</p>
Estagio Curricular I	
Ementa	Referências
Integração das competências e habilidades vivenciadas no curso para inserção no mundo do trabalho, aproximação do acadêmico às situações concretas da vida profissional. Planejamento, execução, gerenciamento e avaliação na Atenção primária em saúde. Vivência com reflexão sobre o ambiente e as condições de vida das pessoas no contexto político social e suas repercussões no processo saúde/doença.	<p>BRASIL. Ministério da Saúde. Portaria MS/GM nº 648, de 28/03/2006: Política nacional de atenção básica, publicada no Diário Oficial da União, Brasília, 29 março 2006, nº 61, Seção 1.</p> <p>BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. Avaliação para Melhoria da Qualidade da Estratégia Saúde da Família. Brasília, 2008. Disponível em: <http://dtr2002.saude.gov.br/proesf/autoavaliacaoesf/paginas/Apresemtacoes.asp>. Acesso em: jan. 2010.</p> <p>CAMPOS, G.W.S., <i>et al.</i> Tratado de Saúde Coletiva. 2. ed. São Paulo: HUCITEC, Rio de Janeiro: Fiocruz, 2009.</p> <p>COELHO, F.L.G.; SAVASSI, L.C.M. Aplicação da Escala de Risco Familiar como instrumento de priorização das visitas domiciliares. Revista Brasileira de Medicina de Família e Comunidade, Brasil, v. 1, n. 2, p. 19-26, 2004. Disponível em: <http://www.slideshare.net/leosavassi/escala-de-risco-familiar-escala-de-coelho>. Acesso em: jul. 2010.</p>

Quadro 5 – Ementário e referência. Campus Petrolina, 2011

Estágio Curricular II	
Ementa	Referência
Planejamento, execução, supervisão e avaliação do gerenciamento dos serviços e do cuidar em enfermagem, nas unidades de média e alta complexidade. Vivência com reflexão sobre o ambiente e as condições de vida das pessoas no contexto político social e suas repercussões no processo saúde/doença.	<p>MALAGUTTI, W.; CAETANO, K.C. Gestão do serviço de enfermagem no mundo globalizado. Rio de Janeiro: Rubio, 2009.</p> <p>PORTO, C.C. Exame Clínico: Bases Para a Prática Médica. 6. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2008.</p> <p>BRASIL. Ministério da Saúde. NORMA OPERACIONAL BÁSICA DE RECURSOS HUMANOS DO SUAS NOB-RH. Brasília, 2006. Disponível em: <http://www.google.com.br/search?hl=pt-BR&source=hp&q=NORMA+OPERACIONAL+BÁSICA DE RECURSOS HUMANOS DO SUAS NOB&aq=f&aqi=g1&aql=&0q=&gs_rfai=>. Brasília. 2006.</p> <p>SMELTZER, S.C.; BARE, B.G. Tratado de enfermagem médico-cirúrgica. 10.ed. Vol. 1. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005.</p> <p>CARPENITO, L.J. Diagnósticos de Enfermagem: Aplicação à prática clínica. 8. ed. Porto Alegre: Artmed, 2002.</p> <p>WESTPHALEN, M.E.A; CARRARO, T.E. Metodologias para assistência de enfermagem: teorizações, modelos e subsídios para a prática. Goiania: AB, 2001.</p>
Metodologia da Pesquisa II	
Ementa	Referência
Elaboração e apresentação do Trabalho de Conclusão de Curso. Orientação, supervisão e avaliação docente.	<p>CERVO, A.L.; BERVIAN, P.A. Metodologia científica. 5. ed. São Paulo: Prentice Hall, 2002. LAKATOS.</p> <p>E.M.; MARCONI, M.A. Técnicas de pesquisa. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2007. MATHEUS, M.C.C; FUSTIONI.</p> <p>S.M. Pesquisa qualitativa em enfermagem. São Paulo: LMP, 2006.</p> <p>TURATO, E.R. Tratado de metodologia da pesquisa clínico-qualitativa: construção teórico-epistemológica, discussão comparada e aplicação nas áreas de saúde e humanas. Petrópolis: Vozes, 2003.</p> <p>VIEIRA, S; HOSSNE, W.S. Metodologia científica para a área de saúde. Rio de Janeiro: Elsevier, 2002.</p>
DISCIPLINAS ELETIVAS	
Fitoterapia	
Ementa	Referência
A inserção das terapias alternativas no sistema de saúde pública e no meio científico. Fitoterapia e cultura. Princípios ativos: Tipos, extração e formas farmacêuticas. Efeitos terapêuticos de plantas medicinais nos sistemas orgânicos. Efeitos colaterais e/ou tóxicos. Flora regional utilizada como remédio popular.	<p>ASPERHEIM, M.K. Farmacologia para enfermagem. 9 ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan. 2004.</p> <p>CLAYTON, B.D. & Stock, Y.N. Farmacologia na prática de enfermagem. 13 ed. Rio de Janeiro: Elsevier. 2006.</p> <p>FINTELMANN, V. & Weiss, R.F. Manual de Fitoterapia. 11 ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan. 2010.</p> <p>SCHULZ, V., Hansel, R. & Tyler, V.E. Fitoterapia Racional: um guia de fitoterapia para as ciências da saúde. São Paulo: Manole. 2002.</p> <p>SIMÕES C.M.O.; Schenkel, E.P.; Gossmann, G.; Mello, J.C.P.; Mentz, L.A.; Petrovick P.R. Farmacognosia: da planta ao medicamento. 6 ed. Porto Alegre/Florianópolis: Ed. Universidade/ UFRGS/ Ed. da UFSC. 2007</p>

Quadro 5 – Ementário e referência. *Campus Petrolina, 2011*

Tanatologia	
Ementa	Referência
Estudo para promoção da humanização dos profissionais que trabalham direta ou indiretamente com situações de perda, luto, separação e morte. Ampliação dos conceitos através de conhecimentos interdisciplinares para uma prática nos serviços de saúde em equipe multidisciplinar.	<p>ABERASTURY, A. <i>A Percepção de Morte na Criança</i>. Porto Alegre: Artes Médicas, 1984.</p> <p>D' ASSUMPÇÃO, E.A. <i>Os que partem, os que ficam - 7ª. ed.</i> - Ed. Vozes Petrópolis, RJ 1987.</p> <p>KÜBLER-ROSS, E. <i>Sobre a morte e o morrer</i>. São Paulo: Martins Fontes, 1981.</p> <p>LEPARGNEUR, H. <i>O doente, a doença e a morte</i>. Campinas, SP: Papirus, 1987.</p> <p>WALSH, F. e MCGOLDRICK, M. <i>Morte na Família: Sobrevivendo às perdas</i>. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.</p> <p>WORDEN, W.J. <i>Terapia do luto. Um manual para o profissional de saúde mental</i>. Porto Alegre: Artes médicas, 1998.</p>
Saúde do Trabalhador	
Ementa	Referências
Origens da Saúde do Trabalhador. Saúde e Ambiente do Trabalho. Enfermagem em Saúde do Trabalhador. Qualidade de Vida no Trabalho. Acidentes e Doenças do Trabalho. Legislação em Saúde do Trabalhador.	<p>MEDRONHO, R.A. <i>et. al. Epidemiologia</i>. 2. ed. São Paulo: Atheneu, 2009. 685 p. BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção a Saúde. Departamento de Ações Programáticas estratégicas. Legislação em Saúde: caderno de legislação em saúde do trabalhador. 2. ed. Brasília: Ministério da Saúde, 2005. Disponível em: < http://dtr2001.saude.gov.br/editora/produtos/livros/genero/livros.htm>. Acesso em: 16 dez. 2010.</p> <p>MENDES, R.; DIAS, E.C. Da medicina do trabalho à saúde do trabalhador. Rev. Saúde Pública, São Paulo, v. 25, n. 5, Oct. 1991. Available from <http://www.scielo.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-89101991000500003&lng=en&nrm=iso>. access on 01 Jan. 2011. doi: 10.1590/S0034-89101991000500003.</p> <p>MINAYO-GOMEZ, C.; THEDIM-COSTA, S.M.F. da.; A construção do campo da saúde do trabalhador: percurso e dilemas. Cad. Saúde Pública, Rio de Janeiro, 2011. Available from <http://www.scielo.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X1997000600003&lng=en&nrm=iso>. access on 01 Jan. 2011. doi: 10.1590/S0102-311X1997000600003.</p> <p>MINISTÉRIO DA SAÚDE. Organização Pan-Americana de Saúde no Brasil. Doenças relacionadas ao trabalho: manual de procedimentos para os serviços de saúde. Brasília: Ministério da Saúde, 2001. Disponível em: < http://dtr2001.saude.gov.br/editora/produtos/livros/genero/livros.htm>. Acesso em: 16 dez. 2010.</p> <p>ROUQUAYROL, M.Z. Epidemiologia & Saúde. 6. ed. Rio de Janeiro: Medsi, 2003.</p>

Quadro 5 – Ementário e referência. *Campus Petrolina, 2011*

Educação Popular em Saúde	
Ementa:	Referência
Educação popular no Brasil. Organização dos movimentos sociais e cidadania; Mobilização e participação comunitária em ações de saúde. Reflexão crítica sobre o papel da educação popular. A contextualização dos conceitos de educação, classe e popular. Planejamento, acompanhamento e operacionalização de atividades de educação popular no contexto do SUS.	<p>OLIVEIRA, M.W. Educação popular em saúde. Rev. Ed. Popular, Uberlândia, v. 6, p. 73-83. Jan./dez. 2007.</p> <p>VASCONCELOS, E.M. Educação População: de uma prática Alternativa a uma estratégia de Gestão Participativa das políticas de Saúde. PHISIS: Rev. Saúde Coletiva, Rio de Janeiro 14 (1):67-83, 2004</p> <p>ALVES, V.S. Um modelo de educação para o Programa Saúde da Família: pela integralidade da atenção e reorientação do modelo assistencial. INTERFACE – Comunic, Saúde, Educ. v. 9, n. 16 p 39-52, set. 2004/fev.2005.</p> <p>MACHADO, M.F.A.S. de <i>et al.</i> Integralidade, formação de saúde, educação em saúde e as propostas do SUS - uma revisão conceitual. Ciência & Saúde Coletiva, 12 (2):335-342, 2007</p> <p>BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa. Série B. Textos Básicos de Saúde Brasília-DF 2007. Disponível em <http://www.saude.gov.br/bvs> Acesso em dezembro de 2010.</p>
Biossegurança	
Ementa	Referência
Conceitos e implicações para a Saúde/Enfermagem - Precauções em Doenças Infecto - contagiosas – Riscos ocupacionais.Risco biológico e a Enfermagem - Medidas Profiláticas Pré e Pós Exposição ocupacional com material biológico referentes à HIV, HCV e HBV.	<p>FERNADES, A.T. Infecção hospitalar e suas interfaces na área da saúde. São Paulo: Atheneu, 2000.</p> <p>HIRATA, M.H.; MANCINE FILHO,J. Manual de Biossegurança. São Paulo: Monole, 2002.</p> <p>MARTINS, M.A. Manual de Infecção Hospitalar – Epidemiologia, Prevenção e Controle. São Paulo: MEDSI, 2001.</p> <p>MINISTÉRIO DA SAÚDE. Manual de Processamento de artigos e superfícies em estabelecimentos de saúde. 2 Ed. Brasília, 1994.</p>
Bioquímica Clínica	
Ementa	Referência
Proteínas e enzimas plasmáticas. Lipídios e lipoproteínas plasmáticas. Diabetes Mellitus. Metabolismo do cálcio e do fósforo. Função hepática. Metabolismo do etanol. Função renal. Distúrbios hidroeletrólíticos. Distúrbios do equilíbrio ácido básico. Hormônios tireoidianos.	<p>CHAMPE, P.C.; HARVEY, R.A. Bioquímica Ilustrada. 2 ed., Porto Alegre: Artmed, 1997.</p> <p>COMPRI-NARDY, M.; STELLA, M.B.; OLIVEIRA, C. Práticas de laboratório de bioquímica e biofísica: uma visão integrada. Rio de Janeiro: Guanabara koogan, 2009.</p> <p>DEVLIN, T.M. Manual de bioquímica: com correlações clínicas. 6 ed. São Paulo: Edgard Blücher, 2007.</p> <p>GARCIA, M.A.T.; KANAAN, S. Bioquímica clínica. Rio de Janeiro: Atheneu/UFF. 2008.</p>

Quadro 5 – Ementário e referência. Campus Petrolina, 2011

REFERÊNCIAS

- BRASIL. Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Resolução nº. 6, de 3 de novembro de 2010. Divulga a relação das populações dos 26 Estados e dos 5.565 municípios brasileiros. **Diário Oficial** [da União], Brasília, n. 211, p. 104-122, 2010.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Superior. Resolução CNE/CES n. 3, de 7 de novembro de 2001. *Diretrizes Curriculares para os Cursos de Graduação*. Disponível em: <<http://www.mec.gov.br/sesu/diretriz.htm>>. Acesso em: 6 maio 2010.
- BRASIL. Ministério da Educação e Cultura (BR), Ministério da Saúde (BR). *A aderência dos cursos de graduação em enfermagem, medicina e odontologia às diretrizes curriculares nacionais*. Brasília (DF): Ministério da Saúde; 2006
- BRASIL. SINAES/CONAES. Resolução Nº. 01, de 17 de Junho de 2010. Núcleo Docente Estruturante. Brasília, 2010.
- BRASIL. Ministério da Saúde. **Banco de dados do Sistema Único de Saúde**. Cadastro Nacional de Estabelecimentos de Saúde. DATASUS/CNES, 2010. Disponível em <<http://www.datasus.gov.br>>. Acesso em: 6 maio 2010.
- DELLAROZA, M.S.G.; VANNUCHI, M.T.O. (Org.). **O currículo integrado do curso de enfermagem da Universidade Estadual de Londrina: do sonho a realidade**. São Paulo: Hucitec, 2005.
- HOFFMANN, Jussara. Avaliação mediadora: uma prática em construção da pré- escola à universidade. 20 ed. Por to Alegre: Editora Mediação, 2003.
- MEIRA, M.D.D.; KURCGANT, P. Avaliação de Curso de Graduação segundo egressos. **Revista da Escola de Enfermagem**. São Paulo, v. 43, n. 2, 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0080-62342009000200031> Acesso em: 6 maio 2010.
- NETO, L.D. *et al.* Aderência dos Cursos de Graduação em Enfermagem às Diretrizes Curriculares Nacionais. **Revista Brasileira de Enfermagem**. Brasília, v. 60, n. 6, 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-672007000600003> ISSN -0034-7167. Acesso em: 17 abr 2010.
- UNIVERSIDADE DE PERNAMBUCO. Projeto Pedagógico Institucional. Recife, 2006. Disponível em: <<http://www.upe.br>>. Acesso em: 6 maio 2010.
- UNIVERSIDADE DE PERNAMBUCO. Resolução CEPE n. 19, de 2009. Dispõe sobre as atividades complementares dos Cursos de Graduação da Universidade de Pernambuco. **Resoluções do Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão**. Recife, 3. ed. p. 6, 2009. Disponível em <www.upe.br/down/imprensa/cepe_2009.pdf>. Acesso em: 6 maio 2010.

APÊNDICES

APÊNDICE A - Perfil Curricular de Enfermagem referência 2007. *Campus Petrolina, 2011***1º PERÍODO**

Código	Disciplina	Carga horária		
		T	P	Total
DE00001P	Anatomia Humana I	60	30	90
F101110P	Biofísica	30	15	45
F101210P	Bioquímica	60	15	75
F101111P	Citologia	30	15	45
F101200P	Fundamentos Históricos e Sociais da Enfermagem	30	-	30
F101201P	Introdução à Filosofia	30	-	30
F101301P	Metodologia Científica	45	-	45
DE00002P	Saúde Coletiva I	60	30	90

2º PERÍODO

Código	Disciplina	Carga horária		
		T	P	Total
DE00003P	Histologia Humana	45	30	75
DE00022P	Embriologia Humana	30	15	45
F102311P	Genética	45	15	60
DE00004P	Fisiologia Humana I	45	15	60
F102200P	Sociologia da Saúde	45	-	45
F102201P	Psicologia do Desenvolvimento	30	-	30
DE00023P	Antropologia da Saúde	45	-	45
DE00005P	Anatomia Humana II	45	30	75
TOTAL		330	105	435

3º PERÍODO

Código	Disciplina	Carga horária		
		T	P	Total
DE00006P	Microbiologia	60	15	75
DE00007P	Parasitologia	60	15	75
DE00008P	Fisiologia Humana II	45	15	60
F103412P	Processos Patológicos Gerais	45	15	60
F102301P	Farmacologia	60	15	75
F103200P	Imunologia	30	-	30
DE00009P	Ética e Legislação da Enfermagem	45	-	45
TOTAL		345	75	420

4º PERÍODO

Código	Disciplina	Carga horária		
		T	P	Total
DE00010P	Semiologia e Semiotécnica de Enfermagem	90	60	150
DE00015P	Educação Alimentar e Nutricional	30	-	30
F104301P	Epidemiologia I	45	-	45
DE00011P	Metodologia do Cuidar de Enfermagem	45	-	45
DE00012P	Práticas Educativas em Enfermagem	45	-	45
F104201P	Psicologia da Personalidade	30	-	30
DE00013P	Central de Material de Esterilização	30	30	60
DE00014P	Bioestatística	30	-	30
TOTAL		345	90	435

5º PERÍODO

Código	Disciplina	Carga horária		
		T	P	Total
DE00016P	Cuidar de Enfermagem na Saúde do Adulto	105	60	165
DE00018P	Cuidar de Enfermagem no Perioperatório	75	60	135
DE00019P	Saúde, Ambiente e Qualidade de Vida	45	-	45
DE00020P	Saúde Coletiva II	60	30	90
TOTAL		285	150	435

6º PERÍODO

Código	Disciplina	Carga horária		
		T	P	Total
DE00024P	Cuidar da Enfermagem em Saúde Mental	60	30	90
DE00025P	Cuidar da Enfermagem na Saúde da Criança e do Adolescente	75	60	135
DE00026P	Cuidar da Enfermagem na Saúde da Mulher	75	60	135
DE00017P	Cuidar de Enfermagem na Saúde do Idoso	45	30	75
TOTAL		255	180	435

7º PERÍODO

Código	Disciplina	Carga horária		
		T	P	Total
DE00028P	Cuidar de Enfermagem em Emergências e Traumas	60	60	120
DE00029P	Gestão de Serviços de Saúde e de Enfermagem	75	30	105
DE00030P	Saúde Coletiva III	60	60	120
F107310P	Epidemiologia II	30	-	30
DE00027P	Metodologia da pesquisa I	60	00	60
TOTAL		285	150	435

8º PERÍODO

Código	Disciplina	Carga horária	
		T	P
F108490P	Estágio Curricular I	-	430
TOTAL		-	430

9º PERÍODO

Código	Disciplina	Carga horária	
		T	P
F109380P	Estágio Curricular II	-	430
DE00031P	Metodologia da Pesquisa II	-	30
TOTAL		-	460

DISCIPLINAS ELETIVAS**Disciplinas**

	Carga horária	
	T	P
Fitoterapia	45	-
Saúde do Trabalhador	45	-
Biossegurança	45	-
Educação Popular em Saúde	45	-
Tanatologia	30	-

Carga horária disciplinas = 3935h

Carga horária eletiva = 75h

ACC = 90h

Carga horária total = 4100h

APÊNDICE B - Perfil Curricular do Curso de Enfermagem Campus Petrolina, integralização 5 anos
1º Período

Código	Disciplina	Carga horária		
		T	P	Total
F102201P	Psicologia do Desenvolvimento	30	-	30
DE00001P	Anatomia Humana I	60	30	90
F101110P	Biofísica	30	15	45
F101111P	Citologia	30	15	45
F101200P	Fundamentos Históricos e Sociais da Enfermagem	30	-	30
F101201P	Introdução à Filosofia	30	-	30
F101301P	Metodologia Científica	45	-	45
DE00009P	Ética e Legislação da Enfermagem	45	-	45
F101210P	Bioquímica	60	15	75
TOTAL		360	75	435

2º Período

Código	Disciplina	Carga horária			Pré e Co-requisito
		T	P	Total	
DE00002P	Saúde Coletiva I	60	30	90	Ética, FHSE (CR)
F102311P	Genética	45	15	60	Citologia (CR)
DE00004P	Fisiologia Humana I	45	15	60	Bioquímica e Anatomia I (CR)
F102200P	Sociologia da Saúde	45	-	45	SCI (CR)
DE00023P	Antropologia da Saúde	45	-	45	SCI (CR)
DE00022P	Embriologia Humana	30	15	45	Citologia (CR)
DE00005P	Anatomia Humana II	45	30	75	Anatomia I (CR)
TOTAL		315	105	420	

3º Período

Código	Disciplina	Carga Horária			Pré e Co-requisito
		T	P	Total	
DE00006P	Microbiologia	60	15	75	Bioquímica e citologia (CR)
DE00007P	Parasitologia	60	15	75	Bioquímica e citologia (CR)
DE00008P	Fisiologia Humana II	45	15	60	Fisiologia I (CR)
F103412P	Processos Patológicos Gerais	45	15	60	Anatomia II e Genética (CR)
F103200P	Imunologia	30	-	30	Fisiologia I (CR)
DE00003P	Histologia Humana	45	30	75	Citologia (CR)
F104201P	Psicologia da Personalidade	30	-	30	
TOTAL		315	90	405	

4º Período

Código	Disciplina	Carga Horária			Pré e Co-requisito
		T	P	Total	
DE00010P	Semiologia e Semiotécnica de Enfermagem	90	60	150	Ética/ FHSE/ (PR)Fisiologia II/ Farmacologia/ PPG (CR)
F104301P	Epidemiologia I	45	-	45	Bioestatística (CR)
DE00011P	Metodologia do cuidar em Enfermagem	45	-	45	Semiologia (CR)
DE00012P	Práticas educativas em Enfermagem	45	-	45	Introdução a Filosofia,Sociologia e Antropologia (CR)
DE00014P	Bioestatística	30	-	30	
F102301P	Farmacologia	60	15	75	Fisiologia II e Bioquímica (CR)
TOTAL		315	75	390	

5º Período

Código	Disciplina	Carga Horária			Pré e Co-requisito
		T	P	Total	
DE00013P	Central de Material de Esterilização	30	30	60	Microbiologia e Biofísica (CR)
DE00016P	Cuidar de Enfermagem na Saúde do Adulto	105	60	165	Semiologia/ Met. do cuidar/ (CR) PPG/Farmacologia Imunologia (CR)
DE00019P	Saúde, Ambiente e Qualidade de Vida.	45	-	45	
DE00015P	Educação Alimentar e Nutricional	30	-	30	Bioquímica/ SCI/ Antropologia/Sociologia/ Fisiologia II (CR)
DE00017P	Cuidar de Enfermagem na Saúde do Idoso	45	30	75	SCI/Semiologia/ (PR) /CESAdulto (CR)
TOTAL		255	120	375	

6º Período

Código	Disciplina	Carga Horária			Pré e Co-requisito
		T	P	Total	
DE00018P	Cuidar de Enfermagem no Perioperatório	75	60	135	CME/ Semiologia/ CESAdulto/ Metodologia do Cuidar.(PR)
DE00020P	Saúde Coletiva II	60	30	90	Epidemiologia I/ SCI, Microbiologia /Parasitologia/ Semiologia(CR).
DE00024P	Cuidar da Enfermagem em Saúde Mental	60	30	90	Psicologia desenvolvimento/ Psicologia Personalidade(CR) Semiologia (PR)
TOTAL		195	120	315	

7º Período

Código	Disciplina	Carga Horária			Pré e Co-requisito
		T	P	Total	
DE00028P	Cuidar da Enfermagem em Emergências e Traumas	60	60	120	CESAdulto/CESaúde Idoso/ CEPerioperatorio (PR)
DE00030P	Saúde Coletiva III	60	60	120	Saúde coletiva II/ Saúde Ambiente (PR)
F107310P	Epidemiologia II	30	-	30	Epidemiologia I (CR)
DE00029P	Gestão de Serviços de Saúde e de Enfermagem	75	30	105	Saúde Coletiva III /S. SAmbiente. (CR) CEETraumas (CR)
TOTAL		225	150	375	

8º Período

Código	Disciplina	Carga Horária			Pré e Co-requisito
		T	P	Total	
DE00025P	Cuidar da Enfermagem na Saúde da Criança e do Adolescente	75	60	135	CEEmergências e Traumas/ Saúde Coletiva II (PR)
DE00026P	Cuidar da Enfermagem na Saúde da Mulher	75	60	120	Saúde coletiva II/ CEEmergências e Traumas (PR)
DE00027P	Metodologia da Pesquisa I	60	00	60	Met. Científica (PR)
TOTAL		210	120	330	

9º Período

Código	Disciplina	Carga Horária			Pré-requisitos
		T	P	Total	
F108490P	Estágio Curricular I	-	430	430	Todas as disciplinas até o 8º período
TOTAL		-	430	430	

10º Período

Código	Disciplina	Carga Horária			Pré-requisito
		T	P	Total	
DE00027P	Metodologia da Pesquisa II	-	30	30	Metodologia da Pesquisa I
F109380P	Estágio Curricular II.	-	430	430	Estagio Curricular I
TOTAL		-	460	460	

DISCIPLINAS ELETIVAS

Disciplinas	Carga horária	
	T	P
Fitoterapia	45	-
Saúde do Trabalhador	45	-
Biossegurança	45	-
Educação Popular em Saúde	45	-
Tanatologia	30	-

(PR) Pré-Requisito

(CR) Co-Requisito

Carga Horária Disciplinas = 3935h

Carga horária eletivas = 75h

ACC= 180h

Carga Horária Total com as Eletivas e ACC = 4190h**Disciplinas eletivas – inclusão no perfil 2009 após aprovação**

	T	P
Bioquímica Clínica	30	-
Terapêutica Farmacológica aplicada à Enfermagem	45	-

APENDICE C – Equivalência dos perfis curriculares do Curso de Enfermagem. Campus Petrolina

Disciplinas Perfil inicial do curso	C. Horária		C.H Total	EQUIVALENCIA	C. Horária		CH Total
	T	P			T	P	
Anatomia Humana	75	90	165	Anatomia Humana I	60	30	90
				Anatomia Humana II	45	30	75
Biofísica	15	30	45	Biofísica	30	15	45
Bioestatística	45	00	45	Bioestatística	30	-	30
Bioquímica	30	30	60	Bioquímica	60	15	75
Citologia	15	30	45	Citologia	30	15	45
Psicologia Geral	30	-	30	excluída	-	-	-
Histologia	45	30	75	Histologia Humana	45	30	75
Embriologia	30	30	60	Embriologia Humana	30	15	45
Genética e Evolução	45	30	75	Genética	45	15	60
Fisiologia	75	60	135	Fisiologia Humana I	45	15	60
				Fisiologia Humana II	45	15	60
Sociologia da Saúde	30	-	30	Sociologia da Saúde	45	-	45
Antropologia Filosófica	30	-	30	Antropologia da Saúde	45	-	45
Informática em Saúde	45	-	45	Excluída- redistribuído conteúdos			
Microbiologia	60	30	90	Microbiologia	60	15	75
Parasitologia	60	30	90	Parasitologia	60	15	75
Processos Patológicos Gerais	60	30	90	Processos Patológicos Gerais	45	15	60
Farmacologia	60	30	90	Farmacologia	60	15	75
Introdução a administração aplicada a saúde	75	-	75	Excluída- redistribuído conteúdos			
Ética Profissional	30	-	30	Substituídas por: Ética e legislação da Enfermagem	45	-	45
Deontologia e legislação Profissional	30	-	30				
Semiologia e Semiotécnica de Enfermagem	120	90	210	Semiologia e Semiotécnica de Enfermagem	90	60	150
Nutrição e Dietoterapia	45	-	45	Educação Alimentar e Nutricional	30	-	30
Metodologia da Assistência de Enfermagem	60	-	60	Metodologia do Cuidar em Enfermagem	45	-	45
Didática	60	-	60	Práticas Educativas em Enfermagem	45	-	45
Enfermagem em Clínica Geral	105	60	165	Cuidar de Enfermagem na Saúde do Adulto	105	60	165
Enfermagem em Saúde Mental	45	-	45	Substituídas por: Cuidar de Enfermagem em Saúde mental	60	30	90
Enfermagem em psiquiatria	30	30	60				
Saúde Ambiental	45	-	45	Saúde Ambiente e Qualidade de Vida	45	-	45
Doenças Infecciosas e Parasitárias	45	30	75	Saúde Coletiva II	60	30	90
Enfermagem em Clínica Cirúrgica	60	90	150	Cuidar de Enfermagem no Perioperatório	75	60	135
Enfermagem em Centro Cirúrgico	30	30	60				

Enfermagem em Saúde do Idoso	30	30	60	Cuidar de Enfermagem na Saúde do Idoso	45	30	75
Enfermagem em Centro. de Material e Esterilização	30	30	60	Central de Material e Esterilização	30	30	60
Enfermagem em Neonatologia	30	30	60	Cuidar de Enfermagem na Saúde da Criança e do Adolescente	75	60	135
Enfermagem em Pediatria	30	30	60				
Enfermagem em Obstetrícia	90	60	150	Cuidar de Enfermagem na Saúde da Mulher	75	60	135
Enfermagem em Ginecologia	30	30	60				
Enfermagem em Saúde Coletiva	90	60	150	Saúde Coletiva III	60	60	120
Enfermagem nas Emergências e Traumas	90	90	180	Cuidar de Enfermagem em Emergências e Traumas	60	60	120
Enfermagem em Centro de Terapia Intensiva	45	60	105				
Epidemiologia II.	45	30	75	Epidemiologia II	30	-	30
Administração de Recursos Humanos e Materiais	60	-	60	Gestão em Serviços de Saúde e Enfermagem	75	30	105
Administração da Assistência de Enfermagem*	60	60	120				
Estágio Curricular I . Serviços de Saúde/ Administração e Assistência	60	360	420	Estágio Curricular I	-	430	430
Estágio Curricular II. Unidade de Internação / Administração e Assistência	45	420	465	Estágio Curricular II.	-	430	430
Metodologia da Pesquisa II.				Metodologia da Pesquisa II.	-	30	30
Saúde Coletiva I	60	30	90	Incluída	60	30	90

APÊNDICE D –Dados dos currículos dos docentes do colegiado do curso de Enfermagem. *Campus Petrolina, 2011*

ALDA MARIA JUSTO

Graduação em Enfermagem - UFPE, 1985

Mestrado Acadêmico em Saúde Coletiva- UFPE - 2006

Experiência profissional: Coordenação da Comissão Intergestores Bipartite (CIB); Secretária Executiva da Câmara Técnica da CIB; Coordenação de disciplinas de Especializações da FENSG-UPE e dos Campus UPE Garanhuns/Arcoverde/Caruaru; experiência na Área de Saúde Coletiva, com ênfase em Planejamento e Gestão de Políticas e Avaliação de Serviços de Saúde.

Disciplinas que ministra: Epidemiologia II, Saúde Coletiva II e III, Saúde, Ambiente e Qualidade de Vida e Estágio Curricular.

DIEGO PIRES ROCHA

Licenciatura em Ciências Biológicas pela Universidade Católica de Pernambuco- UNICAP, 2000.

Especialização em Gestão de Ambientes Costeiros Tropicais- UFPE, 2001 Especialização em Morfologia, pela Universidade Federal de Pernambuco- UFPE, 2007

Experiência Profissional: Docência em Enfermagem, Biomedicina, Nutrição, Psicologia e Radiologia e Educação Física.

Disciplinas que ministra: Anatomia, Embriologia.

FÁBIO SÉRGIO BARBOSA DA SILVA

Graduação em Ciências Biológicas pela Universidade Federal de Pernambuco – UFPE Mestrado em Biologia de Fungos pela Universidade Federal de Pernambuco – UFPE Doutorado em Biologia de Fungos pela Universidade Federal de Pernambuco – UFPE Pós-Doutorado – UFPE

Disciplinas que ministra: Microbiologia e Parasitologia

FLÁVIA BEZERRA DE SOUZA MELO

Graduação em Ciências Biológicas pela Universidade Federal Rural de Pernambuco – UFRPE Mestrado em Biofísica pela Universidade Federal de Pernambuco – UFPE

Doutorado em Biologia Celular e Molecular pelo Instituto Oswaldo Cruz Disciplinas que ministra: Fisiologia, Biofísica e Imunologia

FLÁVIA EMÍLIA CAVALCANTE VALENÇA FERNANDES

Graduação em Enfermagem -UPE, 2002

Especialização em Saúde Pública com ênfase em Gestão de Serviços e Saúde da Família Experiência profissional: Estratégia Saúde da Família, Programa de Agentes Comunitários de Saúde, Controle e Avaliação

Disciplinas que ministra: Saúde Coletiva I e II, Saúde, Ambiente e Qualidade de Vida, Estágio Curricular I

INALDA MARIA DE OLIVEIRA

Graduação em Enfermagem – FUNESO, 2001

Especialização em Microbiologia Faculdade Frassinetti do Recife- FAFIRE

Experiência profissional: EM UTI geral e coronária, Bloco Cirúrgico, Emergência e Hemodinâmica

Disciplinas que ministra: Cuidar de Enfermagem no Perioperatório, Central de Material e Esterilização, Estágio Curricular II

LUIZA TACIANA RODRIGUES DE MOURA

Graduação em Enfermagem e Obstetrícia pela Faculdade de Medicina de Marília-FAMEMA, 1998

Especialização em Terapia Intensiva pelo CESED- Centro de Ensino Superior e Desenvolvimento-Campina Grande-PB, 2010

Experiência profissional: Vigilância Epidemiológica, Atendimento Pré-Hospitalar, Terapia intensiva

Disciplinas que ministra: Cuidar de Enfermagem em Emergências e Traumas, Semiologia e Semiotécnica, Metodologia do Cuidar em Enfermagem e Estágio Curricular II.

LUSINEIDE CARMO ANDRADE DE LACERDA

Graduação em Enfermagem pela Universidade Federal da Paraíba – UFPB, 1990 Especialização em Gerenciamento de Serviços de Enfermagem- UNIFESP Especialização em Terapia Intensiva- FACISA

Experiência profissional: atuação em UTI, Gerenciamento de Serviços de Saúde e Docência em ensino superior na UNIVASF

Disciplinas que ministra: Cuidar de Enfermagem em Urgências e Traumas, Semiologia e Semiotécnica de enfermagem, Terapêutica Farmacológica Aplicada a Enfermagem, Estágio Curricular II

MARIA ANTONIETA ALBUQUERQUE DE SOUZA

Graduação em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Ceará – UFC
Especialização em Planejamento Econômico e Social

Especialização em Planejamento Urbano e Local pela UFPE Mestrado em Sociologia pela Universidade da Brasília – UNB

Doutorado em Sociologia pela Universidade Federal de Pernambuco – UFPE Disciplinas que ministra: Sociologia da Saúde e Metodologia da Pesquisa

MARIA ELDA ALVES DE LACERDA CAMPOS

Graduação em Enfermagem pela Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, 1983 Especialização em Epidemiologia- FCM/UPE

Mestrado em Vigilância sobre Saúde pela FCM/UPE – 2009 Experiência profissional: Enfermeira Sanitarista, Vigilância em Saúde

Disciplinas que ministra: Saúde Coletiva I, II e III, Epidemiologia I e II, Estágio Curricular I

MARISMAR FERNANDES DO NASCIMENTO

Graduação em Enfermagem- UPE, 1991. Especialização em Saúde Pública- UNAERP-1992

Especialização em Enfermagem Médico Cirúrgica -UPE 1991; Residência em Tocoginecologia- IMIP -1994;

Especialização em Formação Pedagógica em Saúde: Enfermagem.-FIOCRUZ/UFPE-2001; Mestranda em Saúde e Ambiente- UNIT-SE- 2011

Experiência profissional: Docência do Magistério Superior; Gestão Pública; Enfermeira-assistencialista hospitalar; Consultoria em Controle de Infecção e Biossegurança.

Disciplinas que ministra: Cuidar de Enfermagem em Perioperatório; Central de Material e Esterilização; Semiologia e Semiotécnica em Enfermagem; Biossegurança; Estágio Curricular II

MARYLUCE ALBUQUERQUE DA SILVA CAMPOS

Graduação em Ciências Biológicas pela Universidade Federal de Pernambuco – UFPE Mestrado em Biologia de Fungos pela Universidade Federal de Pernambuco – UFPE Doutorado em Biologia de Fungos pela Universidade Federal de Pernambuco – UFPE Disciplinas que ministra: Histologia e Embriologia.

MARTA SOLANGE ALBUQUERQUE GUIMARÃES

Graduação em Enfermagem pela Universidade Federal de Pernambuco – UFPE 1986 Especialização em Metodologia do Ensino Superior pela Universidade de Pernambuco – UPE 1990

Experiência profissional: Área de Saúde Coletiva, Gestão em Saúde e Educação

Disciplinas que ministra: Saúde Coletiva II, Práticas Educativas em Enfermagem, Educação Alimentar e Nutricional, Fundamentos Históricos e Sociais da Enfermagem, Estágio Curricular I.

NADJA MARIA DOS SANTOS

Graduação em Enfermagem- UFPE, 2000

Especialização em Educação Profissional na Área de Saúde: Enfermagem Experiência profissional: Gestão em Saúde, Atenção Básica

Disciplina que ministra: Saúde Coletiva I, Gestão de Serviços de Saúde e de Enfermagem, Estágio Curricular I

PAULO EMÍLIO MACEDO PINTO

Graduação em Psicologia pela Universidade de Fortaleza – UNIFOR

Especialização em Abordagem Sistêmica da Família pela Universidade de Fortaleza – UNIFOR

Especialização em Coordenação Pedagógica e Supervisão Escolar pela Universidade Federal de Pernambuco – UFPE

Especialização em Representação Teatral pela Universidade Federal de Pernambuco – UFPE Mestrado em Psicologia Clínica pela Universidade Católica de Pernambuco – UNICAP Disciplinas que ministra: Psicologia

do Desenvolvimento, Psicologia da Personalidade e Tanatologia

PRISCYLLA HELENA ALENCAR FALCÃO SOBRAL

Graduação em Enfermagem- FENSG- UPE em 2007

Especialização e Urgência e Emergência pelo Instituto Superior de Teologia Aplicada- INTA, 2009

Especialização em Obstetrícia pelo Instituto Brasileiro de Pós- Graduação e Extensão-IBPEX, em andamento

Experiência profissional: Assistência em UTI Obstétrica, Urgência e Emergência, Pediatria, Berçário Neonatal, Triagem obstétrica e Sala de Parto, Clínica Médica; Atenção Básica em Saúde.

Disciplina que ministra: Cuidar da Enfermagem na Saúde da criança, do Adolescente e da Mulher, Saúde Coletiva II, Estágio Curricular I

RACHEL MOLA DE MATTOS

Graduação em Enfermagem- UFPE, 2006

Especialização em UTI – IBPEX

Especialização em Estomaterapia, em fase de conclusão- UPE

Experiência profissional: Hospital (UTI), Home-care, Docência.

Disciplinas que ministra: Fundamentos Históricos e Cuidar de Enfermagem na Saúde do Adulto, Semiologia e Semiotécnica de Enfermagem, Estágio Curricular II

ROSA DE CÁSSIA MIGUELINO SILVA.

Graduação em Enfermagem- Universidade de Mogi das Cruzes, 1982.

Especialização em Auditoria em Serviços de Saúde pela FACISA - Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas, Campina Grande-PB

Experiência profissional: Atenção Básica em Saúde, Saúde Pública e Docência em Ensino Médio.

Disciplinas que ministra: Cuidar de Enfermagem na Saúde da Criança; Cuidar de Enfermagem na Saúde do Adulto e Estágio Curricular I.

ROSANA ALVES DE MELO

Bacharel em Enfermagem pela Universidade Estadual do Maranhão, 2007

Especialização em Urgência e Emergência

Experiência profissional: Enfermeira intensivista de UTI adulto, Neonatal e Pediátrica Disciplinas que

ministra: Cuidar de Enfermagem na Saúde do Adulto; Ética e Legislação da Enfermagem; Cuidar da Enfermagem na Saúde da Criança e do Adolescente, Estágio Curricular II.

THEREZA CHRISTINA DA CUNHA LIMA GAMA

Graduação em Enfermagem e Licenciatura- UFPB

Graduação em Direito- UFPB

Especialização em Administração Hospitalar- Faculdade São Camilo de SP Mestrado em Sociologia- UFPE

Experiência profissional: Gestão municipal de Saúde

Disciplinas que ministra: Gestão em Serviços de Saúde e de Enfermagem, Estágio Curricular I, Metodologia da Pesquisa II

WOLMIR ERCIDES PERES

Graduação em Enfermagem pela Universidade Federal de Santa Catarina- UFSC , 1999 Especialização em Saúde Coletiva- UFPE

Especialização em Educação para Profissionais de Saúde- ENSP/ Fiocruz

Experiência Profissional: Clínica Cirúrgica e Médica; Atenção Básica em Saúde; Serviço Móvel de Urgência SAMU; Docência

Disciplinas que ministra: Estágio Curricular I, Ética e Legislação em Enfermagem, Gestão de Serviços de Saúde e de Enfermagem, Cuidar de Enfermagem no Perioperatório

DOCENTES DE OUTROS COLEGIADOS QUE MINISTRAM AULAS NO CURSO DE ENFERMAGEM

ADAUTO ALMEIDA NETO

Graduação em Biologia pela Universidade Católica de Pernambuco – UNICAP
Mestrado em Patologia pela Universidade Federal de Pernambuco – UFPE Disciplina que ministra: Genética

EDIVALDO XAVIER DA SILVA JÚNIOR

Graduação em Bacharelado em Ciências Biológicas
Especialização em Análises Clínicas pela Faculdade Frassinetti do Recife- FAFIRE
Disciplinas que ministra: Citologia

HELKER ALBUQUERQUE DA SILVA

Graduação em Bacharelado em Ciências Biológicas- UPE
Mestrado em Biologia Celular e Molecular Aplicada Universidade de Pernambuco- UPE Doutorado em andamento em Genética Universidade Federal de Pernambuco- UFPE
Área de atuação: Ciências Básicas
Disciplinas que ministra: Processos Patológicos Gerais

LIDIANE REGIA PEREIRA BRAGA

Graduação em Ciências Biológicas pela Universidade de Pernambuco – UPE
Mestrado em Tecnologias Energéticas Nucleares pela Universidade Federal de Pernambuco – UFPE
Disciplinas que ministra: Fisiologia Humana I

PAULO ADRIANO SCHWINGEL

Graduação em Educação Física pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul- UFRGS Mestrado em Medicina e Saúde (Conceito CAPES 6) pela Universidade Federal da Bahia-UFBA
Doutorado em andamento em Medicina e Saúde (Conceito CAPES 6) pela Universidade Federal da Bahia-UFBA
Disciplinas que ministra: Bioestatística, Metodologia da Pesquisa I e II.

REGINA LUCIA FELIX DE A. LIMA

Graduação em Ciências Biológicas pela Universidade Federal do Piauí – UFPI Mestrado em Biologia de Fungos pela Universidade Federal de Pernambuco - UFPE
Doutorado em Tecnologias Energéticas Nucleares pela Universidade Federal de Pernambuco – UFPE
Disciplina que ministra: Bioquímica

RICARDO KENJI SHIOSAKI

Graduação em Ciências Biológicas pela Faculdade Frassinetti do Recife – FAFIRE Mestrado em Biologia de Fungos pela Universidade Federal de Pernambuco - UFPE Doutorado em Ciências Biológicas pela Universidade Federal de Pernambuco – UFPE Pós-Doutorado pela Universidade Católica de Pernambuco – UNICAP
Disciplinas que ministra: Parasitologia e Citologia

RICARDO FREITAS DIAS

Graduação em Educação Física pela Faculdade Presbiteriana Gammon
Mestrado em Ciência da Motricidade Humana pela Universidade Castelo Branco- UCB/RJ Disciplina que ministra: Fisiologia Humana I e II

RITA DE CÁSSIA MARIA NEVES

Graduação em Ciências Econômicas pela Universidade Católica de Pernambuco – UNICAP Graduação em História pela Universidade Católica de Pernambuco – UNICAP
Mestrado em Antropologia pela Universidade Federal de Pernambuco – UFPE Doutorado em Antropologia pela Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC Disciplinas que ministra: Antropologia da Saúde Introdução a Filosofia.

TICIANA PARENTE ARAGÃO

Graduação em Ciências Farmacêuticas pela Universidade Federal do Piauí- UFPI Mestrado em

Ciências Farmacêuticas pela Universidade Federal de Pernambuco- UFPE Disciplinas que ministra: Farmacologia e Bioquímica

APÊNDICE E –Avaliação discente do curso de Enfermagem. *Campus Petrolina.*

**RELATÓRIO DE AVALIAÇÃO DISCENTE
DO CURSO DE ENFERMAGEM
(Realizada em junho de 2010)**

Equipe responsável

Profa. Dra. Maria Antoniêta Albuquerque de Souza (Coordenação)

Prof. Msc. Rogério Fabiano Gonçalves

Profa. Msc. Thereza Christina da Cunha Lima Gama

Prof. Espc. Wolmir Ercides Péres

Professor colaborador

Prof. Dr. Fábio Sérgio Barbosa

Discente colaborador

João Cleme Junior

Emanuella Virginia Pedroza

1 INTRODUÇÃO

Este Relatório tem por objetivo informar resultados dos indicadores apresentados aos alunos de Enfermagem, para uma avaliação de componentes estruturantes deste Curso da Universidade de Pernambuco (UPE). *Campus Petrolina*.

Implantado, em Petrolina (PE), ha oito semestres esse curso oferece uma entrada por ano, por isto, quatro turmas foram objeto da avaliação (2º, 4º, 6º e 7º períodos). Entretanto, esclareça-se sobre a fusão da 1ª com a 2ª turma como medida de ajuste, pela ocorrência de duas entradas no primeiro vestibular.

Para esta avaliação foi elaborado um instrumento específico¹, ainda, não posto em discussão com o corpo discente, mas levado à consideração e ao debate no colegiado de Enfermagem.

São focalizadas três dimensões – Estrutura institucional do Campus Petrolina: gestão e execução; Corpo docente e Projeto político pedagógico; Instalações físicas; Corpo discente - apresentadas sob a forma de formulário (Apêndice A), onde se destacam os indicadores e os elementos avaliativos constitutivos destes. A organização deste texto segue essa mesma lógica. No corpo do Relatório estão expostos os indicadores e, na maioria das vezes, a representação absoluta e percentual das informações prestadas pelos alunos sobre as suas opiniões, idéias, representações ou imagens sobre os itens consultados.

Os acadêmicos participantes da avaliação somam 126 alunos assim distribuídos: 2º período, 31; 4º período 31; 6º período, 27; 7º período, 37. Assim, o número do total de alunos por turma, varia segundo o número de itens estruturantes dos indicadores da avaliação, com possibilidades de variação entre 3 e 5. Exemplo: se a turma do 2º período tem 31 alunos os totais referentes às suas respostas podem variar entre 93, 124 e 155 respostas, desse conjunto de 31 alunos.

Para efeito de sistematização do texto optou-se pela descrição das opiniões dos alunos, de acordo com os valores numéricos atribuídos e correspondentes à escala conceitual, entre 01 e 05, qualificados como: (1) insuficiente, (2) regular, (3) bom, (4) muito bom e (5) ótimo. Os valores selecionados pelas distintas turmas são registrados em tabelas conforme as frequências das expectativas para o desempenho das funções e das ações nos indicadores alistados. Quando pertinentes essas são representadas sob a forma de gráficos. Introduzem-se, também, essas figuras, para uma melhor visualização dos posicionamentos dos indicadores que estruturam as quatro dimensões avaliadas pelo conjunto dos alunos.

¹ Agradecemos as contribuições do Prof. Fábio Sergio Barbosa na elaboração do formulário.

Na consolidação dos dados de todos os indicadores no Gráfico de Consolidação de Tendências da Avaliação Discente, a escala conceitual recebe tratamento numérico aonde escores assumem valores entre 0,2 (insuficiente) a 1,0 (ótimo).

A avaliação se deu no final do primeiro semestre de 2010, no prédio de Saúde da UPE *Campus* Petrolina. O formulário foi aplicado por professores instruídos para esclarecer sobre possíveis dúvidas e dificuldades, e, para solicitar dos alunos a colaboração no aperfeiçoamento desse instrumento de coleta de formações. Esta solicitação, de certo modo, deixou nos responsáveis pela elaboração/realização/análise dos resultados da avaliação uma tranquilidade quanto à legitimação do instrumento utilizado, pois, a aprovação foi praticamente unânime.

2.0 DIMENSÕES DO CURSO DE ENFERMAGEM SUBMETIDAS A AVALIAÇÃO

1ª DIMENSÃO: ESTRUTURA INSTITUCIONAL DO *CAMPUS* PETROLINA: GESTÃO E EXECUÇÃO

2.1 AVALIAÇÃO GERAL DO DESEMPENHO DE FUNÇÕES GESTORAS POR MEIO DE MEDIA GERAL ESPECÍFICA DE CADA CRITÉRIO DA AVALIAÇÃO

Por estrutura institucional deste *campus* se entendem, neste Relatório, aspectos relativos à gestão e burocracia da Unidade quanto ao planejamento, a coordenação e a execução. Portanto, foram enfatizados: a Direção e as Coordenações Setoriais: Extensão e Cultura, Pós-Graduação e Pesquisa, Graduação, Biblioteca, e setores de apoio às atividades acadêmicas – Escolaridade e Técnico.

2.1.1 Avaliação dos quatro períodos do Curso de Enfermagem: Direção do *campus*

Na avaliação discente sobre a *Direção* da unidade foram observados os indicadores:

- ◆ Transparência das ações;
- ◆ Planejamento de recursos humanos e financeiros;
- ◆ Canais de participação aos funcionários e alunos;
- ◆ Manutenção da estrutura física e de materiais e ou equipamentos

O conjunto dos 31 alunos do 4º período do Curso, participante da avaliação, indica uma tendência para a concentração das respostas na escala inicial de valores (87%), o que externa

a compreensão de certa opacidade nas ações estratégicas desenvolvida pela Direção. A geração/atualização/utilização de canais de acesso à participação de funcionários e alunos, aliada a atividade de manutenção da estrutura física e de materiais/equipamentos necessários ao funcionamento do conjunto do *Campus*, juntos, correspondem a 48% das escolhas *bom e muito bom*.

O 7º período é constituído pela fusão da primeira e segunda turma do Curso de Enfermagem. Nele, entre todas as respostas dos quatro itens avaliados, 18 entre 37 alunos, atribuem o conceito *bom* (12,2%) ao desempenho da Direção.

Entre os 27 alunos do 6º período, talvez, por não vivenciarem muitas das experiências negativas sofridas em decorrência da implantação do curso, embora ainda não suficientemente, mostram-se mais satisfeitos: apresentam-se distribuição equitativa entre os itens da avaliação. Excetuando o item “canais de participação” do total dos alunos 24,1% atribuem conceitos acima de “bom”.

O 2º período toma parte da avaliação com 31 alunos. No julgamento dos itens - transparência das ações da gestão, planejamento de recursos e manutenção da estrutura física e de materiais e equipamentos - o valor mediano da participação dos conceitos, a exceção de ótimo, é de 24,5%.

A tabela 1 abaixo oferece uma posição geral das quatro turmas.

Tabela 01. Direção da unidade: conceitos atribuídos pelos alunos dos quatro períodos a estrutura institucional do Campus Petrolina, 2010.1.

CONCEITO	2º período	4º período	6º período	7º período
Insuficiente	40,3	60,4	41,0	62,2
Regular	35,4	22,0	37,0	27,1
Bom	17,0	15,3	22,2	11,0
Muito bom	6,5	2,4	0,0	0,0
Ótimo	0,0	0,0	0,0	0,0
Total	100	100	100	100

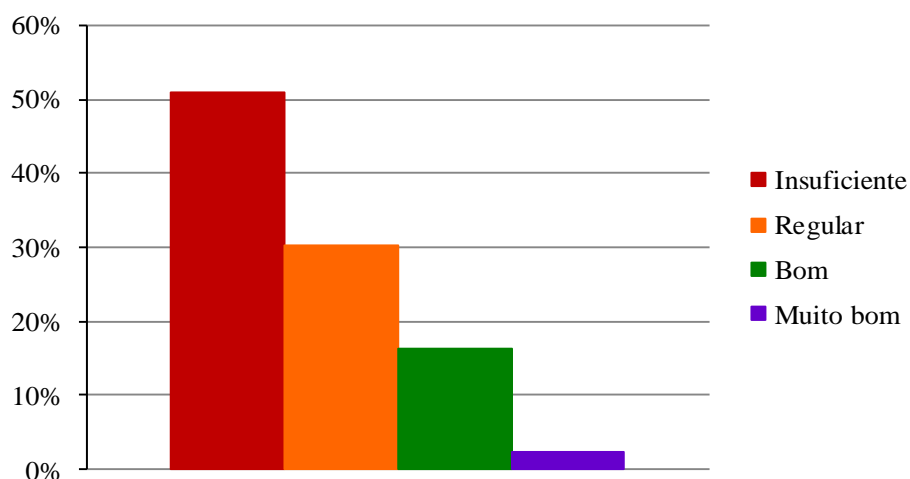


Figura 01. Direção da unidade: média dos conceitos atribuídos pelos alunos dos quatro períodos a estrutura institucional do Campus Petrolina, 2010.1

2.1.2 Avaliação do Desempenho das Coordenações Setoriais

2.1.2.1 Pós-Graduação e Pesquisa e Extensão e Cultura

O conjunto das funções e atividades submetidas à avaliação da missão universitária de pesquisa e extensão foi:

- ◆ Conhecimento das atribuições de coordenação;
- ◆ Incentivo à integralidade extensão/pesquisa;
- ◆ Presteza e eficácia nas solicitações;
- ◆ Incentivo à atividade de pesquisa;
- ◆ Semana universitária (extensão).

No 2º período predomina o conceito regular (29,8%) sobre desempenhos da Coordenação de Extensão. Mesmo que essa tendência se mostre, também, para a Coordenação Setorial de Pós-Graduação e Pesquisa (CSPGP), observa-se maior positividade na área da escala que cobre do “regular” ao “ótimo”: a cobertura concentra cerca de 41% das opiniões (embora 42% não tenha opinado), enquanto na Extensão este valor corresponde a 65,0% (10% não opinou).

Os alunos do 4º período manifestam opinião avaliativa semelhante: regular (26,7%), enquanto 38,7% das avaliações situam-se acima de “bom”. No que tange à pesquisa 19,4% julgam “regular” e 34,1% acima de “bom” – seguindo a mesma tendência do período anterior.

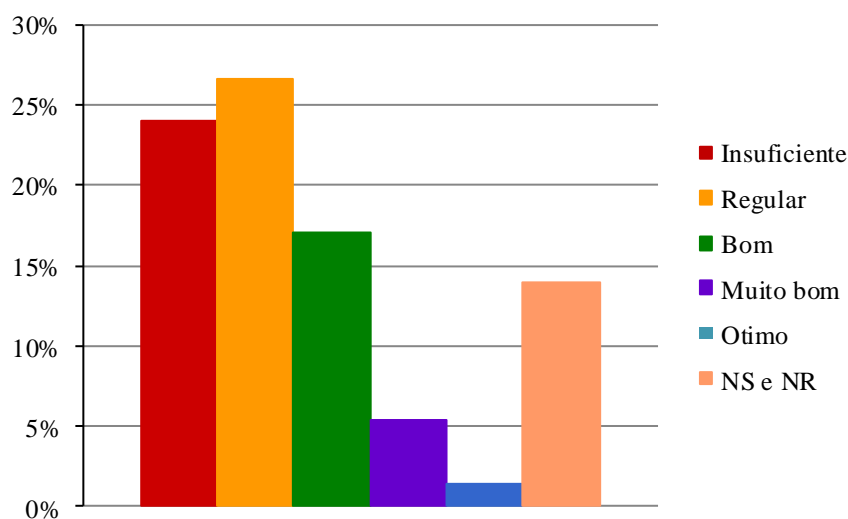


Figura 02. Avaliação discente: desempenho das Coordenações setoriais de Pós-Graduação e Pesquisa e de Extensão e Cultura. Média dos conceitos por período, 2010.

2.1.2.2 Coordenação de Graduação

No que tange a avaliação da Coordenação de Graduação tomam-se como parâmetro:

- ◆ Conhecimentos das atribuições;
- ◆ Planejamento pedagógico;
- ◆ Presteza e eficácia nas solicitações.

Identificam-se uma análise crítica referente à atuação da mesma, sendo que o 7º período apresenta uma avaliação quase equânime dos itens 1 ao 3, apresentando estes um diferencial inferior a 04 pontos percentuais. Mesmo assim uma considerável parcela (34,7%) coloca a Coordenação dentro dos parâmetros *bom* a *ótimo*. Com a gradativa estabilidade das turmas e da passagem do período para a implementação do curso, os períodos seguintes elevam esta avaliação para o quadro explicitado na tabela 03. Atente-se para o dado NR e NS (37%), muito alto considerando ser esta a turma pioneira.

Tabela 03. Número absoluto (NA). Participação dos conceitos atribuídos por discentes do curso de Enfermagem sobre a Coordenação de Graduação do Campus Petrolina, 2010.1

CONCEITO	2º período		4º período		6º período		7º período	
	NA	%	NA	%	NA	%	NA	%
Insuficiente	05	5,4	07	7,52	08	9,8	15	13,4
Regular	24	25,8	18	19,3	11	13,7	16	14,4
Bom	41	44,1	35	37,6	29	36,0	19	17,1
Muito bom	20	21,5	10	10,7	28	34,5	12	10,8
Ótimo	01	1,1	05	5,4	05	6,1	08	07,1
NS e NR	02	2,1	18	19,3	00	0,0	41	37,0
	93	100	93	100	81	100	111	100

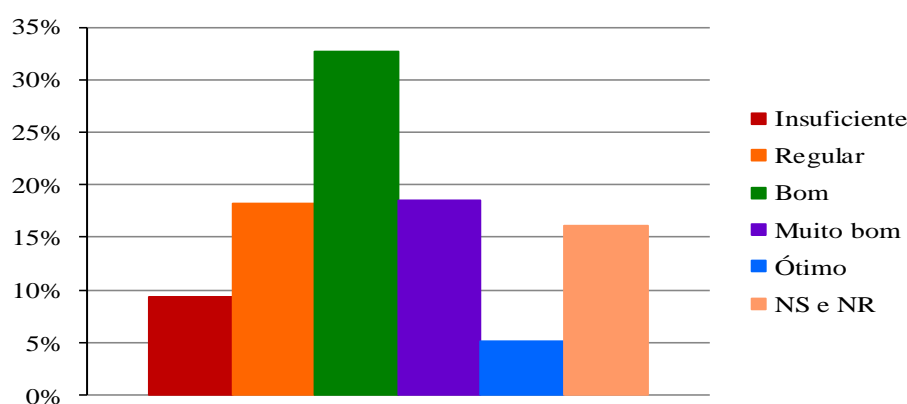


Figura 03. Média dos conceitos atribuídos por discentes do curso de Enfermagem sobre a Coordenação de Graduação do *Campus Petrolina*, 2010.

2.1.2.3 Apoio às atividades acadêmicas: Escolaridade

A avaliação do parâmetro apoio às atividades acadêmicas *Escolaridade* leva em conta os seguintes elementos:

- ◆ Acesso/ acessibilidade aos serviços em geral;
- ◆ Acesso/ acessibilidade ao SIGA;
- ◆ Solicitação de histórico escolar e declarações.

Quando analisados os critérios nos diferentes períodos, a média percentual 30,52% representa o conceito “*bom*”. Ressalte-se que, o 7º período assinala maior aglutinação de respostas dos alunos em *regular* (39,4 %) e, no 6º período 36,3% das respostas dirigem-se ao *bom* (Tabela 4).

Tabela 04. Número absoluto (NA) e porcentagem de múltiplas respostas de alunos do curso de Enfermagem, sobre a Coordenação Setorial *Escolaridade*, *Campus Petrolina*, 2010.1.

CONCEITO	2º período		4º período		6º período		7º período	
	NA	%	NA	%	NA	%	NA	%
Insuficiente	33	21,3	22	14,1	22	16,3	39	21,1
Regular	47	30,3	31	20,0	42	31,1	73	39,4
Bom	53	34,2	45	29,0	49	36,3	42	23,0
Muito bom	20	13,0	34	22,0	20	14,8	27	15,0
Ótimo	02	1,3	08	5,1	02	1,5	00	0,0
NS e NR	00	0,0	15	10,0	00	00	04	2,1
							00	185
								100

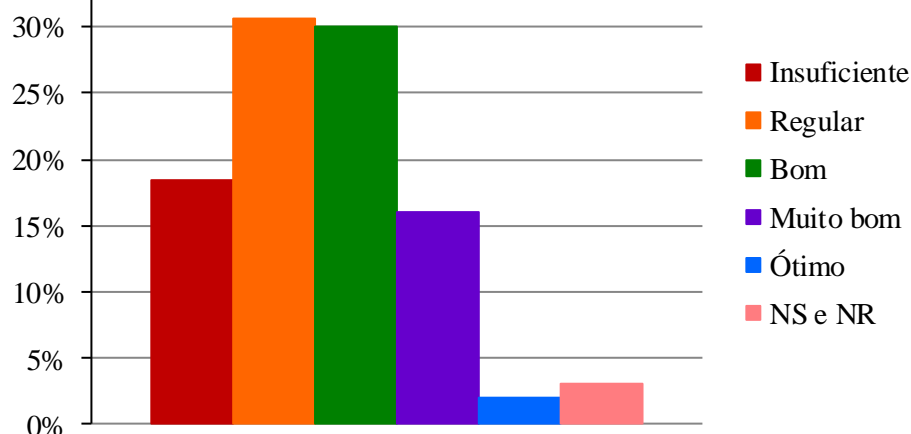


Figura 04. Média dos conceitos de múltiplas respostas de alunos do curso de Enfermagem, sobre a Coordenação Setorial Escolaridade, *Campus Petrolina*, 2010.1.

2.1.3 Biblioteca: desempenho e serviços

Os indicadores de avaliação da *Biblioteca do Campus* são:

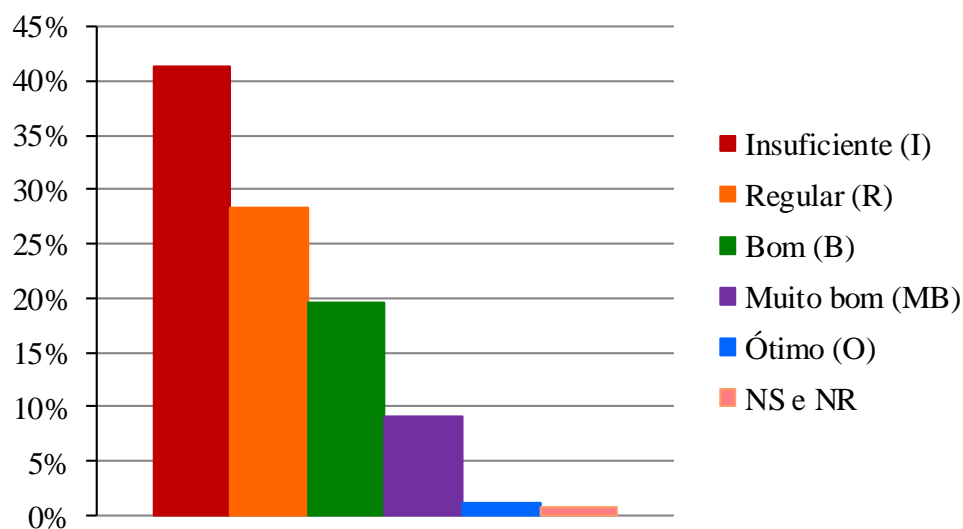
- ◆ Conhecimento das Atribuições de bibliotecário;
- ◆ Desempenho profissional;
- ◆ Presteza e eficácia nas solicitações.

Destacam-se, nessa avaliação do 7º e 4º períodos, o item *insuficiente* com 66,6 % e 46,2 das respostas, respectivamente. No 6º período sobressai o *regular*. Números melhores apresentam-se no 2º quando *bom*, ainda, acha-se tendente a *insuficiente* uma vez que juntos I e R somam 46,2%.

Tabela 05. Porcentagens dos conceitos avaliativos da Biblioteca. Número absoluto (NA) de respostas dos alunos de Enfermagem, por período e por escolhas. *Campus Petrolina*, 2010.1.

CONCEITO	2º período		4º período		6º período		7º período	
	NA	%	NA	%	NA	%	NA	%
Insuficiente (I)	19 ↑	20,4	43 ↑	46,2	20	25,0	74 ↑	66,6
Regular (R)	24 ↓	25,8	34 ↓	36,5	29	35,8	20 ↓	18,0
Bom (B)	30	32,2	14	15,0	19	23,4	11	9,8
Muito bom (MB)	16	17,2	02	2,1	13	16,0	03	2,7

Ótimo (O)	04	4,3	00	0,0	00	0,0	00	0,0
NS e NR	00	0,0	00	0,0	00	0,0	03	2,7
	93	100	93	100	81	100	111	100

F
i

gura 05. Média dos conceitos avaliativos da Biblioteca. *Campus Petrolina*, 2010.1.

2.1.4 Apoio às Atividades Acadêmicas: Técnico

Os indicadores que constituem a avaliação do *Apoio Técnico* para as atividades acadêmicas são:

- ◆ Eficiência;
- ◆ Pontualidade;
- ◆ Quantitativo;
- ◆ Presteza no atendimento;
- ◆ Recrutamento de pessoal e capacitação.

Em todos os períodos do Curso de Enfermagem predominam os conceitos *bom* (2º) e *regular* (4º, 6º). No 7º são, praticamente, equânimes os valores desses dois conceitos (Tabela 06).

Tabela 06. Avaliação do “Apoio Técnico” acadêmico do Campus Petrolina, 2010.1. Porcentagem dos conceitos atribuídos pelos alunos, por período, aos indicadores da avaliação do desempenho.

CONCEITO	2º Período		4º Período		6º Período		7º Período	
	NA	%	NA	%	NA	%	NA	%
Insuficiente	09	6,0	25	17,0	30	23,2	34	18,4
Regular	28	18,8	67	45,5	36	27,9	43	23,2
Bom	58	37,6	42	28,5	32	24,8	44	24,0
Muito bom	27	4,0	04	2,7	16	12,4	04	2,2
Ótimo	06	17,5	02	1,4	00	0,0	01	0,6
NS e NR	26	16,8	07	4,8	15	11,6	59	32,0
	154	100	147	100	129	100	185	100

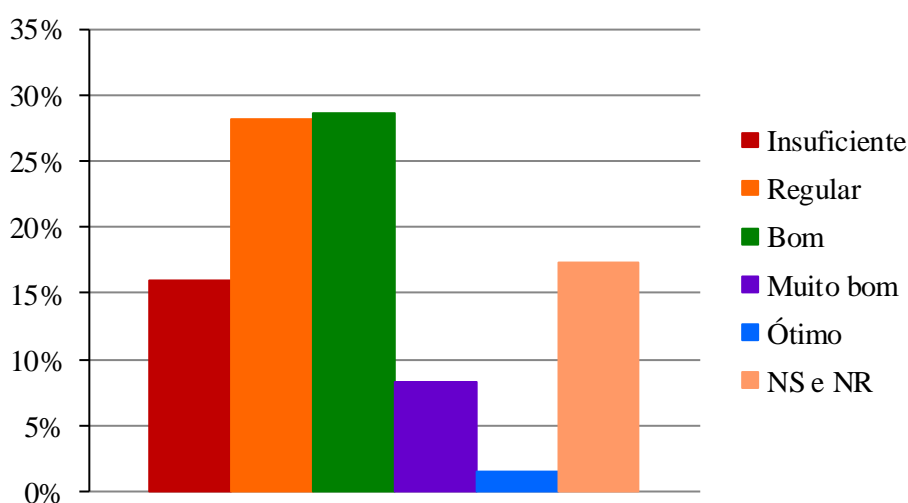


Figura 06. Média dos conceitos atribuída ao desempenho do Apoio Técnico.
Campus Petrolina, 2010.1.

Vale lembrar que os alunos foram esclarecidos que estes tipos de serviços referem-se, também, ao apoio na Coordenação de Enfermagem vivenciado por eles no dia-a-dia.

2.2 2ª DIMENSÃO: CORPO DOCENTE E PROJETO PEDAGÓGICO

Nesta dimensão encontram-se os indicadores de avaliação discente sobre o corpo docente e do projeto pedagógico do Curso de Enfermagem. Quais sejam:

- ◆ Atuação da Coordenação do curso;
- ◆ Qualidade do corpo docente efetivo;
- ◆ Qualidade do corpo docente não efetivo;
- ◆ Dedicção dos docentes efetivos;
- ◆ Dedicção dos docentes não efetivos;

- ◆ Coerência do currículo com os objetivos do curso;
- ◆ Metodologia de ensino;
- ◆ Apoio docente à promoção e participação de eventos;
- ◆ Apoio docente aos projetos de pesquisa e extensão.

As descrições que seguem agrupam os critérios acima em três blocos temáticos.

BLOCOS TEMÁTICOS SINTETIZADORES DOS CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO DOCENTE E PROJETO PEDAGÓGICO

BLOCO A → Interação e coerência das ações da Coordenação do curso de Enfermagem com o corpo docente e o projeto pedagógico (PPC) (currículo e metodologia de ensino);

BLOCO B → Qualidade e dedicação do corpo docente efetivo ou não efetivo (temporário);

BLOCO C → Interesse e estímulos dos docentes, em face aos discentes, para a participação na promoção de eventos variados e na pesquisa e extensão.

2.2.1 Bloco A. Interação e coerência das ações da coordenação de enfermagem com o corpo docente e o projeto pedagógico

A avaliação geral dos alunos no que tange as ações e práticas da Coordenação do Curso de Enfermagem versa, sobretudo, a respeito dos:

- ◆ Padrões das relações entre a Coordenação do curso e alunos, e, as articulações Coordenação - Direção da unidade - demandas discentes;
- ◆ Incentivos e apoio da Coordenação às atividades de pesquisa, ensino e extensão.

Os maiores agrupamentos das respostas aos parâmetros avaliativos primeiros (acima), apontam para o conceito *bom* nos períodos 2º, 4º, 6º. O 7º período indica aprovação ainda maior quando 29% elegem o conceito *muito bom*. Observada na escala a amplitude dos valores *bom*, *muito bom* e *ótimo* essa positividade chega a 77%, e no 4º período a 74%.

Tabela 07. Síntese das porcentagens atribuídas por alunos, sobre a relação: Coordenação de Enfermagem - aluno - Direção da Unidade. *Campus Petrolina*, 2010.1

CONCEITO	2º período		4º período		6º período		7º período	
	NA	%	NA	%	NA	%	NA	%
Insuficiente	04	3,2	14	11,2	12	11,1	15	10,1
Regular	35	28,2	18	14,5	21	19,4	17	11,5
Bom	43	35,5	32	25,8	28	25,9	36	24,3
Muito bom	27	22,1	30	24,1	23	21,3	35	23,6
Ótimo	12	9,7	30	24,1	16	14,8	43	29,2
NS e NR	02	1,6	00	0,0	08	7,4	02	1,3
	124	100	124	100	108	100	148	100

NA: Número Absoluto.

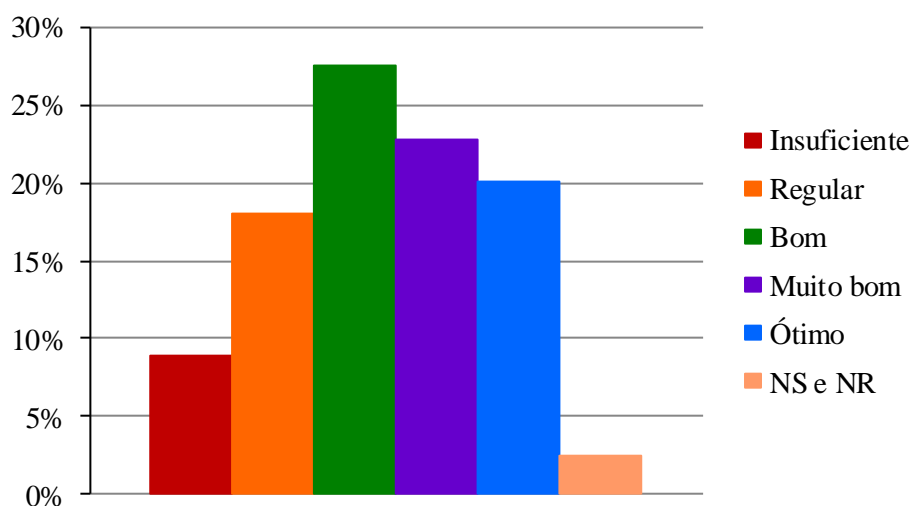


Figura 07. Média das porcentagens atribuídas por alunos, sobre a relação: Coordenação de Enfermagem - aluno - Direção da Unidade. *Campus Petrolina*, 2010.1

Quanto ao segundo parâmetro - a *coerência do currículo com os objetivos do PPC* – apenas os 6º e 7º opinam e atribui o conceito *bom*. Há que se ficar atento para melhorar as informações e explicitações dos sentidos desse indicador para os alunos, tendo em vista a sua importância para a qualidade e a personificação do Curso.

Em relação à *Metodologia* foi observada:

- ◆ Participação discente;
- ◆ Adequação dos conteúdos e o tempo;
- ◆ Técnicas utilizadas.

Em todos esses indicadores o conceito destacado na avaliação foi *bom*.

Tabela 08. Porcentagem das respostas, dos itens: Metodologia de ensino: a Participação discente; adequação dos conteúdos e tempo, técnicas e materiais utilizados. *Enfermagem, Campus Petrolina*, 2010.1.

CONCEITO	2º Período		4º Período		6º Período		7º Período	
	NA	%	NA	%	NA	%	NA	%
Insuficiente	05	4,0	02	1,6	03	2,8	14	9,4
Regular	20	16,0	33	26,6	36	33,3	31	20,9
Bom	68	54,8	39	31,4	39	36,1	76	51,4
Muito bom	29	23,0	49	39,5	25	23,1	21	14,2
Ótimo	02	1,7	01	0,8	05	4,6	06	4,1
NS e NR	00	0,0	00	0,0	00	0,0	00	0,0
	124	100	124	100	108	100	148	100

2.2.2 Bloco B. Qualidade e dedicação do corpo docente efetivo e não efetivo

Quanto à *qualidade e dedicação* do corpo docente efetivo, ou não², foram observados os aspectos:

- ◆ Domínio de conhecimentos;
- ◆ Didática;
- ◆ Cumprimento do cronograma tempo/conteúdos;
- ◆ Bibliografia;
- ◆ Qualidade e presteza das informações no SIGA.

Todos os quesitos componentes deste indicador mostram-se positivos na avaliação, sendo, prevaemente, nos 7º, 4º e 2º períodos o conceito *muito bom*. No 6º período destaca-se o *bom*. Quando se observa o conjunto da tabela 08, vê-se uma concentração no intervalo entre *bom e ótimo*, tanto para a *qualificação do corpo docente* como para a *dedicação desses às suas atividades pedagógicas*.

Vale atentar que, excetuando-se o 6º período, os dois indicadores em pauta apresentam melhor aprovação média do quadro de professores efetivos.

2.2.3 Bloco C. Apoio docente à promoção e participação de eventos e aos projetos de pesquisa e extensão

O sentimento de apoio prático docente à promoção e participação de eventos (acadêmicos, de lazer, solidário, semanas universitária e de Enfermagem) e aos projetos de pesquisa e extensão, são, sem dúvidas, importantes para a dinâmica e o desenvolvimento da práxis do aluno e do professor.

Como tendência geral, as avaliações consideram “*bom*” o *apoio dos professores aos eventos, o mesmo não ocorrendo nas atividades de pesquisa e extensão, quando se julgam ser “regular”* (Ver Tabela 09).

² Referem-se aos professores concursados para o quadro de regime temporário (2 anos).

Tabela 09. Frequências absolutas e porcentagem das respostas dos alunos sobre a Avaliação do Corpo Docente, por período, segundo a qualidade e dedicação dos docentes, efetivos e em regime temporário, representadas na escala de conceitos. *Campus Petrolina, 2010.1.*

CONCEITO	2º PERÍODO								4º PERÍODO							
	Efetivos				Não efetivos				Efetivos				Não efetivos			
	Qualidade		Dedicação		Qualidade		Dedicação		Qualidade		Dedicação		Qualidade		Dedicação	
	NA	%	NA	%	NA	%	NA	%	NA	%	NA	%	NA	%	NA	%
Insuficiente	01	0,6	00	0,0	04	2,6	00	0,0	07	4,5	00	0,0	04	2,5	00	0,0
Regular	14	9,0	03	2,4	17	11,0	07	5,6	17	11,0	11	8,9	23	15,8	06	4,8
Bom	47	30,3	26	21,0	50	32,0	26	21,0	51	33,0	23	18,5	54	34,8	34	27,4
Muito bom	58	37,4	55	44,4	53	34,0	47	38,0	57	37,0	68	55,0	58	37,4	64	51,6
Ótimo	35	22,6	40	32,3	32	20,5	40	32,3	18	11,6	22	17,7	16	10,0	20	16,1
NS e NR	00	0,0	00	0,0	00	0,0	04	3,2	05	3,2	00	0,0	00	0,0	00	0,0
	155	100	124	100	156	100	124	100	155	100	124	100	155	100	124	100

CONCEITO	6º PERÍODO								7º PERÍODO							
	Efetivo				Não Efetivo				Efetivo				Não Efetivo			
	Qualidade		Dedicação		Qualidade		Dedicação		Qualidade		Dedicação		Qualidade		Dedicação	
	NA	%	NA	%	NA	%	NA	%	NA	%	NA	%	NA	%	NA	%
Insuficiente	14	10,4	00	0,0	09	7,0	00	0,0	09	5,0	00	0,0	13	7,0	00	0,0
Regular	32	23,7	12	11,1	23	17,0	07	6,5	21	11,8	03	2,0	44	23,8	10	6,8
Bom	34	25,2	41	37,9	50	37,0	49	45,4	40	22,7	35	23,6	51	27,6	45	30,4
Muito bom	28	20,7	36	33,3	39	28,8	43	39,8	71	40,3	63	42,6	68	36,8	47	31,8
Ótimo	13	9,6	15	13,9	04	3,0	09	8,3	44	25,0	47	31,7	09	4,8	46	31,0
NS e NR	14	10,4	04	3,7	10	7,4	00	0,0	00	0,0	00	0,0	00	0,0	00	0,0
	135	100	108	100	135	100	108	100	185	100	148	100	185	100	148	100

NA= número absoluto.

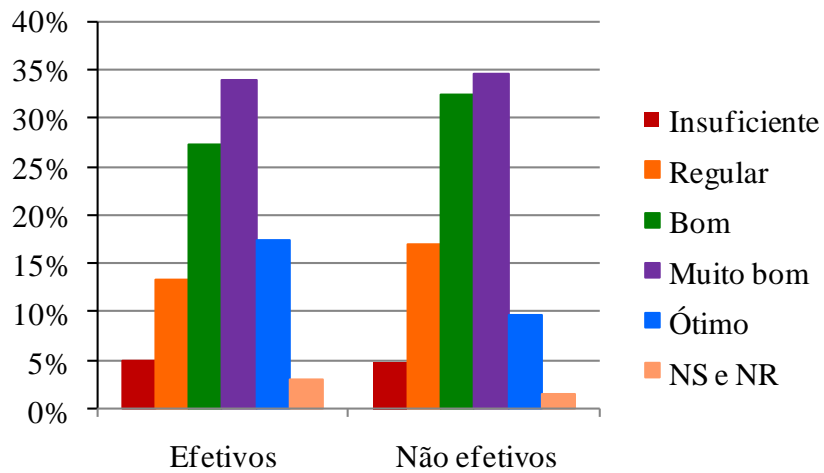


Figura 08. Média dos conceitos dos alunos atribuídos à qualidade dos docentes, efetivos e em regime temporário. *Campus Petrolina, 2010.1.*

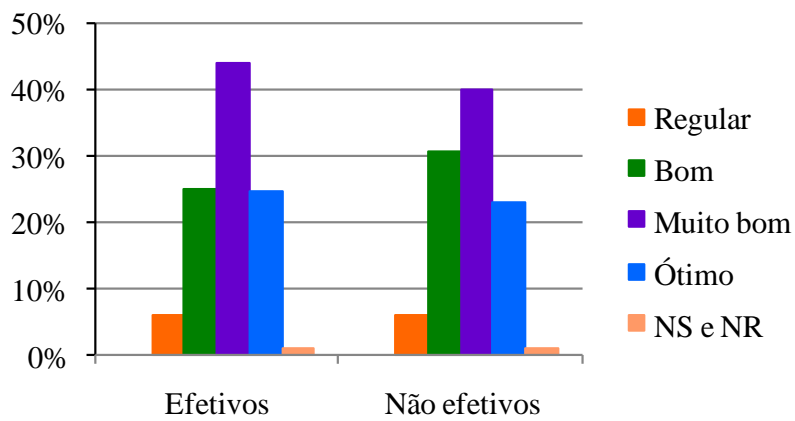


Figura 08.1. Avaliação do Corpo Docente: média dos conceitos dos alunos atribuídos à dedicação dos docentes efetivos e em regime temporário. *Campus Petrolina, 2010.1.*

Tabela 10. Avaliação do Apoio Docente à Promoção e Participação de Eventos e aos Projetos de Pesquisa e Extensão: frequência absoluta e relativa das escolhas eleitas pelos alunos, por períodos do Curso de Enfermagem do *Campus* Petrolina, 2010.1.

CONCEITO	2º PERÍODO				4º PERÍODO				6º PERÍODO				7º PERÍODO			
	Evento		Pes/Ext		Eventos		Pes/Ext		Eventos		Pes/Ext		Eventos		Pes/Ext	
	NA	%	NA	%	NA	%	NA	%	NA	%	NA	%	NA	%	NA	%
Insuficiente	33	20,7	27	21,8	21	14,6	39	31,4	16	11,8	35	32,4	36	19,3	45	30,4
Regular	47	29,5	40	32,2	42	29,1	35	28,2	43	31,8	37	34,2	43	23,1	37	25,0
Bom	60	38,0	21	17,0	43	29,9	34	27,4	47	34,9	17	15,7	62	33,4	17	11,5
Muito bom	16	10,0	09	7,2	27	18,7	12	9,7	24	17,8	06	5,5	22	12,0	16	10,8
Ótimo	03	1,9	00	0,0	11	7,7	02	1,6	05	3,7	06	5,5	12	6,4	05	3,4
NS e NR	00	0,0	27	21,8	00	0,0	02	1,6	00	0,0	07	6,5	10	5,4	28	19,0
	159	100	124	100	144	100	124	100	135	100	108	100	186	100	148	100

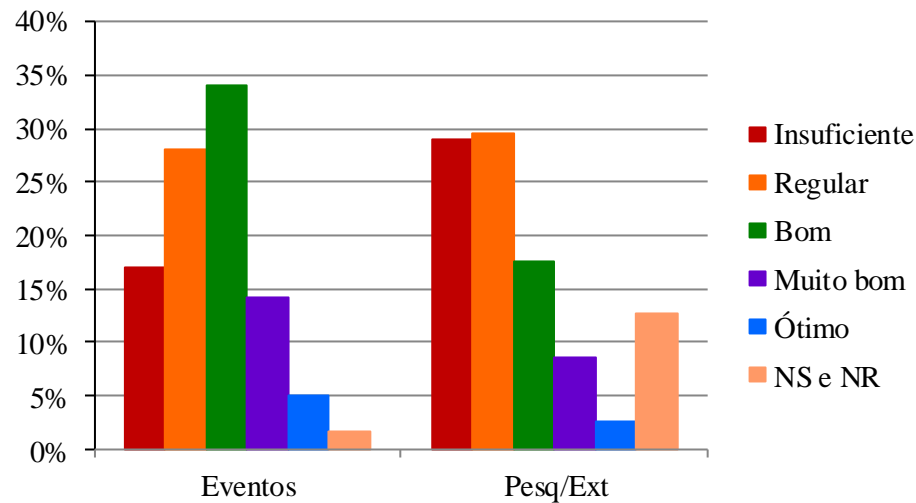


Figura 09. Avaliação do Apoio Docente à Promoção e Participação de Eventos, e aos projetos de pesquisa e extensão. Média dos conceitos das escolhas eleitas pelos alunos do Curso de Enfermagem, *Campus* Petrolina, 2010.1.

A maioria dos alunos do 7º período concorda que é *bom* o comportamento e as ações dos professores relacionadas ao apoio em eventos, mas, *insuficiente* quando se tratam desse apoio aos projetos de pesquisa e extensão.

O 6º período atribui o conceito *bom* às questões relacionadas aos “eventos” e *regular* aos projetos de pesquisa e extensão. O 4º período pensa que, são “boas” tendentes à *regular* as investidas dos professores no apoio aos eventos e *insuficientes* àquelas ligadas aos projetos de pesquisa e extensão. No 2º período as escolhas remetem a aprovação desse tópico “eventos” no ponto *bom*. No que tange ao critério de avaliação do docente associado ao apoio aos projetos de pesquisa e extensão, sublinham-se o ponto *insuficiente* ou *regular*, chegando-se a 54 % das escolhas.

Observe-se que na avaliação das Coordenações setoriais de Pós-Graduação e Pesquisa e de Extensão e Cultura, vêem-se a necessidade de traçar um planejamento das ações com o colegiado de Enfermagem, para que se investiguem as demandas e as insatisfações dos alunos nessas questões. Necessidade essa corroborada nesses parâmetros que avaliam a interação professor-aluno na promoção e no desempenho dessas atividades: pesquisa e extensão. É provável que a carga horária do Curso contribua para bloquear essa relação, trazendo impedimentos dos dois lados.

2.2 3ª DIMENSÃO: INSTALAÇÕES FÍSICAS

No tocante às instalações físicas foram avaliadas, basicamente, aspectos da estrutura dos prédios e das suas funcionalidades.

- ◆ Biblioteca;
- ◆ Laboratórios do Ciclo Básico;
- ◆ Laboratórios do Ciclo Profissional
- ◆ Salas de aula.

Vale ressaltar que as turmas iniciais agregaram alguns prejuízos a mais que as demais, pois, pelo menos nos dois primeiros semestres do Curso de Enfermagem, basicamente inexistiam as estruturas mínimas para o seu funcionamento, além de suporte didático para a pesquisa e para o aprendizado dos alunos. Isso, certamente, pode interferir nas avaliações.

2.3.1 Biblioteca

Na análise da estrutura física da Biblioteca os quesitos avaliados incluem:

- ◆ Acervo;
- ◆ Informatização de títulos e o acesso às redes virtuais;
 - ◆ Qualidade e eficácia no atendimento e a ambientação.

Reconhece-se que a maioria das escolhas dos alunos manifesta baixa aprovação, pois, encontra-se entre o conceito *insuficiente* ou *regular*. Os extremos chegam aos 83,9 pontos percentuais (7º) e aos 69,4% (2º) das eleições nos quesitos apresentados.

Tabela 11. Estrutura física da Biblioteca do Campus Petrolina: avaliação dos discentes do Curso de Enfermagem. Frequência relativa e absoluta nas atribuições dos conceitos.

CONCEITO	2º período		4º período		6º período		7º período	
	NA	%	NA	%	NA	%	NA	%
Insuficiente	39	31,4	52	42,0	35	32,4	87	58,9
Regular	47	38,0	40	32,2	34	31,5	37	25,0
Bom	25	20,2	21	17,0	27	25,0	12	8,1
Muito bom	11	8,9	07	5,6	10	9,2	07	4,7
Ótimo	02	1,6	03	2,4	02	1,8	01	0,7
NS e NR	00	0,0	01	0,8	00	0,0	04	2,7
	124	100	124	100	108	100	148	100

NA: Número absoluto.

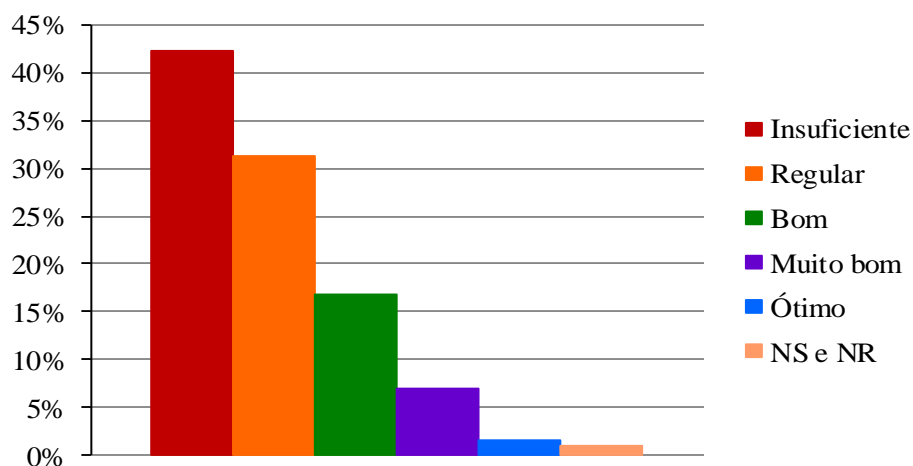


Figura 10. Estrutura física da Biblioteca do Campus Petrolina: avaliação dos discentes do Curso de Enfermagem. Média dos conceitos atribuídos.

2.3.2 Laboratórios

2.3.2.1 Ciclo Básico

Outro aspecto avaliado em instalações físicas está relacionado à estrutura dos Laboratórios do Ciclo básico. Estes servem de base para formação acadêmica nos períodos iniciais, onde o aluno entra em contato com conhecimentos que, também, futuramente são necessários para a sua formação.

A estrutura física dos laboratórios do Ciclo Básico foi avaliada segundo os critérios:

- ◆ Ambientação apropriada;
- ◆ Conservação e Manutenção de equipamentos e materiais;

- ◆ Biosegurança;
- ◆ Organização e Limpeza.

Os registros das informações indicam que os alunos aprovam o estado em que se encontram no momento: mais de 50 pontos percentuais das escolhas, por período, acham-se entre *bom* e *ótimo*. Quando associados ao conceito *regular* chega-se a uma média de 75 % das respostas, como pode ser evidenciado na Tabela 12.

Tabela 12. Avaliação das instalações físicas dos Laboratórios do Ciclo Básico do curso de Enfermagem do *Campus Petrolina*, 2010.1. Conceitos atribuídos segundo o período dos alunos.

CONCEITO	2º período		4º período		6º período		7º período	
	NA	%	NA	%	NA	%	NA	%
Insuficiente	11	9,0	18	14,5	21	19,4	28	18,9
Regular	40	32,2	40	32,2	18	16,7	41	27,7
Bom	45	36,3	31	25,0	51	47,2	47	31,8
Muito bom	22	17,7	32	26,0	16	14,8	20	13,5
Ótimo	06	4,8	03	2,4	02	1,8	08	5,4
NS e NR	00	0,0	00	0,0	00	0,0	04	2,7
	124	100	124	100	108	100	148	100

NA: Número Absoluto.

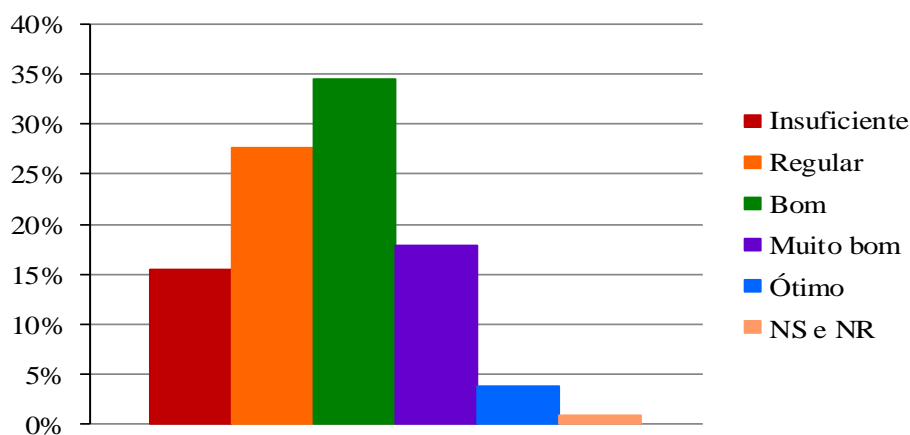


Figura 11. Avaliação das instalações físicas dos Laboratórios do Ciclo Básico do curso de Enfermagem do *Campus Petrolina*, 2010.1. Média dos conceitos atribuídos.

2.3.2.2 Ciclo Profissional

Também nesta dimensão avaliam-se a estrutura dos Laboratórios do Ciclo Profissional. Esses constituem instrumento para as aulas práticas nos períodos de formação profissional do Curso. Possibilitam o conhecimento e a vivência de simulacros situacionais e ambientais do cotidiano da profissão, instrumentalizando o aluno para as variadas práticas que fazem parte de sua malha curricular.

Os parâmetros para a avaliação são:

- ◆ Ambientação apropriada;
- ◆ Conservação e Manutenção de equipamentos e materiais;
- ◆ Biossegurança;
- ◆ Organização e limpeza.

O quadro apresentado, pelo 2º período, indica, coerentemente, o não envolvimento com esse tópico, pois as práticas nesses laboratórios iniciam no 3º período. Já nas duas turmas subsequentes as opiniões sobre os itens questionados tendem a posicionarem-se entre *bom* e *muito bom* (média aproximada de 51%). O 7º período traz cerca de 50% de seus julgamentos na cobertura da escala *insuficiente* e *regular*.

Tabela 13. Avaliação, por período, dos laboratórios do Ciclo Profissional do Curso de Enfermagem do *Campus Petrolina*, 2010. Frequências absolutas e relativas, representativas dos conceitos atribuídos pelos discentes.

CONCEITO	2º período		4º período		6º período		7º período	
	NA	%	NA	%	NA	%	NA	%
Insuficiente	06	4,7	23	18,5	13	12,0	33	22,3
Regular	04	3,2	30	24,1	34	31,5	44	29,7
Bom	10	8,1	39	31,4	44	40,7	39	26,3
Muito bom	11	8,9	28	22,5	13	12,0	18	12,7
Ótimo	00	0,0	04	3,2	04	3,8	06	4,0
NS e NR	93	75,8	00	0,0	00	0,0	08	5,4
	124	100	124	100	108	100	148	100

NA: Número Absoluto.

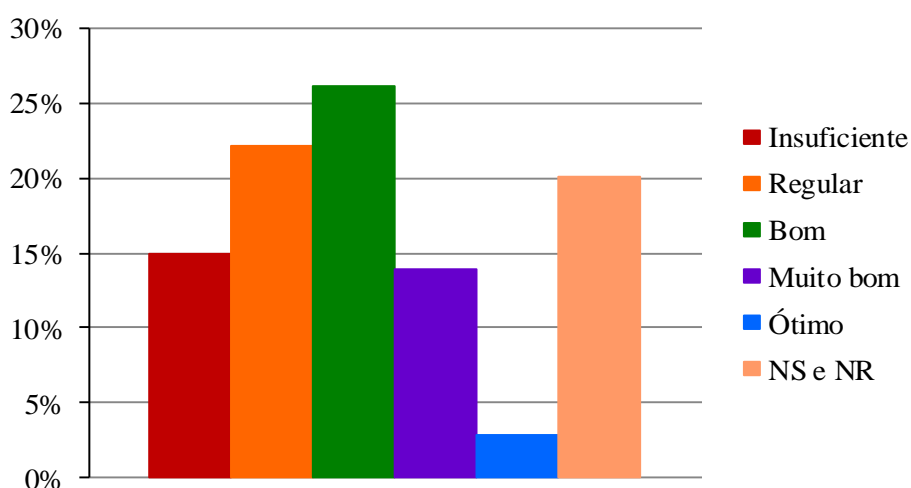


Figura 12. Avaliação, por período, dos laboratórios do Ciclo Profissional do curso de Enfermagem do *Campus Petrolina*, 2010. Média dos conceitos atribuídos pelos discentes.

2.3.3 Salas de aula: densidade aluno/m², iluminação-ventilação e acústica

Neste item elegem-se os seguintes parâmetros:

- ◆ Densidade alunos /m²;
- ◆ Iluminação e ventilação;
- ◆ Acústica.

O conceito com maior proporção foi *insuficiente*³, com destaque para os discentes do 7º período que apresentou 78,4 pontos percentuais das respostas neste critério. Destacam-se aqui, que este é um problema que está sendo solucionado pela gestão atual da UPE, com a construção de dois prédios (no *Campus*) que contarão com 48 salas de aulas, a serem inaugurados em 2011.1. Até por que o prédio em uso apresenta déficits de sala de aula e laboratório.

Tabela 14. Salas de aula do prédio de Saúde do *Campus* Petrolina: Densidade Aluno/m², Iluminação-Ventilação e Acústica. Número absoluto das atribuições de conceitos com base nas respostas dos alunos, por período do Curso. 2010.1.

CONCEITO	2º PERÍODO		4º PERÍODO		6º PERÍODO		7º PERÍODO	
	NA	%	NA	%	NA	%	NA	%
Insuficiente	45	48,4	44	44,3	36	44,4	87	78,4
Regular	38	41,0	17	18,5	15	18,5	13	11,7
Bom	10	10,8	13	14,0	20	24,7	08	7,2
Muito bom	00	0,0	03	3,2	07	8,6	03	2,7
Ótimo	00	0,0	11	11,8	00	0,0	00	0,0
NS e NR	00	0,0	05	5,4	03	3,7	00	0,0
	93	100	93	100	81	100	111	100

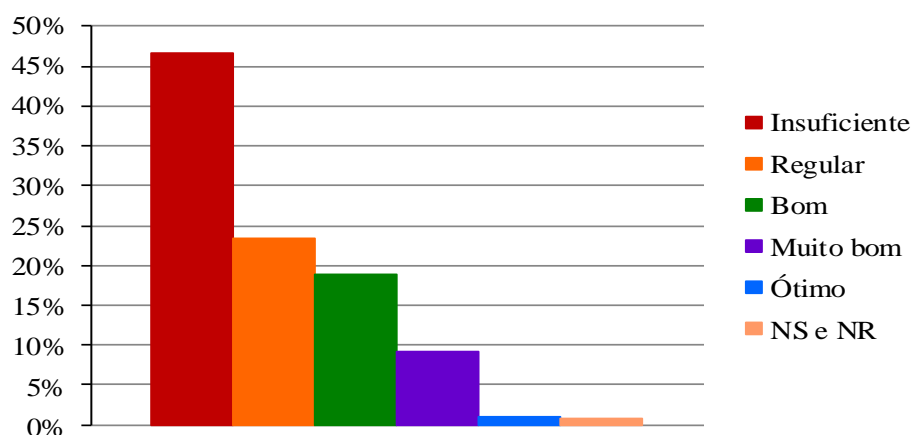


Figura 13. Salas de aula do prédio de Saúde do *Campus* Petrolina: Densidade Aluno/m², Iluminação-Ventilação e Acústica. Média das atribuições de conceitos com base nas respostas dos alunos, por período do Curso. 2010.1

2.4 4ª DIMENSÃO: AVALIAÇÃO DO CONJUNTO DO CORPO DISCENTE (DE SI E DOS OUTROS)

³ Com exceção do 4º período, o que merece uma (re)avaliação deste critério com essa turma.

2.4.1 Interesses, vocação e “orgulho de pertencer” ao curso

Os indicadores de avaliação discente sobre o reconhecimento de sua identidade de *aluno da UPE* (seu próprio corpo institucional) foram:

- ◆ Interesse pelo Curso;
- ◆ Vocação para a formação;
- ◆ Orgulho de pertencer a UPE.

A maioria dos acadêmicos elege o conceito *bom*, sendo que o 4º período concentra o maior contingente de assinalações nos conceito *muito bom*.

Tabela 15. Participação em numero absoluto e porcentagem de alunos relativo aos interesses, a vocação e ao pertencimento discente à UPE. *Campus Petrolina*. 2010.1.

CONCEITO	2º Período		4º Período		6º Período		7º Período	
	NA	%	NA	%	NA	%	NA	%
Insuficiente	18	19,4	06	7,2	00	0,0	10	9,1
Regular	27	29,0	12	14,4	08	9,9	19	17,1
Bom	29	31,2	26	31,3	31	38,2	39	35,2
Muito bom	17	18,3	38	40,8	29	35,7	30	27,0
Ótimo	02	2,1	11	13,3	13	16,1	13	11,7
NS e NR	00	0,0	00	0,0	00	0,0	00	0,0
	93	100	93	100	81	100	111	100

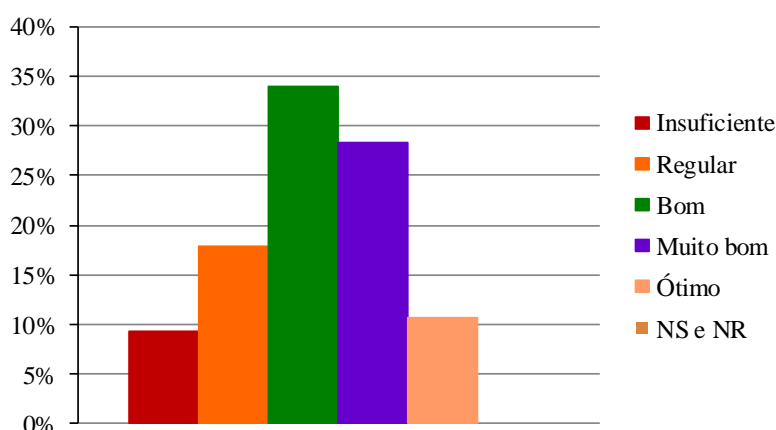


Figura 14. Média dos conceitos atribuídos pelos alunos relativos aos interesses, a vocação e ao pertencimento discente à UPE. *Campus Petrolina*. 2010.1.

2.4.2 A Assiduidade, a pontualidade e o cumprimento das obrigações estudantis

Do ponto de vista discente, dos dois períodos intermediários, os indicadores abaixo são considerados *bons* tendentes a *muito bons*, apresentando a média superior a 60,0%.

- ◆ Assiduidade;
- ◆ Pontualidade;
- ◆ Cumprimento das obrigações deste corpo acadêmico nas disciplinas

Tabela 16. Avaliação discente: Assiduidade, Pontualidade e Obrigações, por Período do curso de Enfermagem. *Campus Petrolina, 2010.1.*

CONCEITO	2º período		4º Período		6º Período		7º Período	
	NA	%	NA	%	NA	%	NA	%
Insuficiente	05	5,4	02	2,1	01	1,2	10	9,0
Regular	27	29,0	12	12,9	18	22,2	25	22,5
Bom	45	48,4	36	38,7	34	42,0	43	38,7
Muito bom	14	15,0	35	37,6	25	30,9	24	21,6
Ótimo	07	2,2	05	5,3	03	3,7	09	8,1
NS e NR	00	0,0	03	3,2	00	0,0	00	0,0
	93	100	93	100	81	100	111	100

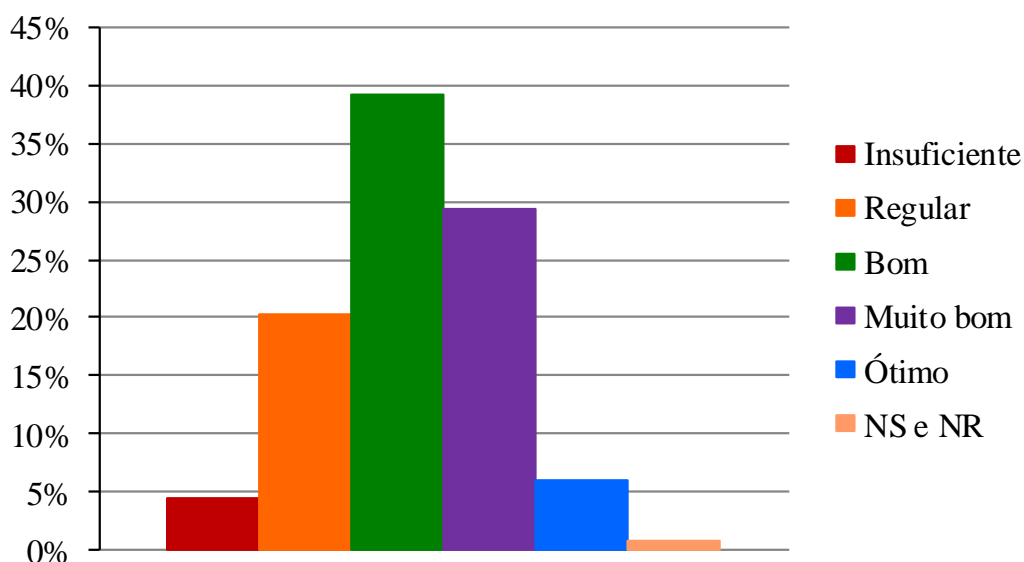


Figura 15. Avaliação discente da Assiduidade, Pontualidade e Cumprimento das Obrigações Estudantis. Média dos conceitos atribuídos. Curso de Enfermagem. *Campus Petrolina, 2010.1.*

2.4.3 Consideração e respeito para com os professores

No item onde se avaliam três componentes deste indicador, se obtêm maior número de repetições no conceito *muito bom* nos períodos 2º, 4º e 6º; no 7º o conceito *bom* é o mais visível.

- ◆ A consideração e respeito para com os professores;
- ◆ A consideração e o respeito para com os colegas de sala;
- ◆ A relação aluno/professor.

Tabela 17. Considerações e Respeito para com os Professores e Colegas de Sala e Relação Aluno/Professor. *Campus Petrolina, 2010.1*

CONCEITO	2º Período		4º Período		6º Período		7º Período	
	NA	%	NA	%	NA	%	NA	%
Insuficiente	06	6,5	01	1,1	00	0,0	03	2,7
Regular	13	↑14,0	05	5,3	01	1,2	16	↑14,4
Bom	33	35,5	14	15,0	25	30,8	43	38,7
Muito bom	34	36,6	51	55,0	39	48,2	34	30,6
Ótimo	07	7,5	22	23,6	16	19,8	15	13,6
NS e NR	00	00	00	↓0,0	00	↓0,0	00	↓0,0
	93	100	93	100	81	100	111	100

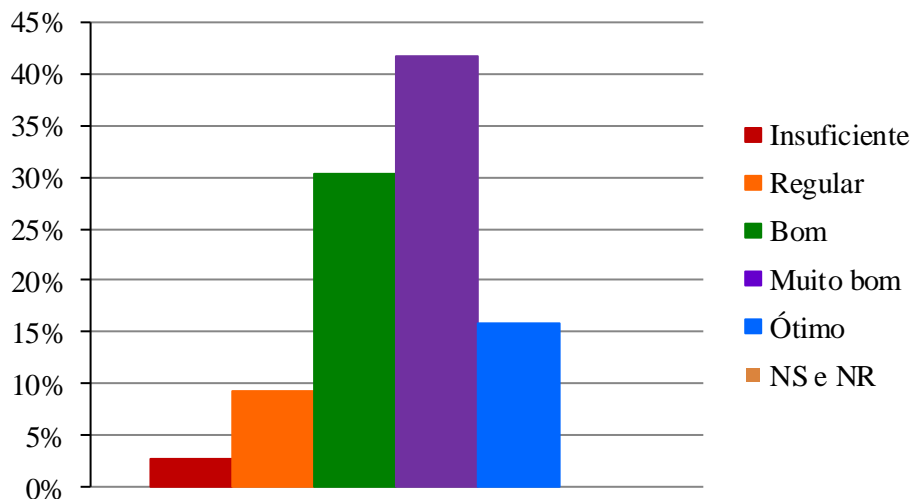


Figura 16. Avaliação discente: Assiduidade, Pontualidade e Obrigações. Média dos conceitos atribuídos. Curso de Enfermagem. *Campus Petrolina, 2010.1*

REPRESENTAÇÃO GRÁFICA DA SÍNTESE DAS QUATRO DIMENSÕES AVALIADAS NO CURSO DE ENFERMAGEM. CAMPUS PETROLINA, 2010.1.

Quadro 1. Scores padronizados* das quatro dimensões avaliadas no curso de Enfermagem. *Campus Petrolina, 2010.1*

ESTRUTURA INSTITUCIONAL: GESTÃO E EXECUÇÃO	Direção da Unidade	0,34
	Biblioteca	0,40
	Coordenação de Pesquisa	0,43
	Coordenação de Extensão	0,47
	Apoio técnico	0,48
	Coordenação Setorial - Escolaridade	0,50
	Coordenação da Graduação	0,58
CORPO DOCENTE E PROJETO PEDAGÓGICO	Apoio a projetos (pesq. e ext.)	0,43
	Apoio docente a eventos	0,52
	Coordenação de Enfermagem	0,66
	Qualidade dos não efetivos	0,66
	Qualidade dos efetivos	0,69
	Dedicação dos não efetivos	0,76
	Dedicação dos efetivos	0,78
INSTALAÇÕES FÍSICAS	Biblioteca	0,39
	Salas de Aula	0,39
	Laboratórios do Ciclo Profissional	0,52
	Laboratórios do Ciclo Básico	0,53
CORPO DISCENTE	Assiduidade, pontualidade, compromisso	0,62
	Pertencimento a UPE	0,63
	Consideração e respeito para com os professores	0,72

*Os scores variam de 0,2 (insuficiente) a 1,0 (ótimo), sendo registradas apenas as atribuições dos discentes que tinham alguma posição sobre os itens indagados.

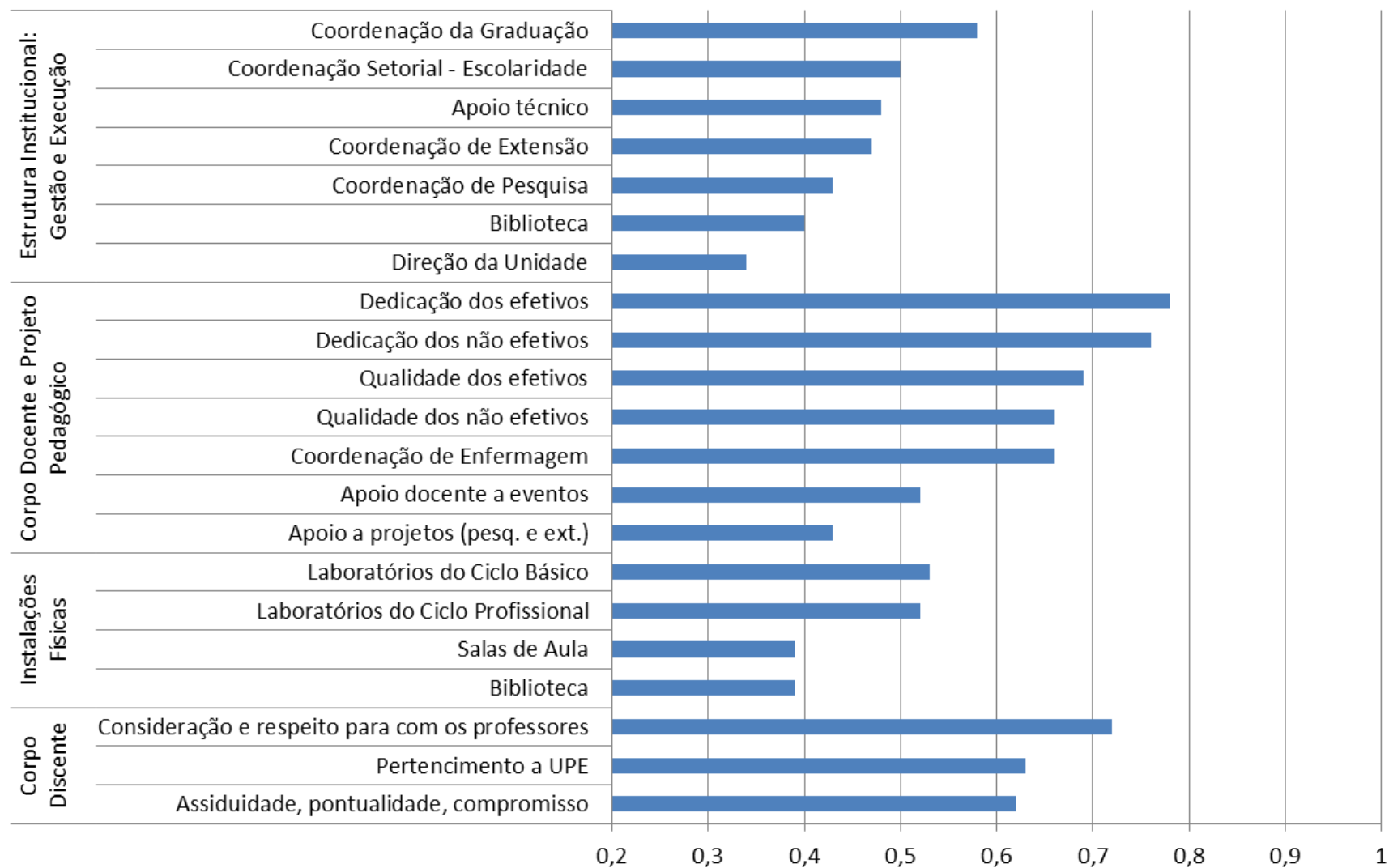


Figura 17. Consolidação dos dados dos indicadores da avaliação discente do curso de Enfermagem. *Campus Petrolina, 2010.1*

3 CONCLUSÕES

1 As tendências apontam para o otimismo, a confiança e a credibilidade, favoráveis ao sentimento de *pertencimento* ao Curso e a UPE, mas, que pode ser fortalecido com a maior visibilidade das estratégias e das decisões administrativas e gestoras. No momento, contraditoriamente, existem indícios que o tempo de permanência no curso está diretamente relacionado à aderência a identidade “*aluno Enfermagem UPE*”;

2 Predominam demandas potenciais e latentes pelo desbloqueio dos canais verticais de comunicação e participação, que ligam as funções e os desempenhos das coordenações, sobretudo, as Setoriais de Extensão e Cultura e de Pós-Graduação e Pesquisa e a Direção da Unidade ao corpo discente;

3 Respostas positivas ao desempenho geral da Coordenação atual do Curso de Enfermagem, indicando a confiança e o reconhecimento do trabalho dessa gestão;

4 Apreciação discente tendente à regular e insuficiente para com a infra-estrutura física da Unidade e do Curso: exceto os laboratórios do Básico;

5 Muito bom à ótimo o reconhecimento da qualidade e credibilidade no trabalho pedagógico e do conhecimento (na área) dos professores, tanto efetivos quanto os de contrato temporário. Ressaltando-se, entretanto, a tendência a maior valorização do quadro de efetivos tanto na “*qualidade*” quanto na “*dedicação*”;

6 O comportamento e as atitudes dos professores são medianamente avaliados no tocante aos incentivos à eventos. Sofre mais restrições no que tange aos incentivos à pesquisa e à extensão: vêm-se a necessidade de traçar um planejamento das ações com o colegiado de Enfermagem para que se investiguem as demandas e as insatisfações dos alunos nessas questões. Necessidade essa corroborada nos parâmetros que avaliam a interação professor-aluno na promoção e no desempenho da atividade de pesquisa e extensão. É provável que a carga horária do Curso contribua para bloquear essa relação, trazendo impedimentos dos dois lados;

7 Destaca-se a carência dos prédios, serviços e apoios relacionados à Biblioteca, necessitando urgentes providências;

8 Introduziu-se a “*dimensão desempenho discente*”, a ser avaliada pelo próprio corpo discente, para identificar as pistas como essa postura interfere na avaliação (1. como os alunos se situam no Curso/Unidade, 2. e, crê-se que, o momento de avaliação pode ser, um momento de reflexão para conscientização). A grande parte dos alunos pensa (julga, entende, acredita, imagina) que cumpre com as suas obrigações estudantis, que é assídua e pontual. Essa afirmação discente cresce quando se trata do respeito e da consideração com os colegas e professores. Parece salutar aprofundar o sentido dessas “*qualidades*” para que, com este esclarecimento, se evitem tendências a atitudes de responsabilização sobre as atividades e práticas acadêmicas apenas a instituição. Condições para o fortalecimento da cultura do “*outro*” (a instituição, os professores) e do “*eu/nós*” (eu, o aluno), pode enfraquecer o nascente sentimento de identificação discente com a instituição.

Uma visão panorâmica dessas tendências pode ser obtida na figura 17 - Consolidação dos dados dos indicadores da avaliação discente do curso de Enfermagem. *Campus Petrolina, 2010.1* e no quadro 1. Escores padronizadores, que acompanha esta figura.

Como todo relatório este busca traduzir as informações no plano da descrição, e as conclusões apresentadas são parciais e exigem maior reflexão e acompanhamento - até mesmo pela própria definição dialógica e construtiva de “*avaliação*”.

Petrolina, novembro, 2010.

APENDICE F- Avaliação docente do Curso de Enfermagem. *Campus* Petrolina.**AVALIAÇÃO DO CURSO DE GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM****1. CONTEXTUALIZAÇÃO DO CURSO****Identificação do curso**

Denominação: Bacharelado em Enfermagem

Realização: Universidade de Pernambuco *Campus* Petrolina

Tempo de Integralização Curricular:

Mínimo: perfil 2007 = 9 semestres (4 anos e meio)

Máximo: 16 semestres (8 anos)

Mínimo: perfil 2009 = 10 semestres (05 anos)

Máximo: 18 semestres (09 anos)

Carga Horária de Integralização:

Perfil 2007- 4.100h

Perfil 2009 – 4.190h

Regime Escolar: semestral

Modalidade: presencial

Turnos de Funcionamento: Manhã e Tarde

Número de vagas: 40 ao ano

Forma de Ingresso do Aluno: Processo seletivo, transferência externa, interna e ex-ofício.

O curso de Enfermagem teve início no final do ano de 2006, no prédio da Faculdade de Formação de Professores de Petrolina (FFPP), da UPE em vestibular extraordinário. Teve o projeto de implantação aprovado pelo Conselho Universitário através da Resolução CONSUN nº 20/2006, de 19 de dezembro de 2006, retroativo a 25 de abril de 2006. Atualmente está em processo de reconhecimento.

O processo seletivo para ingresso no curso ocorre através de vestibular unificado da Universidade de Pernambuco, com 40 vagas, em uma única entrada, funcionando coletivamente em atividades teóricas, subdividindo-os em subturmas para atividades práticas em laboratórios e nos serviços de saúde.

2. CATEGORIAS AVALIADAS

A Comissão Setorial de Avaliação, juntamente com a coordenação do curso, realizou avaliação na categoria: corpo docente. Em relação aos técnicos administrativos, não foram realizadas avaliações, pois o curso não dispõe de funcionários próprios. Em todas as avaliações, consideramos três dimensões: organização didático pedagógica; Corpo docente e discente; instalações físicas.

2. AVALIAÇÃO DOCENTE

No dia 24 de novembro de 2010, se reuniram na sala dos professores, do prédio de Saúde desse *Campus*, os docentes do curso de enfermagem para avaliação docente. Estavam presentes os seguintes professores:

Alda Justo
Diego Pires Rocha
Flávia Emília C.V.Fernandes
Inalda Maria de Oliveira
Lusineide Carmo Andrade de Lacerda
Maria Antonieta Albuquerque de Souza
Maria Elda A. L. Campos
Marta Guimarães
Maryluce A. da Silva Campos
Nadja Maria dos Santos
Paulo Emilio Macedo
Priscylla Helena Sobral
Raquel Mola de Matos
Rosa de Cássia Miguelino Silva
Rosana Alves de Melo
Volmir E. Peres

Ausentes:

Fábio Sérgio Barbosa da Silva
Flávia Bezerra de Souza Melo
Luiza Taciana Rodrigues de Moura
Marismar Fernandes do Nascimento
Thereza Christina de C. L. Gama

Dimensão 1: Organização Didático Pedagógica

1.1. Implementação das políticas institucionais constantes no PDI, no âmbito do curso

Sem avaliação

1.2. Funcionamento de instância coletiva: colegiado de curso

- O colegiado do curso se reúne uma vez por mês, em caráter ordinário e eventualmente, em caráter extraordinário. Além dos docentes do curso, são convidados a participar os professores substitutos e representantes discentes.
- O coordenador do curso é membro titular nas reuniões mensais do Conselho de Gestão Acadêmica e Administrativa da UPE *Campus* Petrolina.

1.3. Coerência entre o PPC e do currículo com as Diretrizes Curriculares Nacionais

- A organização curricular do curso está coerente com o perfil de profissional que queremos formar. Ou seja, de acordo com o projeto, “Formar profissionais enfermeiros (as) aptos a cuidar do ser humano, família, grupos e comunidade em situações de saúde e doença, no âmbito da gestão, gerência, supervisão e avaliação no Sistema Único de Saúde.”.
- A organização do currículo conseguiu, nesses anos de efetiva atuação, manter os seguintes eixos norteadores, de acordo com o PPC:
 - Os conteúdos essenciais para o curso de graduação em Enfermagem foram fundamentados em alguns pressupostos: Priorização do processo de integração disciplinar, a relação de teoria e prática desde o início da formação; a graduação como processo formativo inicial, capacitando o aluno para educação permanente; a educação em saúde como pressuposto do cuidado ao indivíduo em todas as fases do desenvolvimento humano e do processo saúde-doença.. Os conteúdos devem contemplar:

ÁREAS TEMÁTICAS	ENFOQUE
1. Ciências Biológicas e Sociais da Saúde	
A. Biológicas	I – Ciências biológicas e da saúde – Conhecimentos (teóricos e práticos) de bases moleculares e celulares dos processos normais e alterados, da estrutura e função dos tecidos, órgãos, sistemas e aparelhos, aplicados às situações decorrentes do processo saúde-doença no desenvolvimento da prática assistencial de Enfermagem.
B. Humanas e Sociais	II – Ciências humanas e sociais – Incluem-se os conteúdos referentes às diversas dimensões da relação indivíduo/sociedade, contribuindo para a

	compreensão dos determinantes sociais, culturais, comportamentais, psicológicos, ecológicos, éticos e legais, nos níveis individual e coletivo, do processo saúde doença.
2. Ciências da Enfermagem	
A. Fundamentos da Enfermagem	A. Fundamentos de Enfermagem – Os conhecimentos técnicos, metodológicos e os meios e instrumentos inerentes ao trabalho do Enfermeiro e da Enfermagem em nível individual e coletivo.
B. Processo do Cuidar em Enfermagem	B. Processo do Cuidar em Enfermagem – conhecimentos (teóricos e práticos) que compõem o cuidar em Enfermagem em nível individual e coletivo prestada à criança, ao adolescente, ao adulto, à mulher e ao idoso, considerando os determinantes sócio-culturais, econômicos e ecológicos do processo saúde-doença, bem como os princípios éticos, legais e humanísticos inerentes ao cuidado de Enfermagem.
C. Gestão em Enfermagem	C. Gestão em Enfermagem. Processo de trabalho de Enfermagem e da assistência de Enfermagem. Gestão em Saúde.
D. Educação em Saúde e Pesquisa	D. Educação em Saúde e Pesquisa. Conhecimentos pertinentes à capacitação pedagógica do enfermeiro e investigação científica.

1.4. Adequação e atualização das ementas, programas e bibliografias dos componentes curriculares, considerando o perfil egresso.

- As ementas do curso, os programas e bibliografia, foram todas atualizadas, em relação à proposta inicial do curso. Elas estão coerentes com o perfil do egresso e atendem às diretrizes curriculares.

1.5. Adequação dos recursos materiais específicos do curso (laboratórios e instalações específicas, equipamentos e materiais) com a proposta curricular.

- Os laboratórios do profissional estão minimamente estruturados. Falta material de consumo; faltam insumos; falta espaço no laboratório (capacidade e qualidade);
- É preciso desmembrar laboratórios. Há laboratórios sendo usados em quatro disciplinas;
- Faltam peças cadavéricas. As peças de plástico são de péssima qualidade.

1.6. Coerência dos procedimentos de ensino-aprendizagem com a concepção do curso

- Os procedimentos e a metodologia de ensino estão coerentes com a concepção do curso.

- O laboratório de anatomia possui peças de plástico e ossário. No entanto, necessita de mais espaço e peças cadavéricas, além de profissional que prepare as peças para aula (técnico de necropsia).

1.7. Atividades acadêmicas articuladas à formação

- O curso não prioriza atividades de pesquisa e extensão pois os alunos não têm horário disponível na malha curricular. Os pequenos horários livres (duas tardes) dos discentes são ocupados pelos docentes para repor aulas extras;
- Foi sugerido que Pesquisa e extensão sejam realizadas aos sábados;
- Falta incentivo à participação de discentes e docentes em atividades fora da IES.
- O curso não possui conceito, pois ainda não tem turma formada.

Dimensão 1: Nota 04

Potencialidades:

- O aumento do número de profissionais possibilitou melhor encaminhamento do curso.
- Nossa proposta curricular está coerente com o perfil do profissional que queremos formar;

Fragilidades:

- Falta apoio de técnicos.
- Insumos e equipamentos insuficientes.

Recomendações:

- Rever espaço na malha curricular para alunos realizarem pesquisa e extensão.

Dimensão 2: Corpo Docente, Corpo Discente e Corpo Técnico Administrativo.

- #### 2.1. Formação acadêmica, experiência e dedicação do coordenador à administração e condução do curso

- A coordenação do curso é realizada pela enfermeira professora Marta Guimarães, bacharel em enfermagem e especialista em Metodologia do ensino superior, título obtido em 1990.
- O coordenador possui 23 anos de experiência no magistério e gestão acadêmica de 08 anos.

2.2. Caracterização, composição e titulação do núcleo docente estruturante

- Atualmente, o colegiado do curso é composto por 21 docentes, sendo 04 doutores, 04 mestres e 13 especialistas. Os professores têm contrato em tempo integral (40 horas) e seis (06) estão com dedicação exclusiva à universidade. Além destes docentes, o departamento conta com professores do básico do curso de Fisioterapia e Nutrição desta mesma unidade, sendo 03 doutores e 06 mestres.
- Faltam três (03) enfermeiros para complementar o quadro de docentes necessários ao curso.

• DOCENTES DO CURSO

Professor	Área de formação	Área de atuação	Titulação	Regime de trabalho (h)
Alda Maria Justo	Enfermagem	Saúde Coletiva	Mestrado	40
Diego Pires Rocha	Ciências Biológicas	Morfologia	Especialização	40
Fábio Sergio Barbosa da Silva		Microbiologia	Doutorado	40*
Flávia Bezerra de Souza Melo	Enfermagem	Imunologia	Doutorado	40*
Flávia Emilia Cavalcante Valença Fernandes	Enfermagem	Saúde Coletiva	Especialização	40
Luíza Taciana Rodrigues de Moura	Enfermagem	Enfermagem médico cirúrgica	Especialização	40
Lusineide Carmo Andrade de Lacerda	Enfermagem	Enfermagem médico cirúrgica	Especialização	40
Inalda Maria de Oliveira	Enfermagem	Enfermagem médico cirúrgica	Especialização	40
Maryluce A da Silva Campos	Ciências Biológicas	Histologia/Embriologia	Doutorado	40*
Maria Antonieta Albuquerque de Souza	Ciências Sociais	Sociologia da Saúde	Doutorado	40*
Maria Elda Alves de Lacerda Campos	Enfermagem	Epidemiologia	Mestrado	40
Marismar Fernandes do Nascimento	Enfermagem	Enfermagem médico cirúrgica	Especialização	40
Marta Solange Albuquerque Guimarães	Enfermagem	Saúde Coletiva	Especialização	40
Nadja Maria dos Santos	Enfermagem	Saúde Coletiva	Especialização	40
Paulo Emílio Macedo Pinto	Psicologia	Psicologia	Mestrado	40

Priscylla Helena Alencar Falcão Sobral	Enfermagem	Saúde da Mulher e Criança	Especialização	40
Rachel Mola de Matos	Enfermagem	Enfermagem médico cirúrgica	Especialização	40
Rosa de Cássia Miguelino Silva	Enfermagem	Saúde da Mulher e Criança	Especialização	40
Rosana Alves de Melo	Enfermagem	Saúde da Criança	Especialização	40
Thereza Christina da Cunha Lima Gama	Enfermagem	Gestão em Saúde	Mestrado	40
Wolmir Ercides Péres	Enfermagem	Gestão em saúde/ Enfermagem médico cirúrgica	Especialização	40

Nota:*Dedicação exclusiva

Caracterização dos docentes do Colegiado de Enfermagem. Petrolina, 2010

DOCENTES QUE MINISTRAM AULAS NO CURSO, LOTADOS EM OUTROS COLEGIADOS – FISIOTERAPIA, NUTRIÇÃO - TRONCO COMUM

Professor	Colegiado de Origem	Área de atuação	Área de qualificação	Titulação	Regime de trabalho (h)
Leilyane Conceição de Souza Coelho	Fisioterapia	Farmacologia	Ciências Farmacêuticas	Mestrado	40
Rita de Cássia Maria Neves	Fisioterapia	Antropologia	Antropologia	Doutorado	40
Regina Lúcia Félix Aguiar Lima	Fisioterapia	Bioquímica	Tecnologias Energéticas Nucleares	Doutorado	40
Ricardo Kenji Shiosaki	Fisioterapia	Parasitologia/ Citologia	Ciências Biológicas	Doutorado	40
Adauto Almeida Neto	Fisioterapia	Patologia	Patologia	Mestrado	40
Ricardo Freitas Dias	Fisioterapia	Fisiologia	Ciência da Motricidade Humana	Mestrado	40
Helker Albuquerque da Silva	Nutrição	Ciências Básicas	Biologia Celular e Molecular Aplicada	Mestrado	40
Paulo Adriano Schwingel	Nutrição	Bioestatística/ Metodologia da Pesquisa	Medicina e Saúde	Mestrado	40
Ticiane Parente Aragão	Nutrição	Farmacologia	Ciências Farmacêuticas	Mestrado	40
Edivaldo Xavier da Silva Júnior	Fisioterapia	Morfologia	Análises clínicas	Especialização	40

2.3. Produção de material didático ou científico do corpo docente

- Os docentes do curso têm participado de eventos nacionais, com apresentação de trabalhos. No entanto, embora haja um número significativo de professores com relevante produção, a maioria ainda necessita uma maior dedicação e produção mais consistente.

- Os docentes do curso têm conseguido financiamento de pesquisas e bolsas de iniciação científica. Atualmente, temos dois docentes com pesquisas financiadas pela própria UPE e através de órgãos de fomento como CNPq. Em relação às bolsas de IC, temos aprovações em todos os períodos, desde o início do curso.
- 2.4. Adequação da formação e experiência profissional do corpo técnico e administrativo
- Não temos funcionários para apoio e secretaria do curso. A secretaria do curso funciona no outro prédio com funcionário da unidade.
 - Não há técnicos administrativos para dar suporte estrutural ao curso (secretaria, apoio técnico, zelador). O apoio é feito através de estagiários.
- 2.5. Corpo Discente
- Há uma maior necessidade de incentivar os discentes a realizarem projetos de pesquisa e extensão;
 - Faltam mecanismos de nivelamento dos alunos que vêm de outros cursos e instituições. A diferença de nível tem prejudicado esses alunos.

Dimensão 2: Nota 02

Potencialidades:

- O curso está amadurecido e formando a primeira turma;
- Intensa participação discente em todas as atividades acadêmicas e extra-acadêmicas do curso.
- O corpo discente está reconhecendo o curso de enfermagem da UPE como um curso muito bom. O aluno se identifica e tem orgulho de ser da UPE. Curso concorrido no vestibular.
- Temos conseguido aprovar muitos alunos em concursos para estágio na região.

Fragilidades:

- O corpo docente da área profissional, em sua maioria, é composto de especialistas, o que impossibilita participar de editais em órgãos de fomento nacionais;
- Falta de verba específica para viagens de apresentação de trabalhos;
- Falta política de nivelamento dos alunos procedentes de outras instituições de ensino ou de transferências internas;
- Ainda faltam enfermeiros no curso.

Recomendações:

- Pensar uma política de formação docente (mestrado e doutorado);
- Concurso para docentes e técnicos administrativos.
- O curso deve se mostrar um pouco mais. Realizar eventos de extensão e ir à rua.

Dimensão 3: Instalações Físicas

3.1. Espaços físicos utilizados no desenvolvimento do curso

- As salas de aula são extremamente quentes e sem ventilação. Quantidade de salas é insuficiente. Esperamos que se resolva com a construção das novas instalações da UPE em Petrolina.
- Falta adequar às normas de segurança. Não temos extintores.

3.2. Tipologia e quantidade de ambientes/laboratórios de acordo com a proposta do curso

- Falta laboratório de informática com condições de gerenciar programas do Ministério da Saúde. Utilizamos o laboratório dos cursos de licenciatura. Nem sempre está livre no horário necessário.
- O laboratório de microscopia tem material, mas trabalha no limite. O ideal é ter pelo menos 20 microscópios funcionando. Mesmo assim, foi realizada uma revisão nos microscópios que existem para iniciar o primeiro semestre de 2011.
- O laboratório de anatomia possui algumas peças humanas, peças de plástico e ossuário. No entanto, necessita de mais espaço e peças cadavéricas

3.3. Livros – Bibliografia Básica e complementar

- A Biblioteca não possui condições de atender à nova demanda de alunos. Faltam livros e não há um controle rigoroso dos livros que foram comprados. Empréstimos sem controle. A biblioteca não atende à bibliografia básica, nem a profissional. Mesmo assim, percebemos o esforço com a recente compra de livros.
- A biblioteca não tem o número mínimo de livros recomendados (1 livro para cada 08 alunos)
- Falta assinatura de periódicos importantes ao curso de enfermagem.

3.3. Periódicos, base de dados específicas, revistas

- Faltam computadores com acesso à internet e base de dados para pesquisa em periódicos CAPES, na biblioteca. Os computadores são em número insuficiente em relação ao quantitativo de alunos.

Dimensão 3: Nota 01

Potencialidades:

- Finalização dos prédios que funcionarão como sala de aula;

Fragilidades:

- Falta de funcionários na biblioteca;
- Sistema de consulta e empréstimos não informatizado;
- Falta de técnico e peças cadastradas

Recomendações:

- Concurso para bibliotecária e demais técnicos administrativos;
- Melhorar sistema de informatização do *campus*

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Comissão de Avaliação do *Campus* Petrolina, constituída pela professora Rita de Cássia Maria Neves, realizou o presente relatório, fruto de avaliação realizada com docentes, no curso de enfermagem.

Foi constatado que embora o curso de enfermagem ainda não tenha formado turma e esteja em processo de implementação, o curso tem potencialidades em relação ao PPC e se encontra atendendo a todas as especificações. Os maiores problemas encontrados se referem à qualificação docente (a maioria dos profissionais enfermeiros são especialistas e precisam fazer mestrado); à falta de técnicos administrativos e às Instalações físicas deficientes. Não há livros em número suficiente, nem infraestrutura adequada ao curso.

No entanto, desde a implantação do curso foram tomadas algumas medidas para a melhoria do mesmo, tais como:

- A conclusão do PPC do curso com participação de todo o colegiado;
- Têm ocorrido algumas licitações de compra de equipamentos para os laboratórios e livros para a biblioteca.

- Foi solicitado à pro-reitoria de pesquisa e pós-graduação uma proposta de Minter para formar os docentes do curso. Estamos aguardando resposta.
- Foram realizados concursos para docentes, faltando apenas dois docentes para obter o quadro de professores necessários ao curso.
- Nos últimos dois anos foram realizados vários projetos de pesquisa, extensão e monitoria, nos quais os discentes têm participado de forma voluntária e também com bolsas do CNPq e PFAUPE.

Petrolina, 15 de março de 2011.

Rita de Cássia Maria Neves

APENDICE G- Certificados de Pós Graduação dos docentes do Curso de Enfermagem